

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES



DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO

Lima Figueirêdo

GERENTE:

João Baptista de Mattos

ANNO XXII

Brasil — Rio de Janeiro, Outubro de 1935

N.º 257

SUMMARIO

	Pags.
Vinte e dois annos de luc s.....	1035

LITERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA E SCIENCIAS

Historia da Guerra entre a Triplice Alliança e o Paraguai — GENERAL TASSO FRAGOSO.....	1037
Campanha de 1805 — 1.º ten. H. O. WIEDERSPHAN....	1042

SECÇÃO DE INFANTARIA

A manobra dos T. C. e T. E. dos Corpos de Tropas e demais sub-unidades — Cap. JURANDY TOSCANO de BRITTO.....	1051
Um 1.º periodo de instrucção numa C. M. B. — Cap. MANOEL JOAQUIM GUEDES.....	1060

SECÇÃO DE CAVALLARIA

Calme, en avant, droit — Cap. DANTAS PIMENTEL.....	1063
Instrucção de quadros — Ten. UMBERTO PEREGRINO....	1067

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Possibilidades de tiro — Cap. A. C. DA SILVA MURICY	1069
Unidades angulares — Cap. João MANOEL LEBRÃO....	1075

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Methodos de instrucção — Maj. BINA MACHADO.....	1081
Pela costa.....	1088

	Pags.
Differentes systemas telemetricos — Suas vantagens e inconvenientes — Cap. JOAQUIM GUEDES DA SILVA	1085
SECÇÃO DE ENGENHARIA	
Quando se devem empregar as passadeiras?	1095
Explosivos — CAP. LIMA FIGUEIREDO.....	1096
SECÇÃO DE INTENDENCIA	
Gratificação de insubmissão.....	1095
SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES	
Introducção geral á sociologia — Cap. S. SOMBRA.....	1097
SECÇÃO DE PEDAGOGIA	
A pedagogia e os seus factores — Cap. João RIBEIRO PINHEIRO.....	1107
NOTICIARIO E VARIEDADES	
As commemoações do Dia da Patria.....	1113
Situação das Policias Militares.....	1115
Os engajamentos e as modificações dos effectivos — Ten. GERARDO LEMOS DO AMARAL.....	1119
O patrono do Exercito — Maj. THEODURETO BARBOSA	1122
Saudação ao soldado — Dr. RAUL MACHADO.....	1123
Evocação — Ten.-Cel. LESSA BASTOS.....	1124
Aspectos pittorescos da vida e costumes da populaçao da Abyssinia. Traducçao — Cap. OSCAR ROSA NEPOMUCENO DA SILVA.....	1125
A margem do desfile do Dia da Patria.....	1127
Discurso pronunciado pelo delegado plenipotenciario do Brasil á Conferencia da Paz em Buenos Ayres, dr. Dormundo da Luz Pinto, por occasião das festas commemorativas da Senama Brasil.....	1130
Ten.-Cel. Nilo Ribeiro Val.....	1132
Indicador da "A Defesa Nacional".....	1133
Bibliographia — Maj. JOSUE' FREIRE.....	1136
Boletim bibliographico	1138

VINTE E DOIS ANNOS D E L U C T A S

"A Defesa Nacional" completou no dia 10 do corrente ~~mezo~~ vinte dois annos de idade. Sua vida representa uma caminhada segura e desassombrada no rumo idealizado pelos seus fundadores em 1913 — "collaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento das nossas instituições militares, sobre as quaes repousa a defesa do vasto patrimonio territorial que os nossos antepassados nos legaram, e da enorme somma de interesses que sobre elle se accumulam". De resto, os interesses militares se acham hoje em dia, e em todos os paizes do mundo, de tal forma entrelaçados aos interesses nacionaes, que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa de um povo é, sinão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses geraes desse povo.

"A Defesa" tem sabido cumprir a risca o programma traçado pelos seus iniciadores, ampliando-o cada vez mais de acordo com a tendencia do progresso e das idéas novas que em turbilhão surgem dia a dia.

"A Defesa" préga com insistencia a disciplina militar consciente que é a base da disciplina social e politica de que tanto carece a nossa patria.

"A Defesa" diffunde os ensinamentos necessarios á formação do verdadeiro official, afim de que no momento azado as forças de terra ajam como uma machina perfeitamente azeitada, produzindo o rendimento maximo.

"A Defesa", através de suas paginas, reune todos os filhos do grande Exercito Brasileiro, congregando-os em torno da mais sã camaradagem. Collaborações e noticias de todos os recantos do paiz onde exsite uma caserna são espalhadas para todos os quadrantes com o fito de informar igualmente e entrelaçar as aspirações dos que servem nos pagos sulinos com os que mourejam nas brenhas da Amazonia, confundindo

os ideias dos que trabalham na proximidade do Atlântico, gozando as delícias do Rio de Janeiro e de S. Paulo aos dos que labutam intensamente nos confins de Matto Grosso ou nas plagas longínquas de Goyaz, fazendo finalmente com que os corações de todos os soldados pulsem, rithmadamente, com o grande coração da Pátria.

A actual Directoria, na mais firme vontade de acertar, procura de todos os modos transformar a "A Defesa", de maneira que sua acção no seio do Exército se torne cada vez mais eficaz, mais ardorosa e mais sublime. Afastada della toda a pretenção de ser mentora dos nossos camaradas, deseja ser o phanal que guie de um modo seguro todos os que trilham pela carreira espinhosa das armas.

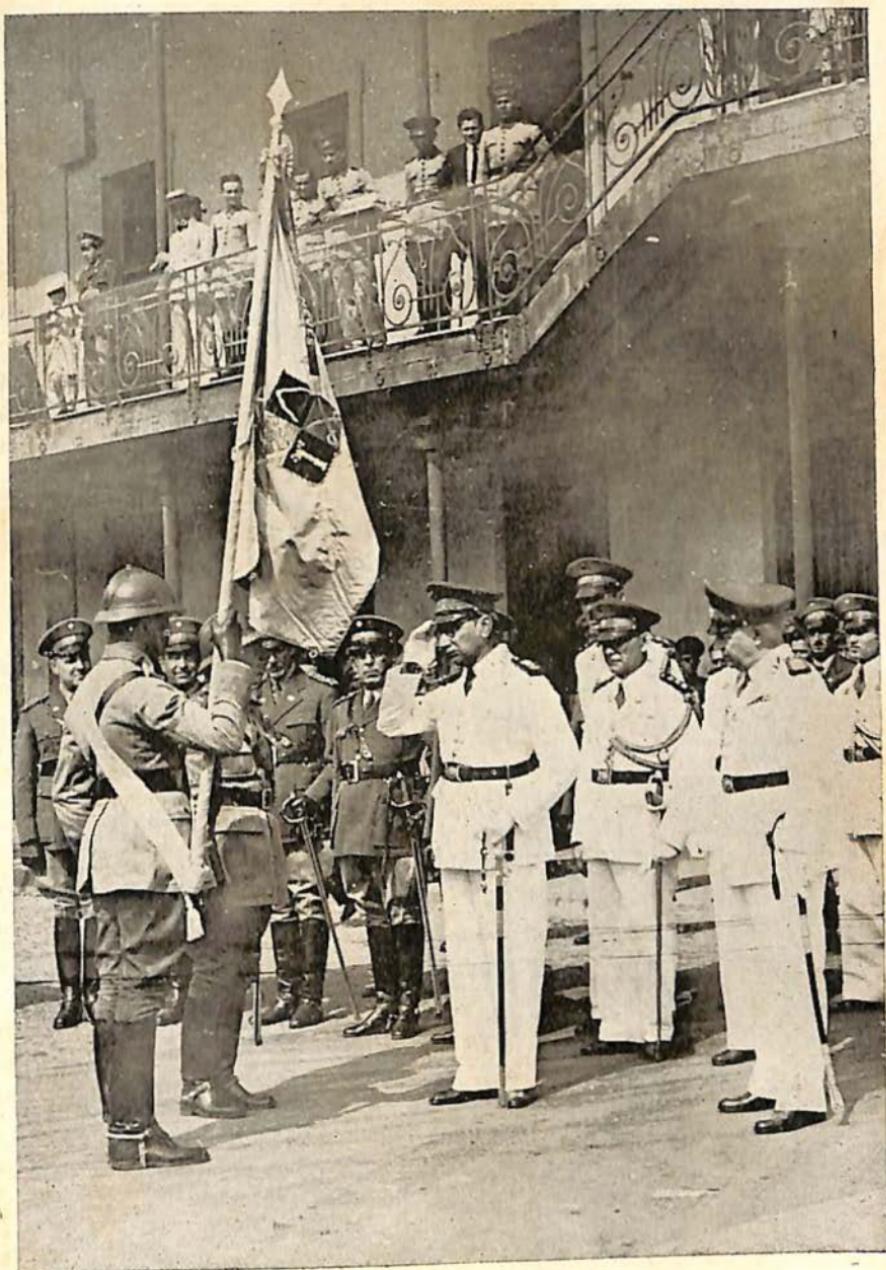
Nada, porém, poderá fazer si não contar com o apoio franco de nossos companheiros e com o auxílio desinteressado de todos que aspiram um exército grande, forte, respeitado e que esteja em proporcionalidade com a vastidão e riqueza do colossal tracto de terra que nos serve de Pátria. Venham a nós da "A Defesa" todos os verdadeiros soldados que almejam um Brasil prospero e rico, guardado por um Exército intelligente e forte.

AGRADECIMENTO

"A Defesa Nacional" no mez em que acaba de vencer mais uma etapa de glórias, não pode e não deve esquecer-se dos seus incansaveis colaboradores anonymos que tudo fazem para afastar as dificuldades do seu caminho.

"A Defesa" gostosamente expressa o seu reconhecimento aos Srs. Antonio Luiz de Freitas Pereira, Alberto Lima e Luiz Gomes Loureiro que, desde a data de fundação até hoje, emprestam seus auxílios valiosos, cooperando de modo efficaz e desinteressadamente na tarefa pesada com que arcaram seus dirigentes.

O ESTANDARTE DO REGIMENTO ANDRADE NEVES



Constituiu cerimônia tocante a entrega do estandarte ao Regimento Andrade Neves

DIA DA INDEPENDENCIA



AO ALTO — as tres bandeiras representativas do Brasil nas suas tres phases politicas: colonia, imperio e republica.
EM BAIXO — um aspecto do desfile.

LITERATURA · HISTÓRIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAY

GENERAL TASSO FRAGOSO

IMPRENSA DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO — 1934

IV

(Conclusão)

O capítulo primeiro da *setima parte* versa sobre a campanha da Cor-dilheira.

Desfeito o exército paraguayo em Itá-Ibaté, de onde Lopez fugiu para Serro Leon e, depois, para Ascurra, na região montanhosa, apenas com 60 homens, pensou Caxias ter chegado a guerra ao seu termo, o que elle mesmo proclamou em sua famosa ordem do dia numero 272, de 14 de Janeiro de 1869, na qual exprime a sua ufania por haver combatido pela *mais justa e santa de todas as causas*. “Ao contrario do que elle imaginava, — pondera o General Tasso Fragoso — Lopez conseguiu reunir em torno de si novas hostes, appelando para o patriotismo de seus compatriotas e tambem valendo-se do temor que a muitos delles sabia inspirar”.

Com esses recursos, levantados rapidamente, foi que elle fez frente de novo aos adversarios. “A principio eram vagas as notícias a seu respeito, mas pouco a pouco se foram precisando, graças aos informes prestados pelos prisioneiros nos interrogatorios a que respondiam. Destarte tornou-se indispensável a abertura de uma outra campanha, para destruir as novas forças que o dictador congregara e, se possível, aprisional-o.”

Dessa campanha, desenrolada quasi toda na região serrana do leste paraguayo, é que trata o capítulo.

Caxias havia passado o commando ao Marechal Guilherme Xavier de Souza. Coube a este chefe, de 18 de Janeiro a 16 de Abril de 1869, e, depois, ao Conde d'Eu, a quem o governo escolhera para substituir definitivamente a Caxias, dirigir essa nova phase da guerra, cujas preliminares absorveram alguns meses de incessante trabalho. O exército aliado estacionara na região Assumpção-Luque. Teria de marcar aí um tempo de pausa, “para reconstituir as unidades, organizar os reaprovisionamentos na previsão de uma marcha para o interior, explorar na direcção do inimigo para situar-lhe o grosso e conhecer o terreno que teriam de per-

correr", como indica o autor. Depois, havia que leval-o a uma conveniente base de partida, de onde pudesse executar a manobra concebida para "arpoar o dictador com esperança de bom exito".

Expediram-se destacamentos a Rosario São Pedro e Villa Rica; tentou-se novamente a destruição dos navios paraguaios internados no Manduvirá; procurou-se destruir a fundição de ferro que Lopez mantinha no Ibieuhý, e explorar na direcção geral de sueste para determinar o contorno da Cordilheira e seus caminhos de acesso. Entre essas medidas preliminares está o restabelecimento do trafego da estrada de ferro de Assumpção a Paraguay, passando por Luque, e que vae prestar relevantes serviços ao aprovisionamento do exercito.

Estuda, a seguir, o General Tasso Fragoso o deslocamento da vanguarda brasileira para Juquery, e o do 1.º corpo de exercito para Luque, agulhados na direcção de leste. Relata as primeiras medidas do novo comandante da esquadra, a aproximação do grosso dos brasileiros da sua vanguarda, e as operações do destacamento de Rosario, incumbido de impedir que o inimigo obtivesse recursos nos districtos septentrionaes.

Dá-nos a ordem de batalha do exercito brasileiro em Abril de 1869: dois corpos de exercito (1.º e 2.º), 15.576 homens; força expedicionaria de Rosario, 1.914; guarnição de Assumpção, 2.856; Feixo dos Morros, 280; guranião de Humaytá, 2.084; divisão de cavallaria de Aguapehy, 1.394. Total da tropa — 27.907 homens. Animaes: 21.849 cavallos; 6.257 muares; 2.837 bois. Total — 30.943.

Passa, depois, a narrar a chegada a Assumpção de *Sua Alteza Real o marechal de exercito Conde d'Eu*, genro do Imperador, nomeado para substituir a Caxias no commando de *todas as forças em operações contra o governo do Paraguay*, as primeiras medidas postas em pratica por elle logo depois de assumir o commando, e as nomeações que fez para o preenchimento dos cargos vagos nos altos postos do exercito. Resume as operações de descoberta realizadas pela vanguarda e a exploração dos brasileiros na direcção geral de sudoeste em busca do restabelecimento de contacto com o inimigo, nas fraldas da serra e de caminhos de acesso á região montanhosa onde elle se occultava.

Para isso, fez o Conde partir, a 4 de Maio, dois destacamentos, — um de dois batalhões de infantaria, algumas boccas de fogo e um pelotão de engenharia, outro composto de uma brigada de cavallaria, — pela duas estradas que sahem de Luque e passam, uma por Itauguá, outra por São Lourenço. O resultado de todas essas sondagens, destinadas a revelar as novas posições paraguaias, consigna-os methodicamente o General Tasso Fragoso, de forma que o leitor vae assistindo ao desvendar do mysterio que cercava inicialmente a região occupada pelo inimigo, os effectivos e as possibilidades deste. Recorda, a seguir, a expedição do destacamento uruguayo, commandado pelo Coronel Hypolito Coro-

nado, ao Ibicuy, com a missão de destruir a fundição de ferro que Lopez mantinha nessa região, e a transferencia do destacamento de Rosario para a Villa de São Pedro, mais ao norte, ponto de partida, dahi em diante, das explorações na zona septentrional. O commando desse destacamento confiou-o o Conde d'Eu ao General Camara, que vae desempenhar papel relevante no lance final da campanha.

Relata, em continuação, o deslocamento do exercito da região Luque-Juquiry para a região Pirajú-Taquaral, reunido assim na falda sudoeste da Cordilheira, atraz da qual se encontrava o inimigo. "O grosso do exercito aliado estava, pois, agora — diz o autor — a cavalleiro da linha ferrea em frente ao passo de Ascurra, que se presumia ser a posição principal de Lopez".

Descreve as operações iniciaes levadas a cabo apôs o restabelecimento do contacto e enumera as providencias tomadas pelo Conde d'Eu para que o reaprovisionamento da tropa se fizesse dos portos de Villette e Augustura, mais proximos da região em que agora estacionava o grosso, que o porto de Assumpção. Examina a attitude e as disposições de Lopez depois de sua fuga da Itá-Ibaté, dando-nos o effectivo do seu exercito a 30 de Janeiro de 1869, que, segundo Resquin, nos *Dados Historicos*, montava a 13.000 homens, com 18 peças de artilharia ligeira e outras tantas de praça. Resumé as idéas que o Conde d'Eu ia pôr em pratica uma vez installado na região Taquaral-Pirajú, proseguindo no programma que se havia traçado, a saber: "restringir o campo de accão de Lopez, activando as operações do norte (S. Pedro) e do sul (marcha de Portinho contra Villa Rica), explorar melhor a parte sul da Cordilheira mediante nova expedição á fundição de ferro de Ibicuy, e, depois, executar uma manobra envolvente, com que esperava galgar a Cordilheira e golpear pela retaguarda o seu adversario".

Estuda as operações de Câmara na região de S. Pedro e a exploração de João Manoel Menna Barreto, pela falda da Cordilheira, contra o Tebiquary e a fabrica de ferro de Ibicuy. Expõe, finalmente, o plano de manobra para o ataque a Lopez.

Publica, na integra, os apontamentos sobre a materia enviados ao Conde d'Eu, a 26 de Junho, pelo General Emilio Mitre, contendo tres idéas de manobra, a ultima das quaes, preferida pelo chefe argentino, consistia num *ataque de frente* com 13.300 homens e dois *ataques de flanco*, um (o mais importante), contra o *flanco direito* do inimigo, com 7.500 homens, o outro, contra o seu *flanco esquerdo*, com 3.500. Dá-nos a opinião de Osorio, contraria a essa idéa, pois quer empregar o *grosso* num ataque frontal pelo desfiladeiro, e o *restante* em dois ataques de flanco, dos quaes o *mais forte* dirigido contra o *flanco direito* do inimigo.

Trata do conselho, convocado pelo Conde d'Eu, para assentar o plano definitivo, e reunido em Pirajú a 7 de Julho, do qual traslada a

acta respectiva. Vê-se, por esta, que o commandante em chefe do exercito aliado diverge completamente de Emilio Mitre: "não quer um ataque principal *pela frente*. Aproxima-se, porém, de Osorio, com uma variante: além do movimento envolvente por Valentuela (ou S. José) para sahir á retaguarda do inimigo, haverá *cooperação* da força que fica guardando a base de operações e a linha ferrea. Essa cooperação far-se-ha sentir, como verificaremos mais tarde, na direcção de Altos e Atirá, pelo flanco norte de Lopez".

E continua o General Tasso Fragoso a analysar a acta da reunião e a pôr em relevo a divergência de vistos entre o Conde d'Eu e Mitre, para concluir que este se confessou *vencido*, mas não *convencido*, na elaboração do plano de operações dessa phase final da campanha. "Infere-se do exposto, diz elle, que o plano de manobra assentado contra Lopez consistirá em guardar a linha ferrea, que é a linha de communicação, e os depósitos criados á margem della, e levar o grosso dos aliados, mediante um movimento torneante pelo sul da posição de Lopez, á retaguarda do mesmo. Trata-se, pois, de um movimento estratégico de cunho napoleónico".

"Para simplificar a linguagem, ajunta elle, e obedecendo a uma observação do General Camon, chamar-lhe-hei: *Manobra de Piribebuy*".

O segundo e ultimo capítulo da *setima parte* occupa-se da execução da manobra, que o autor descreve nas suas diferentes phases. Primeiro o deslocamento do grosso da região Taquaral-Pirajú, em que estaciona, para a de Piribebuy, mediante um largo movimento envolvente pela região ao sul da posição de Lopez. Indica, nessa occasião, a missão reservada ao contingente especial incumbido de guardar a nova base de operações, ao qual caberá igualmente associar-se á acção do grosso dos atacantes, e a confiada ao destacamento do flanco direito desse grosso, durante a sua progressão, este entregue ao commando do General João Manoel Menna Barreto.

Os aliados ficaram assim divididos inicialmente em tres grupos: "o grosso, composto do 1.^o corpo brasileiro e do 2.^o e mais dos contingentes de argentinos, orientaes e paraguayos a elle associados; o destacamento de João Manoel Menna Barreto; as tropas que devem permanecer no vale do Pirajú, sob o commando de Emilio Mitre, para defesa da linha ferrea e da base de operações".

O General Tasso Fragoso dá a composição dessas forças e o nome dos respectivos commandantes. Narra a subida da Cordilheira até Valentuela, o avanço contra Piribebuy e os preparativos para o ataque dessa posição, e o desenrolar da luta, cujo resultado foi o anniquillamento das tropas improvisadas com que Lopez enfrentou ahi o exercito aliado, tropas compostas na sua maior parte de adolescentes.

A manobra do Conde d'Eu não estava, porém, terminada com a tomada de Piribebuy, visto não lhe ter ainda sido possível accometter o grosso do adversario, entrincheirado no alto de Ascurra. "A gaurnição encarregada de defender Piribebuy, diz o General Tasso Fragoso, fôra apenas um debil escudo interposto por Lopez entre esse grosso e seus adversarios, a que elle sacrificou no dia 12 de Agosto sem o minimo proveito". E analysa o problema estrategico que se deparava ao chefe do exercito aliado, para frustar a retirada do dictador na direcção do norte, que elle provavelmente prefereria, pois dahi, ha muito tempo, procurava abastecer-se.

"O Conde d'Eu meditou de certo sobre tudo isso no decurso de suas reflexões. Afinal decidiu-se por um movimento do grosso na direcção de Caacupé, isto é, ligeiramente envolvente, sendo, porém, a preocupação de enviar uma divisão de cavallaria a Barreiro Grande, para dahi vigiar a linha de fuga na direcção de Caraguatahy".

Continua no exame da situação, transcrevendo o julgamento sobre ella pronunciado pelo generalissimo, e descreve em seguida o avanço do grosso rumo a Caacupé, no decurso do qual se vem a saber que Lopez abandonara a região. Dá-nos as novas resoluções do commando aliado, para responder ao movimento dos paraguayos, e que conduziram á batalha de Campo Grande. Descreve o recontro, travado inicialmente pela vanguarda, commandada por Vasco Alves, logo sustentada pelo grosso, avisado do choque com o inimigo quando em marcha por uma estreita picada: "Dentre em pouco desemboca em vasto campo denominado Nhu-guassú, em que o espera Vasco Alves aferrado ao inimigo". Atacado a fundo, "o inimigo recúa, batendo-se em retirada, sem perder contudo a sua formatura, nem deixar de responder com a sua artilharia". Apoia-se no Juquiry, põe fogo á macéga, resequida pelo estio, resiste tenazmente. Cercado por todos os lados, soffre perdas enormes, sendo esmagado á direita do Piribebuy. "Poucos, e entre esses o General Caballero, conseguiram fugir para os mattos vizinhos e, desse modo, escapar ao circulo de fogo em que os atacantes procuraram encerral-os".

Mostra ainda o autor o alcance da batalha de Campo Grande para a victoria final dos aliados, narra a perseguição movida por estes aos restos das forças paraguayas em fuga, descreve os combates travados com as retaguardas de Lopez até a margem do arroio Hondo, onde de novo se rompe o contacto com o adversario. E encerra o volume com as reflexões do Conde d'Eu sobre as operações da Cordilheira.

CAMPANHA DE 1805

Summario: Antecedentes politicos — Mack — Napoleão — Manobra de Augsburgo — Monobra de Hollabruen — Austerlitz

Pelo 1.^o Ten. H. O. WIEDERSPAHN

I — ANTECEDENTES POLITICOS

A guerra não pertence ao domínio das artes e ciências e sim ao da propria sociologia. E' um conflito de interesses maiores que se resolve a custa de sangue. E' esta sua diferença dos demais.

Melhor que qualquer arte, pôde ser comparada ao commercio, que não passa de um conflito entre interesses e actividades humanas. Sendo a guerra bastante mais relacionada á politica, que tambem não deixa de ser uma modalidade de commercio em maior escala, é no scio della que se desenvolve e origina. As directivas da campanha já se encontram na politica, como as propriedades dos viventes em seus embryões. (CLAUSEWITZ — DA Guerra, II, cap. 3.^o).

A paz geral firmada em 1.^o de outubro de 1801 em Londres e em 27 de março de 1802 em Amiens trazia em si, não os germens beneficos da tão sonhada paz geral para os corações franceses e de seu idolo, e sim interesses mercantis contrariados em sua ganancia da parte dos armadores, revendedores e manufactureiros estabelecidos na Gran-Bretanha, a doutrina economica liberal e egoista de Adam Smith e a lucta iniciada, desde os preparativos de 1782 em Wilhelmsbad, contra a civilização christã-occidental e contra o direito em voga nas diversas nacionalidades européas não-inglezas, quer pela turbulencia das lojas das associações secretas politico-sociaes, quer pelo concurso e pela propaganda atavicamente contraria á todo regimen e sistema vigente, em qualquer época, da mentalidade internacionalista do povo disperso de Judá, ancioso pela igualdade social, politica e economica propugnado pelo movimento emancipador "Haskalah". (MARGOLIS-MARX, *Histoire du Peuple Juif*).

Conhecedor profundo da psychologia humana, Bonaparte se deixara iniciar nas lojas de Bonifacio, na Corsega, para tirar seus proveitos desta instituição que preparou a revolução de 1798 na França. Completou-se em 1798 quando da captura da ilha de Malta, no periodo da Campanha do Egypto. Sabedor do valor real do regimen implantado depois dos Estados Geraes, procurou o jovem e inegualavel general usar por todos os meios da trama da franco-maçonaria na França para um fim nacionalista, como o é com o seu inglezismo imperialista a grande loja de Londres.

Bonaparte obteve o triumpho facil do 18º Brumario com o consulado trino em seu favor, depois o consulado vitalicio que lhe deu tambem o cargo ficticio de Grão Mestre do Grande Oriente de França. Tal se explicam todos os entusiasmos e facilidades com que vencia os obstaculos politico-diplomaticos e o optimo servico de informaçoes fornecido pelos seus emissarios e espiões.

Mas, além do passo de Calais, a tradicional adversaria e rival de Luiz XIV na lucta pela hegemonia naval e colonial continuava attenta. Para alcançar seus objectivos os dirigentes do Tamisa não median escrupulos nem revézes. Não era pois esta guerra o prolongamento da que desde 1688, desde a "Gloriosa Revolução", Guilherme de Orange fazia á França com o ouro do hebreu iberico "sir" Salomon Medina? Não iria ella durar até 1815, após a victoria no Congresso de Vienna de outro super capitalista, tambem judeu, Nathan Rothschild, cujos sucessores até nosso Brasil conseguiram monopolizar como mera colonia? Não viera o ouro abundante e farto para a propaganda, que destruiu em 1789 o poderio e o equilibrio da nacionalidade e do povo francez, dos argentarios do Tamisa? . . .

Assim não era possivel harmonizar a politica méramente mercadora de Londres com a politica continental de Paris sob Bonaparte, orientada esta não para o internacionalismo dos "jacobinos" e "illuminados" e sim para o nacionalismo, diremos "fascista", do Genio das Batalhas. Seus interesses eram pois antagonicos e fatalmente se chocariam, quer no caso da não evacuação da ilha de Malta exigida pela paz firmada, quer no das invasões iminentes dos franceses na Hollanda, Italia e Suissa, tudo isto como mérios pretextos apparentes e secundarios.

O bombardeio iniquo de Copenhague e o apresamento da esquadra dinamarqueza por Nelson em plena paz são as mais nitidas caracteristicas da politica naval de "pirataria" que animava a orientação britanica, como caso isolado e ainda não copiado por outra potencia até os dias hodiernos. Arrogando-se o "direito de visita" contrario ás leis das gentes tacitamente reconhecidias universalmente pelos povos civilizados, o almirantado de Londres queria exercer uma supremacia policial de facto sobre todos os navios neutros ou não, desconhecendo a protecção do pavilhão destes sobre a mercadoria franceza transportada que incontinentre era confiscada. Desta noção nitidamente egoista se originou o "direito de visita" illegalmente exercido mais tarde pelos ingleses em todos navios de pavilhão portuguez e brasileiro quando o Tamisa começou a ter interesse em não obterem as Americas o braço negro, mão de obra barata, para forçar mercados á propria industria manufactureira de Manchester e outros centros britannicos.

De acordo com as tradições da grande Catharina, seu filho Paulo I, czar coroado em 1796 e contrario ao funcionamento das associações

secretas na Russia, depois de combater os exercitos da revolução se aproximara do primeiro consul para ressalvar a independencia naval do "bloco do Norte" (Russia, Suecia, Noruega, Dinamarca), negando aos ingleses o "direito de visita". Chegou a entrar em lucta com estes, preparando o auxilio da reacção que se planejava no Hindostão com um grande destacamento militar. Soube entretanto o ouro dos agentes britannicos explorar despeitos e ambições de fidalgos da corte do Neva até conseguir o afastamento pelo assassinio do czar anglophobo e anti-maçônico em março de 1801. Coube pois o throno ao jovem e inexperiente Alexandre I, entregue a conselheiros adeptos ferrenhos da Inglaterra, da franco-maçonaria liberada e da guerra a Bonaparte. Idealista theorico e entusiasta do "Contratco Social" do descendente de israelitas J. J. Rousseau, entregava-se o novo czar a seu conselheiro, o astuto polonez principe Czartorski, cujos sonhos eram reconstituir sua patria confederada á Russia com a destruição total do reino prussiano. Assim foi possível a Londres afastar um adversario inopportuno e obter uma aliança offensiva que reconhecia a prepotencia naval britannica sobre os mares russos e nórdicos.

Victoriosa a politica ingleza na Russia, começaram a surgir em Londres pamphletos, memorias e outras publicações de franco combate ás clausulas dos tratados de paz já referidos. Todos pretendiam ver nestes a desgraça economica e mercantil da Inglaterra, pois lesavam os interesses exclusivos do super-capitalismo internacional que manipulava o governo britannico por intermedio de seus ministros e deputados.

Sem nada haver realizado para proteger objectivamente o exercito hanoverano, o qual se achava sob a união pessoal da dynastia reinante na Inglaterra desde 1714, quando da ameaça de invasão por parte de Bonaparte, ante as reclamações energicas deste pelo cumprimento da clausula da evacuação de Malta, o rei Jorge III declarou guerra á França em 18 de maio de 1803, alegando motivos pueris que em absoluto feriam o espirito das estipulações de Amiens.

Não deixou a Inglaterra de tentar na França o processo empregado em São Petersburgo com o seu adversario Paulo I. Assim foi que, das lojas secretas insulares, se concertou e subsidiou um trama envolvendo os remanescentes esquerdistas e certos nucleos monarchicos para eliminar o general Bonaparte, restaurando o intrigante e ambicioso pretendente anglophilo Luiz XVIII de Bourbon, um dos promotores com Egalité das infamias levantadas contra a infeliz martyr Maria Antonieta, cujo unico crime consistira em haver dado á luz um principe herdeiro em prejuizo daquelle que até então era o herdeiro presumptivo. Constituiu-se pois a chamada conspiração de Georges, Moreau e Pichegru. Fracassou e a repressão foi energica e decidida envolvendo até o duque de Enghien, um Bourbon exilado.

Na corte da Prussia admiravam-se sinceramente as qualidades de Bonaparte, apezar do baque soffrido com o fusilamento de Enghien e do caracter de amizade pessoal das relações entaboladas nas margens do Memel, em junho de 1802, entre Alexandre I e Frederico Guilherme III. Estas desgostaram profundamente a Czartoryski que odiava apaixonadamente ao reino vizinho. Entao toda a politica externa de Berlim girava em torno da acquisition do Hanover e da Pomeranca Sueca. Neste sentido existiam promessas favoraveis mas vagas de Bonaparte que o approximavam cordealmente de Frederico Guilherme. Esta approximação cresceu mais ainda com as novas da existencia de um tratado de alliança anglo-russa, que se firmou em novembro de 1804, com clausulas que significavam uma pressão russa sobre a corte de Berlim, graças ás intrigas do principe polonez. Este chegou mesmo a propor um plano de partilha da potencia odiada, dando á Russia, a Prussia Oriental, á Polonia a Occidental e Meridional e á Austria a Silesia.

Era pois evidente a necessidade da decisao de tomar a situação defensiva de neutralidade armada a que se sentira compellido o soberano prussiano, pois este se negara formalmente a declarar guerra á França. Mas as intrigas prosseguiam em torno da corte berlinense, onde desde fins de 1803 se achava o mais tarde famoso conde de Metternich, natural da Rhenania e figadal inimigo da Prussia, como embaixador austriaco. A communhão de sentimentos entre este e Czartoryski anullara inteiramente ao embaixador russo Aloeus em Berlim e Metternich passou a agir como unico e exclusivo representante da politica do polonez com o fito de destruir a potencia militar e politica prussiana, recorrendo-se á mesma hypocrisia reconhecida dos nossos tempos desde 1912 contra Alemanha. Entao mystificava-se a Europa e o mundo declarando ser necessário vingar os "direitos" conspurgados por Bonaparte e esta acção em Berlim deveria "actar as mãos de Frederico Guilherme III". (Sic.).

Além do mais, num memorável plebiscito, esmagadora maioria da população de França concedera ao grande chefe nacionalista, que esmagara os internacionalistas e seus cumplices trahidores da Patria, o titulo de Imperador dos Francezes. Coroado em Paris em 2 de dezembro de 1804, tambem em 26 de maio do anno seguinte era sagrado rei da Italia em Milão. Passou a represental-o na peninsula apenina como vice-rei seu enteado Eugenio de Beauharnais. Como reacção Luiz XVIII e os demais emigrados procuraram revolver os governos que os hospedavam numa offensiva contra o "usurpador" Napoleão I. Quanto a este, comenzou desde então a ser observado com desconfiança pelo Grande Oriente, do qual julgava ser o chefe verdadeiro, embora o Codigo Civil e a constituição houvessem sido mantidas.

No seu afan pela paz necessaria á solução cultural, politica, social e economica interna, decidira Napoleão desde julho de 1803 levar seu

ataque á propria séde dos trustes financiadores destas guerras, unicos responsaveis pelo sangue que dahi em deante se derramaria no scenario europeu. Inimigo declarado dos emprestimos externos que, no seu ver de alta visão e alto patriotismo, amarram as gerações seguintes da nacionalidade aos guichés dos argentarios internacionaes, envenenando-a com a escravidão de juros immoraes e interminaveis, obteve Napoleão os recursos de que carecia para a construcção de uma esquadra capaz de transportar 150.000 veteranos, 400 peças de artilharia e 10.000 cavallos nas proprias reservas de seu povo. A venda aos Estados Unidos do territorio da Louisiana rendera cerca de 60 milhões de francos á vista.

"A força de Napoleão residia no exercito e na guerra continental, a da Inglaterra na sua esquadra e na guerra naval; assim era uma bôa estretegia atacar a Inglaterra com um exercito, compelindo-a a combater em terra." (Yorck von Wartenburg, NAPOLEON CHEF D'ARME'E, pag. 216). Assim poude desenvolver toda sua espantosa actividade na reorganização do "Grande Exercito" e na construcção da flotilha de transporte. Toda a costa se fortificara com baterias e canhoneiras para cobrir a de incursões da esquadra britannica. Os effectivos do exercito se elevaram a 480.000 homens, dos quaes 150.000 veteranos se destinavam á invasão da Inglaterra, 100.000 nas colonias, na Hollanda, no Hanover, na Suissa e na Italia e os restantes nas diversas guarnições nacionaes. Desde maio de 1803, graças ao descaso militar criminoso de Londres, Mortier com um exercito de 1.000 franceses ocupara o Hanover, cujo pequeno exercito se dissolvera ante o abandono britannico, emigrando grande parte delle para a grande ilha tomando mais tarde papel brilhante na Campanha da Peninsula e na de Waterloo. Em seguida cahiam nas mãos de Bonaparte todos os portos da embocadura do Elba que assim ficava vedado ao intercambio inglez.

Ante os effectivos que cresceram de maneira imprevista, já não mais servia a organização das campanhas anteriores em D. I., Bdas. e meias-brigadas, difficultando a acção directa do commando como fôra exercido até então por Napoleão. Decreto de 14 de julho de 1803 reorganizava o exercito em C. Ex., dos quaes seis estavam reunidos em campos de instrucção desde a Hollanda até Saint-Malo. Nestes campos creava-se um exercito dotado de uma disciplina e de uma instrucção admiraveis. Reuniram-se as D. I. em grandes unidades de 3 ou 2 constituindo C. Ex. que dispunham além destas de uma D. C. ligeira. As D. I. constituiam-se de 8 ou 7 Btl. de infantaria e 12 ou 10 peças de artilharia. A cavallaria não organica dos C. Ex. constituiam a "reserva geral de cavallaria;" num C. C. de composição variavel. Estes C. Ex. e o C. C. eram commandados pelos "marechaes de França" recem-promovidos. Com os veteranos de sua guarda, a Velha Guarda das Campanhas da Italia, e os mais modernos

da Jovem Guarda, Napoleão constituiu um corpo de elite das três armas, o C. Guarda.

Coube a Bernadotte com os soldados que conquistaram o Hanover constituir o 1.^o C. Ex. em torno de Goettingen, com a guarnição da Holanda em Utrecht sob Mamont o 2.^o C. Ex., em Texel sob Davout o 3.^o C. Ex., em Boulogne-sur-Mér sob Davout o 4.^o C. Ex. e sob Murat o C. C., em E'taples sob Mortier, depois Lannes, o 5.^o C. Ex., em Wimereux sob Ney o 6.^o C. Ex. e o 7.^o C. E. em Brest sob Augereau. Os 50,000 homens sob Massena na Alta Italia, na região de Verona-Caldiero, constituíram o 8.^o C. Ex.

Auxiliava o commando em chefe, exercido por Napoleão, como chefe do grande estado maior o incansável Berthier e este dispunha, entre outros, do fiel Bertrand. O serviço de engenharia, ao qual Napoleão dava especial importância, estava a cargo de Savary. Dado o relativo atraso da medicina e da cirurgia de então, o serviço de saúde era falho, insuficiente e precário. As epidemias foram sempre os maiores inimigos até mesmo nas campanhas napoleónicas. Unindo-se à inexistência do Serviço de Intendência, pois Napoleão procurava sempre viver dos próprios recursos inimigos, imperava a especulação criminosa e sem escrúpulos dos argentários que forneciam ao Grande Exército.

Em torno do seu Q. G. de Boulogne-sur-Mér a instrução esmeradíssima e um enquadramento o mais completo aos poucos constituía o phantasma de perigoso panico às pacatas populações da orgulhosa Albion. Contudo a maior e mais grave falha que contrastava com os demais quadros era a educação militar superior dos chefes formados na escola da execução limitada de ordens recebidas e assim incapazes da disciplina intelectual tão necessária nos commandos dos C. Ex.

Desde o reinicio das hostilidades organizaram-se nas bases navais de Dunquerque e Cherburgo o serviço da defesa costeira já mencionada, enquanto em Boulogne, E'taples, Wimereux e Ambleteuse se congregava a esquadra transporte para as operações que deveriam ter sido iniciadas em meados de 1804, mas retardadas com a demora de Davout em seu transporte marítimo de Texel para E'taples. Já determinara Napoleão ao vice-almirante Decrés tomar todas as disposições exigidas pelo emprehendimento, isto é a posse absoluta do passo de Calais durante o transporte do Grande Exército, quando temporaes impediram a partida de Brest de 18.000 homens sob Augereau para dar inicio às operações na Irlanda onde existiam ligações com os rebeldes independentes irlandeses. Deveria ser logo reforçado com 25.000 homens do C. Ex. Marmont. Mas a partir dahi o porto de Brest começou a ser activamente bloqueado pelos navios ingleses de lord Cornwallis. Segundo o plano inicial, o grosso de Boulogne deveria desembarcar no condado de Kent com perto de 100.000 homens para desfilar o golpe de morte na rival insular.

Mais do que nunca o governo e o povo britannico comprehenderao o immenso perigo que a concentração de Boulogne representava ao proprio prestigio commercial e politico da Inglaterra no Mundo, ante a fraqueza militar e a mediocridade dos quadros de seu exercito, apenas acostumado a enfrentar as hordas desorganizadas de inimigos coloniaes. Comtudo não lhes faltavam bravura, desprendimento e tenacidade, características psychicas do anglo-saxão.

Mas o ouro inglez iria provocar, como de costume, um ataque á França pelo Rheno e da parte dos povos continentaes, impedindo assim a invasão planejada na Irlanda e em Kent. No tocante á supremacia naval, a falta de energia e decisão dos almirantes franceses deram aos britannicos todo exito. O bloqueio do porto militar de Brest era mantido, as rusgas que deveriam desviar a grande frota insular da Mancha fracassara e o grosso da esquadra alliada franco-hespanhola de Villeneuve ficava por sua vez afastada de Boulogne ante a ameaça de Nelson, o vencedor de Abouquir.

Os manejos diplomaticos iniciaram-se junto aos anglophilos da corte russa. Assim, graças ás injuncções destes e aos subsídios fornecidos pela Inglaterra, estabelecia-se por fim com o embaixador da Austria, conde Stadion, um "convenio preliminar", seguido pelo de 11 de abril de 1805, firmado com o principe polonez Czartorsky e o embaixador britannico Granville Lenveson Gonver, visando a hypothese de um levantamento bellico austriaco em represalia á ocupação do Hanover, ao caso Enghien e ás perdas territoriaes na Italia.

Estes dois convenios feitos á revelia do conselho aulico de Vienna, deveriam provocar a "Liga Geral dos Estados da Europa" numa 3.^a colligação para atacar a propria França com cerca de 500.000 homens, compellindo Napoleão a evacuar o Hanover, a Italia, a ilha de Elba, a Hollanda e a Suissa e repor no throno do Piemonte o rei da Sardenha. Eram as exigencias do "ultimatum" inglez que declara a guerra em 1803. Em hypothese alguma deveria haver interferencia nos regimens e fórmulas de governo em vigor nos povos libertados ou vencidos, garantindo assim plenamente os successos politico-sociaes obtidos por intermedio da propaganda da franco-maçonaria de então. Aquelles convenios deixavam transparecer o odio á Prussia negando-lhe o tão ambicionado Hanover e applicando-lhe certas clausulas ambiguas.

Compromettia-se Pitt a dar um auxilio de 1.200.000 libras esterlinas por grupo de 100.000 soldados da colligação em campanha, a qual deveria atrahir, além da Russia, a Austria, a Baviera, a Prussia, a Suécia e a Dinamarca para actuar concentricamente pelas fronteiras da França a dentro. Os ingleses agiriam com reforços russos pela Italia, estes pela Alemanha. Além disto uma expedição anglo-suéco-russo deveria recon-

quistar o Hanover e dahi o Norte do imperio francez pela Hollanda e Belgica.

O czar esperava poder mobilizar desde já cerca de 180.000 homens, dos quaes 50.000 para poder operar nos dominios patrimoniaes da corôa austriaca, 50.000 na Bohemia, 16.000 na Pomerania Suéca e 40.000 sobre as fronteiras da Prussia Oriental. Estes visavam arrastar Frederico Guilherme III á colligação, obtendo delle a permissão de transpor territorio prussiano na offensiva sobre o Rheno. A decisão do rei contudo estava tomada ante os inauditos perigos que ameaçavam ao seu povo: manteria sua neutralidade armada a todo custo e só tomaria parte na guerra quando agredido.

Assim não pôde Duroc obter a aliança franco-prussiana, mesmo trazendo em foco a questão hanoverana. Doutro lado os manejos de Metternich e do embaixador russo Aloeus entregando um "ultimatum" exigindo a passagem livre dos exercitos moscovitas haviam provocado uma energica repulsa da parte de Frederico Guilherme e uma ordem de mobilização parcial. Em 28 de setembro de 1805 deveriam pois os russos transpor as fronteiras prussianas com 50.000 homens por Brexec-Varsovia-Breslau-Bohemia e com 47.000 provindos de Grodno, além de 25.000 que desembarcariam na Pomerania Suéca para se reunir com 8.000 suécos e invadir o Hanover. Só a intervenção pessoal de Alexandre evitou em tempo ainda a violação da neutralidade prussiana, desmanchando assim todo trama Mettenich-Czarterwski de obrigar a Prussia de tomar o partido de Napoleão e justificar assim a sonhada partilha. O principe polonez demitiu-se então e um seu documento de 1806, isto é posterior, justificava suas intenções pondo certa luz naquellas intrigas em torno de Berlim, pois escrevia que "era preciso apressar-se em derrotar a Prussia, da mesma forma como Bonaparte fez com a Austria", referindo-se ao desastre de Mack em Ulm. (HARDENBERG, Memórias, II, pag. 32).

Na monarchia danubiana, desde a paz firmada em Luneville em 9 de fevereiro de 1801, pouco se fez para reorganizar o exercito de todos os esforços do archiduque Carlos, presidente de 1801 a 1805 do Conselho Autônomo de Guerra. O descalabro das verbas militares proseguia como danos e desta forma o mesmo general se transformara em partidário acerímo da paz, contrariando assim aos manejos diplomáticos da Inglaterra e da Russia com suas declarações de que "todas as forças do Estado estão esgotadas e debilitadas com a ultima guerra, todas as forças vivas secaram, todas estas forças terão de ser restabelecidas gradual e lentamente e seu restabelecimento deve ser o principal objectivo da Austria. Tudo o que não dificulta este restabelecimento deve ser respeitado como facto consumado, apezar do monarca austriaco noutras circunstancias haver podido e devido usar de uma linguagem mais energica e digna". (Apud WETHEIMER). Então a chancelleria de Vienna pensava assim e es-

tava tratando de regular as pendencias internacionaes com a França, pois aquella sabia perfeitamente que um exercito austriaco efficiente não ultrapassaria de 40.000 homens e não dispunha siquer de uma só bateria completamente equipada.

Ao chegarem as noticias dos convenios anglo-russo, envolvendo compromissos do embaixador austriaco. Stadion de São Petersburgo, declararam logo o archiduque Carlos e seus auxiliares generaes Fass-bender e Duka nada ser possivel fazer antes da primavera de 1806, anno seguinte, em vista do mau estado do exercito a seu cargo.

Teceram-se intrigas e a chancellaria começou a hostilizar o archiduque e seus dois auxiliares, pois um outro general surgiu para proclamar cheio de presumpção ser irrisorio o pessimismo daquelles que pareciam desconhecer os inexgotaveis recursos de que dispunha a Austria. Ao in-vés de seis mezes, este general que não era outro sinão Carlos Mack, o fracassado de Napoles em 1799, declarou que bastavam dois para motilizar os 250.000 homens requeridos pelo convenio com a Russia e Inglaterra.

Conseguida por fim a substituição de Duka por Mack nas funcções de quartel-mestre-general, cargo correspondente em parte ás de chefe do estado-maior-general, vencia a corrente favoravel á vindicta e á guerra, avolumando-se esta, graças á propaganda intelligentemente tecida em torno da annexação inesperada de Genova á França por acto de Napoleão. Pouco depois Vienna ractificava os convenios firmados em São Petersburgo por Stadion. Era a guerra !

Livros á venda na A DEFESA NACIONAL

Do Major ARARIPE:

ESCOLA DO PELOTÃO

Preço: 10\$000

COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA

Preço: 10\$000

SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER
Auxiliares: MANOEL GUEDES
COELHO DOS REIS

A Manobra dos T. C. e T. E. dos Corpos de Tropas e demais sub-unidades

Notas do D. G. E. das Escolas de Armas

Cab. JURANDY TOSCANO DE BRITTO
Aux. Instructor

Vamos agora dar algumas regras geraes para as ordens que o comando dá aos T. E.

Nestas ordens devem constar:

- 1.^º como vão marchar os TE: grupados; com as unidades.
 - 2.^º commandante do grupamento.
 - 3.^º logar de reunião: hora e em tal logar.
 - 4.^º Estacionamento ou logar do T. E. na columna.
 - 5.^º Deslocamento do grupamento: estrada ou eixo.
 - 6.^º Pontos de 1.^º destino, onde os T. E. passam á disposição dos Cmto. de unidades para a distribuição.
 - 7.^º Ponto de contacto T. E₁ — T. C. para a distribuição.
 - 8.^º Hora da distribuição.
 - 9.^º Estacionamento ou logar do T. E_r na columna.
 - 10.^º Estacionamento ou logar do T. E₂ na col.
 - 11.^º Ponto de contacto Cb. AD. — T. E. — para o reabastecimento.
 - 12.^º Hora do reabastecimento.
 - 13.^º Natureza do reabastecimento.
- Caso os TC₂ marchem juntos aos TE: regular do mesmo modo.

Quanto ás horas de distribuição e de reabastecimento daremos as seguintes regras que devem ser seguidas sempre que fôr o caso:

DISTRIBUIÇÃO: para o consumo no dia seguinte dos T. E. aos T. C — a tarde entre 15 e 18 horas.

REABASTECIMENTO: dos T. E. no C. D.—pela manhã entre 8 e 10 horas

— No que diz respeito ás distancias e meios de reabastecimento temos em annexo diversos quadros elucidativos que devem ser tomados como exemplo e não como esquema.

Como um exemplo concreto vamos estudar o emprego dos T. E. no nosso ultimo thema em sala.

Relembamos a situação geral que annexamos.

O 7.^º R. C. D. e o 5.^º B. C. já estavam ha alguns dias em posição cobrindo o flanco do Exercito.

O 20.^º R. I. e o 7.^º R. A. Do. — Desembarcaram no dia D-1; seus T. C. vinham se reabastecendo diariamente em Est. Santa Rosa.

Vamos ver qual seria a situação dos T. E. destas unidades no dia D-1 ás 18,00 hrs.

7.^º R. C. D. — T. E₁ — Junto aos T. C. — distribuição

T. E₂ — em movimento para o reabastecimento em Santa Cruz pelo Ch. AD. do Ex.

T. E₃ — Estacionado em Bossoroca.

— Ponto de estacionamento do T. E.

Bossoroca

— Ponto contacto T. E₄ T. C. Nhacondá

5.^º B. C. — sua situação é identica a do 7.^º R. C. D.

— Seus T. E. estão reunidos aos do R. C. D. mas neste momento está o T. E., á disposição do btl. para a distribuição.

— Ponto contacto T. E. — T. C. — na bifurcação 1500 ms. N. E. da Faz. José Alves.

— Ponto de estacionamento dos T. E.

Bossoroca

20.^º R. I.

(Seus T. E. estão reunidos e cheios

7.^º R. A. Do (na região da bifurcação 1300 ms. NE. de Santa Rosa

(Seus T. C. foram reabastecidos ás 14,00.

A situação é então a seguinte:

7. ^º R. C. D. (T. E. — 1 Sec. cheia 1 vasia	{	viveres para D.
5. ^º B. C. (T. C. — cheios para D.)		

20. ^º R. I. (T. E. ambas as secções cheias	{	D.
7. ^º R. A. Do (T. C. — cheios para D.)		D + 1

Para os 7.^o R. C. D. e 5.^o B. C. — nenhuma alteração até D + 3, pois, só a partir dessa data o Dest. terá diariamente ás 12,00 reabastecimento em Alto do Tamboril.

Até então as unidades continuarão a viver como vinham vivendo utilizando as rações de reserva se for necessário.

O 20.^o R. I. e 7.^o R. A. Do. — vão marchar no dia seguinte D.

Qual será a situação destas unidades na tarde do dia D?

Seus T. C. continuam a se reabastecer directamente.

Seus T. E. continuam cheios.

Nesta situação é que os elementos que estão ao Sul vão marchar.

Quer dizer que elas terão provisões para

o dia D + 1 — nos T. C.

o dia D + 2 — } nos T. E.

o dia D + 3 — }

Isto sem falar nas provisões de reserva.

Então só devemos prever reabastecimento para dia D+3 e isto será dito nas ordens de instalação defensiva.

Veremos adeante.

Como vão marchar os T. E.? Vamos marchar a noite, nenhuma distribuição que só se fará na tarde de D + 1.

Logo: grupados os T. E. na cauda da Col. marcharão até o ponto de estacionamento.

As tropas vão para as alturas ao N. do C. do Paiolsinho; seus T. C. deverão ficar na linha Nhacondá — Necá Ramos.

O centro de distribuição — dos T. E. será em Alto do Tamboril; deste ponto a Nhacondá vão 17 kms. A metade nos dá mais ou menos Cajurú.

Então: Ponto de estacionamento dos T. E.

Cajurú, ravinhas a N. O.

A situação não pode ser melhor.

Apresentamos um croquis do dispositivos do reabastecimento para o caso em vista.

Nelle collocamos:

Ponto de estacionamento dos T. C.

> > > > T. E.

> > > > Ch. AD. (supposto)

> de contacto T. C. — T. E.

> de reabastecimento do T. E.2 no C. D.

Horas de distribuição aos T. C.

> de reabastecimento dos T. E.2 no C. D.

Como seria redigido o § da *ordem particular* de movimento, dirigida ao 20.^º R. I. e 7.^º R. A. Do.?

Prescrições sobre T. C. e T. E.

a) — T. C. — marcharão com suas unidades. As viaturas V-f. vasias aguardarão em Cajurú a distribuição dos T.E.1 ás 8,00 (oito) hs. de D+1; em seguida reunir-se-ão ás suas unidades.

b) — T. E. — marcharão reunidos sob o commando do Cap. C., na cauda do Dest.

Reunião em..... ás..... hs.

c) — Estacionamento em Cajurú (ravina a N. O.)

d) — Pontos contacto T. C. — T. E. na jornada de D + 1:

— 20.^º R. I. — bifurcação 1500 ms. a N. E. da Faz. José Alves — 17,00 (dezessete) hs.

e) — Nos dias D + 1 e D + 2 não haverá reabastecimento dos T. E.

f) — A partir de D + 3 o Dest. disporá diariamente de 1 dia de viveres forragens e carne verde.

— C. D. do Cb. A. D. — : Alto do Tamboril.

— Reabastecimento do T. E.2: 12,00 (doze) hs. no C. D.

Na ordem particular ao 7.^º R. C. D. e 5.^º B. C.

seria redigido as seguintes prescrições:

a) — Os T. E. do R. C. D. e do 5.^º B. C. deverão marchar no dia D + 1 para Cajurú onde se reunirão ao grupamento dos T. E. do Dest. sob o commando do Cap. C.

b) — Ponto de contacto T. E. — T. C. sem alteração

c) — Nos dias D + 1 e D + 2 não haverá reabastecimento dos T. E. podendo as unidades lançar mão dos viveres de reserva, si preciso.

d) — A partir do D + 3 o Dest. disporá diariamente de 1 dia de viveres, forragens e carne verde.

— C. D. do Cb. A. D. — : Alto do Tamboril.

— Reabastecimento dos T. E.2 — 12,00 (doze) hs., no C. D.

O nosso croquis traz, com o dispositivo defensivo do Destacamento, o eschema do reabastecimento.

Temos assim terminado a nossa palestra de hoje, deixando para outra occasião a questão de remuniciamento dentro das unidades.

ORGANIZAÇÃO DOS T. E.

Annexo I

ELEMENTOS	Secções de viveiros de campanha		Sec. de viveiros de reserva Vit. a 4 animaes	Viatura de carne verde a 2 ou 3 animaes	Viaturas de serviços diversos			Total das Viaturas
	1 ^a . Séc. Viatura a 4 animaes	2 ^a . Séc. Viatura a 4 animaes			de 2 ou 3 animaes	de 4 animaes	de 6 animaes	
R. I.	12	12	9	4	2	1	—	40
R. C. D.	20	20	7	2	—	2	—	51
G. A. M. 75	10	10	6	1	1	3	—	31
G. A. Do. 75 Mx.	10	10	6	1	1	3	—	31
G. A. 105. M.	10	10	6	1	1	3	—	31
Cia. Sap. Min.	1	1	1	—	—	—	—	3
Cia. Sap. Ptn.	1	1	1	—	—	—	—	3
B. I. M.	16	16	6	1	—	2	—	41
R. C. I.	20	20	7	2	—	2	—	51
G. A. 75 Cav.	7	7	4	1	1	3	—	23

TONELAGEM DO REABASTECIMENTO**Annexo II**

Uma D. I. { 18.000 homens
 { 11.000 animaes

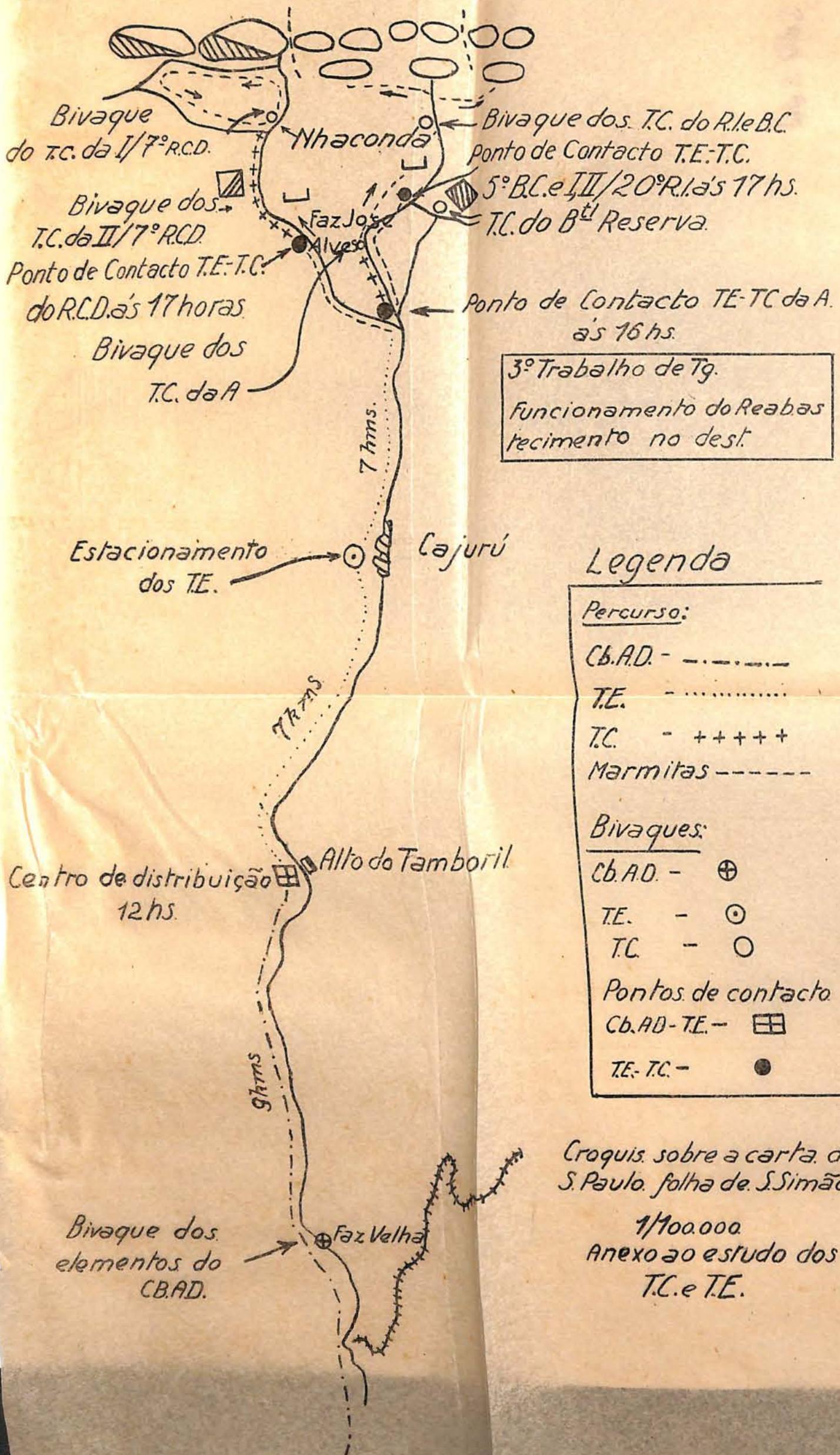
Viveres do dia		Viveres de reserva	
Rações	Tons.	Rações	Tons.
Viveres	32.480	Viveres	23.400
Forragens	60.060	Forragens	23.315
Total	92.540	Total	46.775

93 Tons.
 1 Sec. do Cb. AD.
 \pm 100 Tons. 47 Tons.
 1 Sec. res. Cb. AD.
 \pm 50 tons.

Uma D. C. { 10.000 homens
 { 13.000 animaes

Viveres do dia		Viveres de reserva	
Rações	Tons.	Rações	Tons.
Viveres	16.500	Viveres	13.000
Forragens	55.250	Forragens	27.635
Total	71.750	Total	40.635

72 Tons.
 1 Sec. Cb. AD.
 \pm 75 Tons. 41 Tons.
 1 Sec. res. Cb. AD.
 \pm 44 Tons.



Annexo III

Escalonamento dos Viveres e forragens na D. I.

ELEMENTOS	Viveres do dia	Viveres de reserva	Forragens do dia	Forragens de reserva
Com os soldados e no T. C.	—	2 dias	—	2 dias
No T. E.	2 dias	1 dia	2 dias	1 dia
No Cb. AD.	2 dias	1 dia	2 dias	1 dia
Total	4 dias	4 dias	4 dias	4 dias

Escalonamento da carne

ELEMENTOS	Carne em conserva	Carne secca	Gado em pé
Com os soldados no T. C.	2 dias	—	—
No T. E.	1 dia	2 dias	—
No Cb. AD.	1 dia	2 dias	—
T. G. D.	—	—	2 dias (136 bois).
Total	4 dias	4 dias	2 dias

Peso das rações diárias

		ESPECIES DE RAÇÕES	PESO
Viveres	Normal		1,500 grs. (bruto 1,600 grs.)
	de reserva		0,830 grs. (bruto 1.000 k.)
Forragens	Normal		4,000 k. (bruto 4,200 grs.)
	De reserva		2,000 k. (bruto 2,100 grs.)
Água	Por homem		3 litros
	Por animal		30 litros
Combustíveis	Empregnado a Co-	110 arranchados	Lenha 90 k. Carvão 56 k. (ração collectiva)
	zinha ro-	+ de 110 arran-	Lenha 0,600 gs. Carvão 0,360gs. (ração individual)
	dante	chados.	
	Sem Co-		Lenha 0,850gs. Carvão 0,350gr. (ração individual)
	zinha		

Rendimento da matança do gado

	Peso médio	Rendimento	Número de rações
Uma rez	250 ks.	50 % do peso	300 de 0,400 grs.

T H E M A

Carta: Folha de São Simão 1/100.000

SITUAÇÃO GERAL — um exercito verde do S. conseguiu com grande dificuldades e serias perdas, tomar pé ao N. do rio PARDO. Na tarde do dia D—1, occupava, em contacto com o inimigo, a frente Garupa a O. de ANT.^o JUSTINO — planalto ao S. de CHAVE-FRADINHOS — Alturas de ANTONIO RICARDO-BAIRRO FURQUIM.

Elementos da 7.^a D. I. verde — 7.^o R. C. D. e 5.^o B. C., constituidos em Dest. Cel. Z — cobrem, além do rio ARARAQUARA, por conta do Exercito o flanco L. do partido e em ligação estreita com elle.

No dia D, as 10 horas, o inimigo inicia em toda frente, maximé no planalto ao S. de CHAVE-FRADINHOS, violenta preparação de artilharia.

As 12 horas, a aviação verde registra, em Est. CONGONHAL, importantes reunião de Inf. — Art., que se põe em movimento em direcção de DOLORES.

A's 14 horas, o Gen. cmt. da 7.^a D. I. recebe, em seu P. C., em SANTA ROSA, ordem para, com toda a sua divisão, tomar á sua conta a cobertura do flanco L. do Ex. verde.

SITUAÇÃO PARTICULAR — A 7.^a D. I. que prosseguia em seus desembarques em SANTA ROSA, dispunha, nessa região, ás 14 horas do dia D. desembarcados na vespera, dos seguintes elementos:

— 20 R. I. — estacionado em FAZ. AMALIA

— 7.^o R. A. D. → na ravina 1,200ms. a N.O. de Col. ALGODOAL

O reabastecimento dessas unidades em viveres, forragem e carne verde se faz, na Est. SANTA ROSA, directamente pelos T. C. diariamente as 14 horas.

Os seus T. E. bivacam, cheios, na região da bifurcação 1,300 ms. a N. E. de SANTA ROSA.

Em cumprimento a ordem do Ex., o Gen. Cmt. da 7.^a D. I. determinou, ás 15 horas, que o Gen. X. Cmt. da Infantaria divisionaria, assumisse, até a chegada do resto da divisão, o commando da cobertura do flanco do Exercito, dispondo para isso:

a) — dos elementos que já lá estão e mais dos que estacionam na região de SANTA ROSA;

b) — diariamente, as 12 horas a partir do dia D. de 1 dia de viveres, forragem e carne verde, no ALTO DO TAMBORIL (6520 ms. S. O. de CAJURU.

TRABALHO PEDIDO

1.^o — Calco do dispositivo — até aos escalões Cia., Esq. e menores, se necessário — na tarde do dia D—1, do Dest. do Cel. Z;

2.^o — Ordens dadas pelo Gen. X. menos a da instalação defensiva, que será substituída por um calco.

UM 1.º PERÍODO DE INSTRUÇÃO NUMA C. M. B. (1)

Cap. MANUEL JOAQUIM GUEDES

Passemos agora a verificar os seguintes assumptos:

- A) Organização da Cia.
- B) Distribuição dos serviços
- C) Divisão e funcionamento da instrução
- D) Programma pormenorizado
- E) Exemplo de um quadro de trabalho semanal no período preliminar e no período propriamente dito.
- F) Confecção de algumas fichas.

A) Organização da Cia.

Para o período de recrutas a Cia. se constituirá em 3 secções de recrutas e 1 secção de praças promptas, destinada ás demonstrações.

Cada Secção além dos seus elementos regulamentares de comando contará com dois soldados antigos da Secção Extra (não especialistas) para monitores.

As Secções se organizarão de acordo com o publicado no quadro de efectivos fixado para o anno de instrução.

Neste anno foram constituídas cada uma de 24 homens, sendo 3 a mais do efectivo, previstas as baixas occorrentes.

As Secções tinham depósitos próprios, baixas para os animaes e todo o armamento, equipamento completo, arreiaimento e outros materiaes como (material de limpeza, material para os diversos ramos de instrução etc.) n.º 15 do art. 111 do R. I. S. G. Este material constava de um caderno carga e estava sob a imediata responsabilidade dos Cmto. de Secções (n.º 16 do art. 111 e n.º 1 do art. 112 tudo do R. I. S. G.).

B) Distribuição dos serviços

- A) Ao Sargento cumpre: (art. 115 do R. I. S. G.)
- 1.º) Escripturar: a Escala do Serviço, Mappa do efectivo do pessoal e as Cadernetas militares e de tiro das praças da Secção Extra.
- 2.º) Conduzir a instrução pratica de tiro na Secção Extra, de acordo com o fixado no quadro de trabalho semanal.
- 3.º) Ler ou assistir diariamente a leitura do Boletim e aditamentos, para toda a Cia., 10 minutos antes do inicio da instrução.
- 4.º) Ter em dia o arquivo da Cia.
- 5.º) Por em fórmula 15 minutos antes do momento em que deverão avançar, as praças de serviço, fazendo a chamada das mesmas e revisando-lhes os uniformes, equipamento (de guarnição) e armamento.
- 6.º) Apresentar ao Cap. logo após o 1.º tempo de instrução o expediente diário.

(1) Continuação do n.º 256.

7.) Fiscalizar toda a escripturação da Cia., sendo o responsavel perante o Cap. por toda as irregularidades verificadas.

B) As cadernetas de tiro serão escripturadas pelo 3.^º Sargento auxiliar de cada Secção, no dia do exercicio, assignadas pelos Cmts. respectivos e entregues ao Cap., que lhes visará as folhas de tiro e as passando ao sargento encarregado da escripturação da Cia., afim de que altere em função os mappas e livro respectivos, retornando-as ao Cap., que dará o competente destino.

A escripturação geral ficará a cargo do Sargento....., que apresentará ao Cap. por intermedio do Sargeanteante no dia seguinte aos exercicios, os mappas e livro com as alterações ocorridas já registradas.

C) O livro de alterações ficará a cargo do cabo....., que por intermedio do sargeanteante o apresentará diariamente ao Cap. com as alterações da vespera já passadas para elle.

No dia 1.^º de cada mez, este encarregado entregará ao 1.^º sargento a relação de alterações para a S. O. do Btl.

D) O protocolo de entrada e saída de documentos ficará a cargo do cabo....., que o apresentará diariamente ao Sargeanteante da Cia.

E) O sargento de dia á Cia., além das obrigações constantes dos arts. 146 e 147 do R. I. S. G., deverá confeccionar o pernoite e encher as baixas a E. R. e H. C. E., fóra das horas de expediente. Registrará em um caderno existente na Cia. as partes de serviço.

F) O registro de partes e informações serão feitos pelo cabo.....

G) O 3.^º Sargento furriel e cabo furriel terão as obrigações constantes dos arts. 117 e 120 tudo do R. I. S. G.

H) O cabo do Material Bellico deverá ter em dia o mappa de registro do armamento da Cia.

I) O cabo armeiro tem suas obrigações prescriptas no art. 34 do R. E. E. Mtrs. Ps.

J) O cabo conductor se incumbirá da conservação e limpeza das baixas da Cia., dos animaes e arreiamento das viaturas da Secção Extra. Prestará diariamente informações ao Cap.

K) O cabo ferrador e ajudante de ferrador terão suas obrigações prescriptas no regulamento respectivo — e Av. n.^º 113 de 21-9-933 publicado no B. E. n.^º 11 de 25-2-933. paginas 407 e 408.

L) O soldado auxiliar terá como obrigação, além das consignadas no art. 124 do R. I. S. G. mais a conservação e a limpeza da sala dos officiaes, sala do sargeanteante e bem assim a conservação do quadro de efectivo da Cia. — (Ver modelo logo abaixo).

M) O cabo do rancho e os soldados cozinheiros exercerão suas funções na cozinha do Regimento, em condições de se exercitarem na confecção da alimentação da Cia. em campanha.

(Continúa)

2º RI

II Btl.

C.M.

Quadro do efectivo
(Pessoal - Animaes-Viaturas)
Dimensões(0,80x0,40 como exemplo)

1º Secção	2º Secção	3º Secção	4º Secção	C.M.	Secção Extra	Animaes.	Viaturas
1º Peça 2º Peça 3º Peça 4º Peça 5º Peça 6º Peça 7º Peça 8º Peça	8º Ten X 9º Ten Y 10º Ten Z 11º Ten M			8º Sarg cmt	Grupamento Grupado T.C. Cabo Furreli & 3º Sarg Furreli (1) Especialistas San. Obs. res.	1º Secção 2º Secção	Nº1.....
1º Cargueiros 2º Cargueiros 3º Cargueiros				Telemetrista	Artífices Carpinteiros	20 12 75 52	
Encarregado de Montado Cmt Secção remuniciamento 3º Sarg Auxiliar				Carreteiros e Tambores (Agentes de Transmissão)	Correieiros	Excedente 1"	
○ ○ ○ Excedentes da Secção				Estafetas	Armeiros	3º Secção 4º Secção	
H.C.E.				Sabedores	Especialistas Conductores	Camion 1	
E.R. ⁽⁴⁾				Empregado eventual(s) Soldados bus.	Ferradores	Camion 2	
E.Vet.				(1)	Ordenanças	Secção Extra	
Addidos						Viat: Cosinha-Bag Archivo	
Empregados Int. 200						Mat. V Paragem-Har Nun	
Viaturas em concerto						(1)	

(1) - O efectivo variando com o fixado annualmente
(2) - Nº do muan no R.I

(3) - Podem entretanto serem utilizados em qualquer das viaturas.

(4) - Informação Regimental

(5) - Fixa dano efectivo orçamentario

(6) - Chefe dos agentes de transmissão
(7) - Ligação eventual com o cmt do Btl

Os agregados terão no cartão com o seu numero uma faixa de cor verde (p. ex.) indicando a sua situação na Cia. Para a collocação

SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: F. D. FERREIRA PORTUGAL

Auxiliar: DANTAS PIMENTEL

Calme, en avant, droit

Cap. DANTAS PIMENTEL

Em janeiro deste anno entreguei á Redacção da "Cavallaria", umas notas em que expunha um ponto de vista sobre o programma do Curso C.

Na sua fulgurante resposta ás referidas notas, o illustre Cap. Osvaldo Borba, Instructor Chefe, diz-me nada ter podido aproveitar, pois o programma que adopta desde a abertura das aulas, em Abril, é em linha geraes igual ao meu.

Ter tido idéas parecidas com o Instructor Chefe me enche de jubilo.

O Cap. Osvaldo Borba é um dos expoentes da minha turma e embora estejamos sempre separados, pois só servi aqui no Rio o periodo a que fez referencia na sua magistral resposta, 8 meses, em 1921, e elle tenha estado permanentemente na Capital Federal, acompanho com grande amizade a sua brillante trajectoria.

Infelizmente vou discordar do Instructor Chefe em alguns pontos...

a) — Parece-me que distribuindo aos alumnos do 1.^o anno dois cavallos de iniciação, não se pôde "a priori" classifical-os como:

- futuro cavallo de picadeiro;
- futuro cavallo d'armas.

Seria lamentavel trabalhar um cavallo durante um anno visando a especialidade — picadeiro — e depois descobrir nelle qualidades para ganhar bons premios "nas bellas pistas do Derby"!

A analyse do "exterior" como base para uma tão prematura escolha de categoria é, na pratica, diariamente desmentida.

Será que para remediar tal difficuldade os alumnos trocam de cavallo durante o anno? Não creio, que o Instructor Chefe permitta tal deslise na execução do programma que traçou.

Um cavallo de iniciação, tão verde quanto possivel, sabendo apenas cabrestear, é indispensavel. Aprenderia o alumno, então, a domar sem corcovos, sem barras quebradas, sem caracteres pervertidos. Já, dois cavallos de iniciação é monotono e só no 2.^o anno iniciar o estudo do adestramento, é reduzir muito o tempo destinado a essa parte. Si o alumno possuir fortes conhecimentos anteriores, poderá no fim do anno abordar "algumas figuras de alta escola", em caso contrario, difficilmente chegará até lá.

Não vejo prejuizo em que alumno do 1.^o anno tome parte no C. Cavallo D'armas, nem mesmo ha o perigo de se tornar vaidoso, pois difficilmente poderia vencer em adestramento aos instructores. Esse perigo existe, sim, quando tomndo parte em percurso de obstaculos vence brilhantemente com cavallo trabalhado fóra do Curso C.

Que impressão formidavel causaria o Curso de Equitação, si todos os annos apresentasse verdadeiras turmas de crakes estreiantes, iniciados e montados pelos proprios cavalgantes no periodo anterior e não "heranças" muito conhecidas, algumas já fallidas e outras que decahindo na posse do novo dono, abalam prestigios ainda pouco firmes. Entao com respeito aos instructores seria completamente vedado herdar cavallos preparados por outros; cavallo, de instructor que abandonasse o Curso, passaria automaticamente á categoria de "carrière geral".

Não concorda o notavel artista, que é o Cap. Borba, com a distribuição por sorteio dos cavallos, prefere harmonisar temperamentos...

— Que simples amadores, como eu, escolham temperamentos, vá, mas um futuro technico não se pode dar a essas fraquezas. — Elle deve ficar em condições de triumphar de todas as difficuldades. Creio, portanto, que o objectivo devia ser justamente o opposto.

O official com o Curso C., num R. C. é o recurso competente para o qual recorrerão todos os seus camaradas que se virem a braços com um caso rebelde a decifrar. Si de acordo com o seu feitio, elle no Curso só trabalhou cavallos suaves, difficilmente se sahirá bem na lucta que se lhe offerece. Si possuir bastante solidez, perderá a cabeça e quererá vencer pela força e nesse momento... o seu prestigio apaga-se.

De uma auto-critica severissima, eu não quiz aceitar o convite, que por mais de uma vez o Cmt. Batisteli, organizador do Curso C., me fez para vir frequentar-o; achava eu, que muito pesado, não poderia servir, como instructor, de padrão, no salto. Reservei-me o papel de incentivador de candidatos capazes de frequentar o Curso. Não lanço, pois a duvida sobre o que está certo, mas não bato palmas aquillo que me parece menos verdadeiro.

A arte é a expressão de uma idéa, de uma impressão fóra da necessidade da vida práctica. Por isso na arte o que principalmente interessa é a forma e por forma devemos entender todo o fantasma concebido pelo artista e a que elle deu vida, correspondendo ao seu ideal. Pode-se querer imitar seguindo methodos diferentes, mas a forma artistica é sagrada. O Curso C. para se impor como detentor da verdade equestre não pode transigir com deturpações.

Desejando abordar uma determinada figura classica, o cavalleiro tem que se conformar com a forma que o seu creador lhe deu e nunca modifica-a, seja para facilitar ou por qualquer outro motivo. Não tendo

um modelo vivo, a descrição dos textos e uma gravura reputada exacta serão os guias no ideal a procurar.

Exs.: — O trote hespanhol. Não ha sophismas que sirvam para convencer que um cavallo, todo contracções e que vai aos manotaços, com as diagonaes disassociadas, executa a brilhante figura da qual Mr. Ponthieu montando Marco Aurelio nos dá um magistral exemplo.

Mudanças de pé ao galope. — Desde que os dois posteriores pousem juntos no solo, desde que a andadura se extinga e a nova partida se faça para cima, poderemos chamar de mudanças "á lá macaca", si querermos, mas nunca mudanças de pé — estas têm que ser feitas no ar!

De acordo com a doutrina adoptada no Curso C., a alta escola deve ser feita no "rassembler" e ainda de acordo com o livro do Gen. L'Hotte o "rassembler" é posterior ao "ramener". Como conceber cavallos numa demonstração publica de alta escola que levantavam o chanfro á menor acção do freio, que galopavam quando deviam trotar, que ao ser pedido o ladeio ao trote preferiam cahir no "passage"?

O meu ilustrado camarada Cap. Borba é um cavalleiro muito fino e muito competente para não synthetisar tudo isso em tres palavras: falta de IMPULSÃO.

Não se diga eu desejo impossiveis, bastava que a maioria dos cavallos se approximassem do estado de adestramento em que se apresentava o cavallo da testa.

Será conservando intacta a tradição e intransigente na applicação dos principios que prega, que o Curso C. se imporá

Os "resultados palpaveis" que reclamo, se referem á qualidade e não á quantidade. E esta mesmo ainda é discutivel. Tomemos o Campeonato C. D'armas de 1934:

1.º logar — um brilhante alumno do 1.º anno do Curso C., cujo cavallo trabalhado no Paraná, no anno anterior já fôra considerado rival do vencedor;

2.º logar — dois brilhantes officiaes, empataram, um pertencia á E. M. e o outro não posse o Curso C.;

3.º logar — um 2.º ten. convocado, do IV/3.º R. C. D. — P. Alegre;

4.º logar — um aspirante do 3.º R. C. D. — Jaguarão;

5.º logar — um ten. do IV/3.º R. C. D.

Do Curso C., nenhum instructor ou alumno do 2.º anno foi concorrente!!

* * *

Lamento ter do trabalho "brilhante" uma concepção differente do abalizado technico que é o Instructor Chefe. Para ver um trabalho com brilho, não é preciso estar deante de um desses genios, que aparecem para illuminar um seculo, basta que no trabalho haja — Impulsão.

Creio, que estou em bôa companhia, pois no livro do Gen. L'Hotte, que serve de Alcorão ao Curso C., leio com referencia á falta de impulsão o seguinte:

"La marche perd alors sa franchise pour devenir incertaine, douteuse, trainante. Les mouvements n'ont plus ni élasticité, ni éclat. Toute exécution devient molle et tardive..... Pour tout dire en deux mots: plus d'impulsion, plus de cheval." (Questions Equestres, pag. 24).

* * *

Desejava saber como o meu presado camarada Cap. Borba julga que um cavalo está melhor adestrado do que outro e si tambem acha irritante e desprímoroso o parallelismo que o Gen. L'Hotte faz entre os cavallos dos diversos mestres, que cita no seu interessante livro "Souvenirs".

Este anno terei o prazer de bater palmas ao Curso C., pois acredo que veremos todos os instructores e alumnos do 2.^o anno brilharem no Campeonato Nacional. São os votos sinceros que faço.

Em lugar de:

Curso C., ao galope !

Eu digo: Curso C.— IMPULSÃO ! IMPULSÃO ! a andadura é cousa secundaria.

Em vez de achar que rememorar o passado é fraqueza, acreditemos que elle é a fonte de ensinamentos, é "A mestra da vida", pois o presente está envolto nas paixões e o futuro é a incognita desesperadora.

Serão postos à venda na A DEFESA NACIONAL este mês:

MANUAL DO SAPADOR

Major BENJAMIN GALHARDO

Preço : 15\$000

Questões de Concurso á E. E. M.

Cap. PEDRO GERALDO — Preço: 1\$500

Instrucção de quadros

2.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

O leitor deve estar surprehendido com o titulo que encima estas linhas, e aprehensivo com os disparates que ellas possam exprimir. Entretanto, é só impressão...

Bem sei que com isso eu me arrisco, afoitamente, ao mais feio e comovedor desastre que pode succeder a quem escreve: o desastre comovedor e feio de espantar os leitores. A minha grande modestia não consente que eu utilize qualquer phrase solemne e grave tomada ao conselheiro Accacio, com o proposito de impressionar os incautos que, estou certo, abanariam a cabeça num superior e silencioso aplauso, dizendo que eu prometto...

Mas, despreso a gloria e entro no assumpto.

* * *

Instrucção de Quadros. Nem sempre existe nos corpos, e, raramente se orienta no seu verdadeiro sentido. Sim, porque Instrucção dos Quadros não ha de se pisar e repisar, todo o anno, aquellas mesmas noções que nós estamos cansadíssimos de saber. Ella não se destina a ensinar, mas, a aperfeiçoar. Mal conduzida é até perigosa. Engendra o opposto do que devia, isto é, leva os quadros ao tédio, ao desanimo, abafa-lhes o gosto do estudo profissional. Si eu não temesse dar um cunho dramático a estas linhas pintaria a historia ainda mais impressionante e seria mais verdadeiro.

* * *

Mais. Reclamo para a instrucção de Quadros que, além de bem conduzida, seja mais ampla, mais arejada, mais elevada. Explico-me: que se a movimente, também, em certo grau no sentido da cultura geral dos quadros. Não nego que seja um campeão exaltado da cultura geral, como indispensável ao coroamento e aperfeiçoamento de qualquer formação technico-profissional. Claro que não se vae querer o official "sabe tudo", pois nesses ninguem acredita, e' quando algum apparece, pensa-se logo que seria um genio ou um charlatão. Mas é bom não perder de vista o exemplo de Lyautey cujo assumpto, quando conversava com Marcel Proust, era Lamartine... E' bem verdade que estas audacias não lhe ficavam de graça. Pelo menos, é o que se sente nesta queixa de quando elle era, ainda, tenente: "um soldado dos nossos dias não tem direito de ir além do horizonte que lhe traçam a theoria e a profissão. Riem-lhe

na cara si, apeando do cavallo sente alguma alegria no convivio dos livros. O menos que fazem é consideral-o maluco...". Não esqueço, tambem da observação aguda e subtil que se pendurou um dia dos seus labios ironicos: "na cavallaria é de extremo bom tom conhecer-se melhor os cavallos que os homens".

Não, não adeante azedarem-se com o general. Elle sabia o que estava dizendo.

* * *

Digo por fim que não é phantasia nada do que venho considerando sobre a Instrucção dos Quadros. E o provo. Provo-o com um exemplo pratico que conheço e que me sugeriu estas linhas: Servi em um Regimento em que os officiaes assistiam, com prazer, aos exercicios na carta, aprendiam tactica e chegaram ao milagre de esquecer passadas e inesquecíveis torturas... Os officiaes eram designados para fazer duas conferencias por semana para um auditorio de officiaes, sub-tenentes e sargentos, sobre assumptos technicos, historia militar e cultura geral, á escolha do commando. Cada conferencia era commentada por um official designado no momento. No final da sessão falava o Cmt. que fazia as observações necessarias. Quando contradictava uma idéa era com outra idéa. Emprestava, com antecedencia' os livros que deveriam ser consultados para a preparação dos themas, notadamente, quando se tratavam de assumptos mais delicados ou menos vulgarizados.

Emfim, eu poderia dizer que trabalhavamos n'um ambiente academico, si o termo não pudesse ser mal interpretado... E não obstante, a instrucção da tropa era intensa e apurada e a disciplina rigorosa.

Não são incompativeis estas duas causas. Ellas se completam, isso sim.

"Si os bons fossem melhores, não haveria tantos maus." E' necessario desmascarar os maus e velhacos para que não abusem da bôa fé e fraqueza dos bons."

"Ha pessoas que não sabem perder o tempo sozinhas; são o flagello das pessoas ocupadas."

DE BONALD

SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: I. J. VERISSIMO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

Possibilidades de tiro (¹)

Cap. A. C. DA SILVA MURICY

Caso dos materiaes que atiram com grande numero de cargas.

A procura da posição de Bia. para os materiaes que utilizam um grande numero de cargas para uma dada munição, envolve duas considerações diferentes:

1) — Poder atirar sobre o limite curto com a carga mais fraca possível.

2) — Poder atirar sobre todos os pontos da zona de acção situados além do limite curto.

1) — Poder atirar sobre o limite curto;

Para os materiaes que utilizam mais de uma carga, (105 curto, 155 C., por exemplo) este problema é mais simples de resolver que para os que atiram com uma carga unica.

Em principio, afim de evitar a fadiga e a usura do material, convem empregar a carga mais fraca entre as que realizam o alcance desejado.

Entretanto, o terreno, o angulo de queda, ou outra consideração, podem impor o emprego de uma carga mais forte.

Isto posto, convém não esquecer que não se deve empregar uma carga proximo do limite do seu alcance. As condições atmosphericas podendo actuar em sentido contrario ao tiro e a necessidade da existencia de uma margem para a regulação fazem com que dos alcances theoricos maximos, consignados nas tabellas, devam ser subtrahidos 1/10 desse alcance (condições atmosphericas) e 300 a 440 m (regulação) para que se obtenham os limites praticos de utilisação das diferentes cargas.

Assim, para o nosso 105 C. Krupp., devemos considerar para limites de emprego:

Para a carga 1,	o alcance	1.950 m.
>	>	2.430 m.
>	>	3.140 m.
>	>	4.030 m.

(1) Continuação do n. 255.

Para a carga 5 não ha necessidade de calcular o limite pratico de utilisação, para solução do problema de procura de posição.

A posição de bateria deverá então satisfazer a condição

$$s \leq T + S - t - \alpha \quad \alpha = 120 \text{ (condição 1)}$$

em que α é tomado para a carga mais fraca, e para o alcance limite.

2) — Poder atirar sobre todos os pontos da zona de acção:

A' primeira vista parece que si se pode atirar sobre o limite curto, poder-se-á sempre atirar sobre todos os pontos da zona de acção, até o limite maximo do alcance.

Entretanto pode acontecer que uma trajectoria PA (fig.....) correspondente ao alcance maximo de uma determinada carga, seja mais curta que a trajectoria minima PB correspondente á carga imediatamente mais forte.

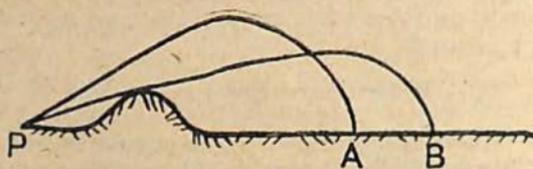


Fig. 9

Haverá, então, uma zona AB que não pode ser batida.

E' necessário, portanto, que a massa permitte bater com uma determinada carga a partir do alcance maximo da carga imediatamente inferior;

Vejamos o problema para a granada do 105 C:

— E' preciso que se possa atirar

com a carga 2, a partir de 1.950 m. ($T = 318''$)

 > > > 3, > > > 2.430 m. ($T = 301''$)

 > > > 4, > > > 3.140 m. ($T = 294''$)

 > > > 5, > > > 4.030 m. ($T = 288''$)

A posição de bateria deverá então satisfazer a condição:

$$s \leq T' + S' - t' - \alpha'$$

Em que para uma determinada carga:

T' é o angulo de tiro correspondente ao alcance minimo empregado
 S' é o menor valor que pode ter o sitio
 t' é o angulo de tiro da massa
 α é correspondente ao alcance maximo da carga mais fraca.

* * *

E' claro que o menor valor do segundo membro corresponde:

- ao menor valor de T' (288'')
- ao maior valor de t' (tomado para a carga mais fraca, 2)
- ao menor valor algebrico do sitio.

O valor de α é constante e corresponde ao alcance 1.950 m. (praticamente 2.000) ou seja

$$\alpha = 120''$$

A condição ficará então sob o seguinte aspecto

$$s \leq S' + 168 - t \text{ (condição 2)}$$

Concluindo

A posição de bateria para o 150 deverá satisfazer ao mesmo tempo as condições 1 e 2;

c) POSSIBILIDADE DE TIRO

A possibilidade de tiro de uma bateria, dentro da zona de acção que lhe foi atribuída, fica caracterizada com a determinação das zonas em espaço morto, para essa bateria.

"Para uma bateria em posição, o espaço morto, relativo a uma munição dada, é a parte do terreno que não pode ser batida pela bateria, com essa munição". (R. T. A.)

Já vimos que as zonas em espaço morto podem ser resultantes de duas causas:

1.º — haver a bateria ocupado posição atrás de uma massa cobridora

2.º — existir na zona de acção obstáculos que cream novos espaços mortos.

1.º — ESPAÇO MORTO DEVIDO A' MASSA — CURVA DE ALCANCE MINIMO

A zona em espaço morto, resultante da primeira causa é limitada pelo vertice da massa, de um lado, e do outro pela linha que une os pontos de alcance minimo nas diversas direcções, linha que se denomina "CURVA DE ALCANCE MINIMO".

O alcance minimo, numa direcção dada, é a distancia que vae da peça ao ponto de incidencia da trajectoria razante á crista ou trajectoria minima dessa direcção.

E' evidente que para traçar a curva de alcance minimo de uma bateria, basta determinar os pontos de alcance minimo de varias direcções e depois unil-os com certa habilidade.

O problema do traçado da curva de alcance minimo comprehende, então, as tres partes seguintes:

- I — Escolha das direcções
- II — Determinação dos pontos de alcance minimo
- III — Traçado da curva.

I) — Escolha das direcções

Como não se pode fazer a determinação dos pontos de alcance minimo, num numero infinito de direcções, escolhe-se as que determinam os pontos criticos da curva. (1, 2, 3, ..., da fig. 10).

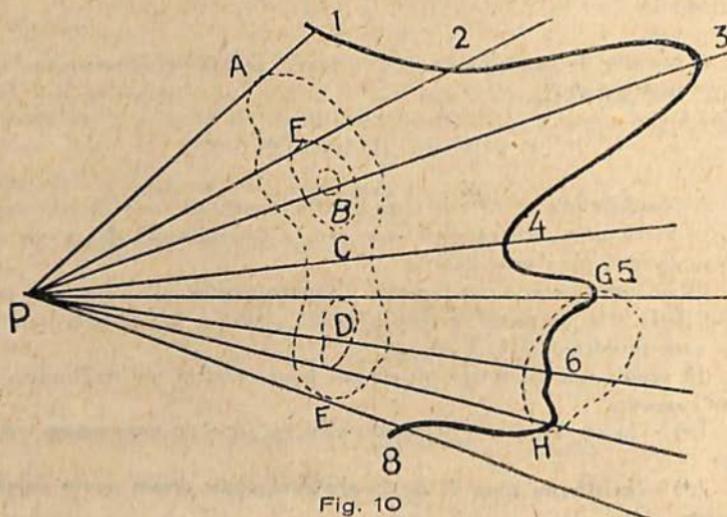


Fig. 10

A escolha das direcções inicia-se com a procura das que determinam os maxima e minima da curva, devidos á configuração da massa.

E' logico que a proporção que a massa se eleva, o ponto de alcance minimo se afasta e que, a proporção que ella se abaixa, o ponto de alcance minimo se approxima. As partes mais elevadas e as mais baixas, da massa, determinam então, as primeiras direcções a traçar.

Assim, na fig. 10, essas direcções a partir de P, passam por A, B, C, D e E;

Ainda na propria massa, uma mudança forte de declive, determina uma inflexão na curva, pelo que deve-se completar o numero de direcções com a escolha de outras que passem pelos pontos de forte mudança de declive como é o caso do ponto F, da fig. 10.

Determinadas essas direcções, poderá haver necessidade de traçar outras, o que será verificado no decorrer do trabalho.

Assim, si o terreno além da massa possue obstaculos que sejam atingidos pelas trajectorias minimas, haverá nessas direcções uma diminuição no alcance minimo, occasionada pela incidencia dessas trajectorias sobre os obstaculos.

Será necessário, traçar as direcções que caracterizam a forma da curva, nesses pontos (caso dos pontos G e H da fig. 10).

II — Determinação dos pontos de alcance minimo.

A determinação do ponto de alcance minimo é baseada na consideração de ser o ponto de incidencia um ponto da trajectoria que tem a mesma cota que o terreno.

A trajectoria minima, numa direcção dada é a que corresponde a vertice da crista, isto é

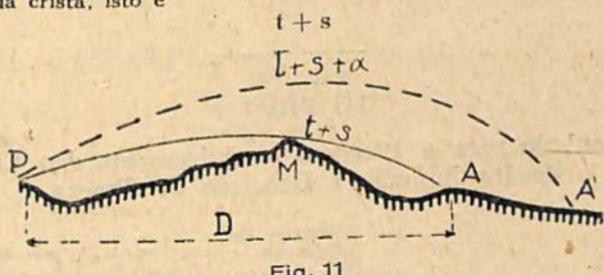


Fig. 11

Entretanto, como a possibilidade de tiro deve ser determinada para um dia qualquer, devemos determinar o ponto de incidencia da trajectoria normal $t + s + \alpha$ (fig. 11), que corresponde ao ponto A' (ponto

de incidencia da trajectoria $t + s$ quando todas as condições atmosféricas actuam no sentido do tiro).

O valor de α é 6G para a distancia D, correspondente a $t + s$.

Si fizermos o calculo tambem para a trajectoria $t + s$ teremos o terreno além da crista dividido em 3 partes: (fig. 12).

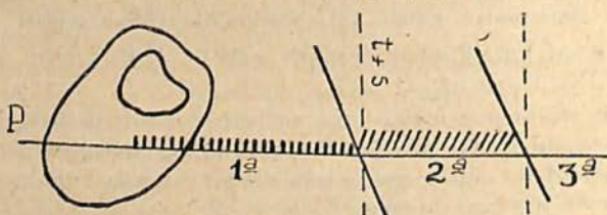


Fig. 12

- a 1.^a curta, que não pode ser batida em dia algum.
- a 2.^a media, que poderá ser batida conforme as condições do momento.
- a 3.^a longa, que poderá ser batida em qualquer dia.

(Continúa)

Eleição da nova Directoria

Realizar-se-á a 16 do corrente a eleição da nova Directoria da "A Defesa Nacional" conforme publicamos no numero passado.

Da lista dos socios já publicada por lamentavel descuido foram omittidos os nomes: Everaldino Alceste da Fonseca e Lauro Rebello Ferreira da Silva.

NO PRELO

Formulario para o Processo e Julgamento dos Crimes de Insubmissão e Deserção de Praças.

da autoria do

Cap. NIZO VIANNA MONTEZUMA.

(aprovado e mandado adoptar no Exercito pelo Dec., n.^o 71 de 27-II-935. e na Marinha pelo Dec. n.^o 318, de 29 de agosto do mesmo anno).

Unidades Angulares (1)

Cap. JOÃO MANOEL LEBRÃO

5.º PARALLAXE

O desvio angular entre dois pontos A e B para um observador colocado em um ponto O e voltado para AB é o angulo formado pelas duas rectas OA e OB (fig. 3).

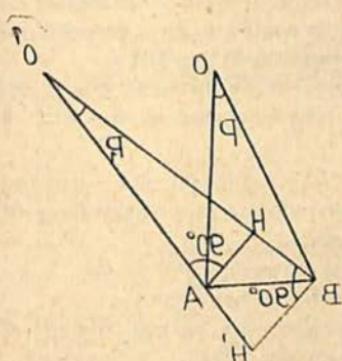


Fig. 3

Esse angulo representa igualmente a parallaxe do ponto O em relação a linha AB;

Temos assim duas expressões para designar um angulo: desvio angular e parallaxe. A primeira é usada quando o operador se encontra no vertice do angulo e determina esse utilizando visadas juxtapostas aos lados; a segunda tem applicações quando o operador não estaciona no vertice do angulo e recorre à linha AB, que une os dois lados, para determiná-lo.

— Se a linha AB fôr perpendicular a OA ou OB, teremos $\operatorname{tg} p =$

$= d^m / D^m$ e, como o angulo em millesimos é expresso, dentro de certos limites, por um numero mil vezes maior do que o que exprime a tangente, podemos escrever, depois de multiplicar por mil ambos os membros da igualdade supra:

$$1000 \operatorname{tg} p = \frac{d^m}{D^m \div 1000} \text{ ou}$$

$$p''' = \frac{d^m}{D km}$$

formula que nos dá a parallaxe e na qual

— d representa o comprimento AB em metros.

— D representa a distancia OA ou OB (a que fôr perpendicular a AB) em kilometros.

(1) Continuação do n. 255.

Nos outros casos (observados em O' tal que AB é obliqua em relação aos dois do angulo) teremos sensivelmente

$$P_1''' = \frac{d^m}{Dkm}$$

formula em que d' representa o comprimento da perpendicular AH (ou BH') levantada de A sobre O'A (ou de B sobre O'B); e D a distancia O'A (ou O'B)

Para a determinação da parallaxe necessitamos essencialmente obter as distancias AB e OA ou OB (vêr determinação das distancias) e se AB não é perpendicular a um dos lados do angulo medir a perpendicular a um dos lados partindo de A ou de B (exemplo AH ou BH')

Abandonando a questão de determinação da distancia que é estudada em outra occasião, verificaremos separadamente os seguintes detalhes na determinação da parallaxe:

- I — A formula da parallaxe é applicável quando AB não é perpendicular a um dos lados do angulo, utilisando-se a propria distancia AB, dentro de certos limites.
- II — Precisão necessária na medida das distancias OA ou OB.
- III — A parallaxe determinada com auxilio de seu seno.
- IV — Detalhes na determinação da parallaxe no terreno, quando for necessário medir a perpendicular a um dos lados.
- V — Medida AB, determinar a parallaxe pelo calculo sem precisar medir a perpendicular a um dos lados.
- VI — A formula é utilisada na medida das distancias.
- VII — Observações sobre a precisão na determinação da parallaxe.
- I — A formula da parallaxe é applicável quando AB não é perpendicular a um dos lados do angulo, utilisando-se a propria distancia AB, dentro de certos limites.

Seja, (fig. 4) OA perpendicular a AB e BC = CA = AF

$$\text{Então, por construção } \frac{AB}{OA} = \frac{CF}{OA}$$

Se escrevessemos

$$p \sim \frac{CF}{OA}$$

$$p_1 \sim \frac{AB}{OA}$$

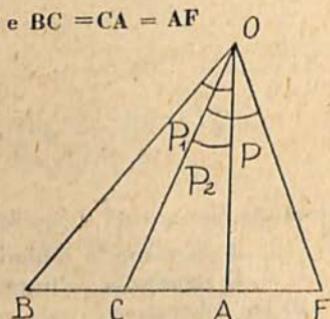


Fig. 4

cometteríamos erros diferentes porque os segundos membros das desigualdades são respectivamente iguaes e os primeiros evidentemente diferentes.

ABm

Pelo estudo feito já sabemos que podemos ter $p_1 = \frac{1}{2} CF$ quando — OA km

p_1 — fôr inferior a 300''. Quanto a — p — verificamos ser igual a p_2 por construcçao e p_2 pode tambem ser obtido com auxilio da tangente.

$$\text{Assim: } \operatorname{tg} p_2 = \frac{\frac{1}{2} CF}{OA}$$

e se multiplicarmos ambos os membros por 2 teremos

$$2 \operatorname{tg} p_2 = 2 \operatorname{tg} \frac{p}{2} = \frac{CF}{OA}$$

Então, $2 \operatorname{tg} \frac{p}{2}$ sómente dentro de certos limites será praticamente

igual a $\operatorname{tg} p$.

Resta saber portanto, até que limite podemos praticamente tomar o valor de p''' igual a mil vezes $2 \operatorname{tg} p/2$, pois dentro desse limite é que podemos utilizar a formula da parallaxe quando a bissetriz do angulo fôr perpendicular á linha considerada.

$2 \operatorname{tg} p/2$	p'''
0,100	102
0,200	203
0,300	302
0,400	402
0,500	499
0,600	594
0,700	686
0,800	775
0,900	861
1,000	944

Verificamos, na tabella supra, que o limite de applicaçao de formula da parallaxe, no caso de p (fig. 4) é até 500'', portanto superior ao do caso do lado perpendicular á linha considerada.

Se a bissetriz do angulo fôr inclinada em relação a AB a perpendicular baixada de O sobre AB cahirá sobre a referida recta entre A e B , e os limites da utilisação da formula de parallaxe passariam a variar entre até $300''$ e até $500''$, desde que o triangulo OAB não seja obtusangulo.

Praticamente tomaremos o limite menos favorável que é o de $300''$.

Para generalisarmos, desse modo, a formula da parallaxe, seria necessário determinar o comprimento da perpendicular baixada de O sobre AB , o que nem sempre é pratico, sendo introduzido novo erro se tomarmos a distancia OA ou OB pelo valor da perpendicular. (Seria o caso de tomar para valor da perpendicular o comprimento da inclinada OA ou OB , que menos se afastasse do pé da perpendicular).

II — Precisão necessária na medida da distancia OA ou OB .

Na determinação da parallaxe, e tambem na determinação da tangente de um angulo para obtenção do mesmo em millesimos, nem sempre é necessário determinar com precisão de metro à distancia OA ou OB (D .)

Procuremos estabelecer qual o erro que se pode cometer, na determinação dessa distancia, de modo a não termos o valor do angulo afetado de novo erro superior a um millesimo.

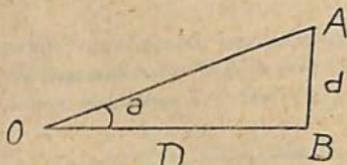


Fig. 5

Na figura 5 temos:

$$\operatorname{tg} \alpha = \frac{d}{D}$$

Se entramos com um valor D' ao em vez de D cometemos um erro, que será $\frac{d}{D'} - \frac{d}{D}$ (supondo D' menor; mesmo raciocínio para D' maior, mutatis mutandis). Desejamos que esse seja menor do que 0,001.

Então, queremos:

$$\frac{d}{D'} - \frac{d}{D} < 0,001 \text{ ou}$$

$$\frac{d(D - D')}{D \times D'} < 0,001$$

Se D e D' forem valores relativamente próximos, substituindo D por D' no denominador, teremos o primeiro membro da desigualdade assim expresso:

$$\frac{d(D-D')}{D'^2} \text{ e, como esse valor é superior a } \frac{(D-D')}{D \times D'}$$

impõe que elle seja menor do que 0,001 corresponde com mais forte razão aos nossos desejos de termos

$$\frac{d}{D'} - \frac{d}{D} < 0,001$$

Assim teremos

$$\frac{d(D-D')}{D'^2} < 0,001 \text{ ou}$$

$$D - D' < \frac{D'^2}{1000 d} \text{ ou, ainda,}$$

tomando o valor de D' em Km no segundo membro, continuando todos os outros valores referidos ao metro:

$$D - D' < \frac{1000^2 D'^2}{1000 d} \text{ donde}$$

$$D - D' < \frac{1000 D'^2}{d}$$

Portanto, para não comettermos novo erro superior a 0,001 podemos arredondar o valor de D , de modo que a diferença em metros, entre o valor exacto e o arredondado, seja menor do que $\frac{1000 D'^2}{d}$,

sendo D'^2 em Km.; e d em metros.

Exemplo:

$$d = 50 \text{ m.}$$

$$D' = 4 \text{ km.}$$

$$\text{a formula acima dá } \frac{1000 \times 16}{50} = 320 \text{ m.}$$

Então, se D fôr inferior a 4320 e superior a 3680 podemos arredondal-o para 4000 metros (para d = 50).

Realmente, exemplificando os casos extremos:

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{3680} = 0,0135$$

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{4000} = 0,0125$$

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{4320} = 0,0115$$

E' conveniente guardar que tanto menos precisamente será necessário determinar D quanto maior for essa distância e menor fôr d.

III — A parallaxe determinada com auxilio de seu seno:

Se quizermos medir a parallaxe de O em relação a AB (fig. 5) e tivermos as distâncias d e OA, evidentemente não obteremos a tangente do ângulo a, porque não dispomos da distância OB, entretanto, teremos

$$\operatorname{sen} a = \frac{dm}{OAm} \text{ e, conforme já estudamos}$$

(observação VI em unidades angulares)

$$1000 \operatorname{sen} a = \frac{dm}{OAKm} \text{ ou}$$

$$a''' = \frac{dm}{OAKm}$$

sendo o ângulo a expresso em millesimos verdadeiros que sabemos converter para millesimos 1600.

Verificamos assim que quando tivermos o seno da parallaxe, a determinação prática dessa obedece à mesma formula, chegando-se, entretanto, a um resultado expresso em millesimo verdadeiro.

Acontece algumas vezes que conhecendo-se apenas a distância OA esta pode ser considerada como sendo um valor approximada de OB e assim teremos directamente o ângulo em millesimos 1600. E' facil de observar que isso ocorrerá quando o ângulo fôr tão pequeno que o seno e a tangente serão iguais si forem expressos por uma fracção decimal com tres decimais apenas (até 120''').

SEÇÃO DE ARTILHARIA DA COSTA

Redactor: J. BINA MACHADO

Auxiliares: ARY MONTEIRO DA SILVEIRA

JOAQUIM GOMES

MANOEL ASSUMPÇÃO

ORIGENES LIMA

LÉO BORGES FORTES

Methodos de Instrucção

A partir deste numero iniciamos a publicação de trechos das Notas de Aulas da Materia VII, do Curso de Officiaes, "Methodos de Instrucção e Pedagogia Militar" professada pelo Tenente Coronel RODNEY H. SMITH, Chefe da Missão Militar Americana, no Centro de Instrucção de Artilharia de Costa.

A utilidade e o interesse destas notas, cuja notícia já ultrapassou os dominios do C. I. A. C., dispensam qualquer commentario ou apresentação.

Major *Bina Machado*

Conselhos aos alunos

Conserve-se em excellentes condições physicas.

Cuide de renovar defeitos physicos que prejudicam muitas vezes sua actividade mental, como defeitos de visão, de audição, de dentadura, adenoides e obstrução das vias respiratorias.

Verifique se as condições ambientes (luz, temperatura, humidade, roupa, cadeira, mesa, etc.) são favoraveis ao estudo.

Tenha o seu local proprio de estudo } Estes habitos facilitam

Tenha a sua hora certa de estudo } muito o estudo.

Inicie o seu trabalho com presteza; não desperdice tempo.

Trabalhe intensamente durante o seu estudo; procure concentrar-se no que está estudando ou trabalhando.

Mas não deixe sua intensa applicação transformar-se em confusão ou cansaço.

Faça seu trabalho com a intenção de aprender e applicar praticamente o que estudou.

Livre-se da idéa de que está trabalhando para o instructor.

Não peça auxilio, sinão quando fôr, realmente, necessário.

Procure sempre resolver por si só qualquer problema; desse modo, desenvolverá a confiança em si mesmo, qualidade essencial ao official. Lembre-se de que na guerra não se poderá recorrer a este ou áquelle, perguntando como se deve fazer alguma cousa.

Entretanto, se durante o estudo ou a applicação de um conhecimento qualquer, concluir, honestamente, ser-lhe impossível entender ou fazer sózinho alguma cousa, não hesite — recorra ao auxilio do professor.

Faça uma rapida revisão preliminar do assumpto indicado; e, se este fôr um problema pendente de resolução, certifique-se bem se entendeu o que se procura ou se pede.

Procure certificar-se, por tentativas, como será melhor — si começar pela mais difícil ou pela mais facil tarefa, quando tiver que resolver varios trabalhos de desigual dificuldade.

Empregue o maior tempo e attenção ao ponto fraco dos seus conhecimentos e de sua applicação.

Deve diariamente julgar sobre os gráos de importancia relativa das questões que lhe são apresentadas, e de especial importancia aos assumptos que são vitaes e fundamentaes.

Quando uma dada minucia de informação fôr claramente de importância secundaria e utilizavel apenas na operação ou trabalho que se executa, não se preocupe em guardal-a definitivamente na memoria.

Quando estiver estudando, trabalhe enquanto se sentir bem, com o cerebro não cansado; mas não tanto tempo que lhe faça cansar.

Quando tiver que interromper o seu trabalho ou estudo, é aconselhavel deter-se numa parada natural, e tambem deixar um *fio* uma ligação para o seu rapido reinicio.

Depois de um periodo de estudo intenso, especialmente quando se tratar de assumpto novo, deve fazer uma pausa de algum tempo e deixar o seu espirito descansar bem antes de se entregar a qualquer ocupação. Em outras palavras, descanse, pois o repouso é necessário.

Adquira o habito de rever e procurar entender bem cada paragrapho, assim que o tenha lido.

E' bom habito assignalar passagens de seus proprios livros ou lições mimeographadas, de modo a collocar em relevo as idéas essenciaes.

Quando desejar assenhorear-se de um assumpto extenso e complexo, faça um resumo ou schema. Si desejar reter o assumpto, basta decorar o resumo.

Não sobrecarregue a memoria com um grande numero de dados facilmente encontrados em livros ou manuaes.

Os principios devem ser aprendidos de modo que sejam perfeita e inteiramente assimilados. A prova de que assim foram comprehendidos se tem na habilidade com que são applicados a casos concretos.

Guardar na memoria um principio, não é comprehendê-lo, mas sim, apenas, decorá-lo e enunciar-o como um papagaio.

NOTA: — No proximo numero: "Conselhos aos Professores".

Pela Costa...

NOTICIANDO...

Entre as pequenas iniciativas e contribuições que muito vem cooperar para o melhoramento de nossos materiais, com grata satisfação, aqui noticiamos, as experiências de collocação de lunetas panorâmicas em nosso material de 150 m/m e as da padiola H. P. para transporte da munição de igual calibre. Estas experiências, que vêm sendo realizadas no G. E. P., bem merecem citação, pela costa...

Curiosidade histórica

Relação dos fortes existentes no D. Federal e Estado do Rio em 1829, com indicações de seu armamento:

DISTRICTO FEDERAL

São João.....	44	boccas de fogo
Villegagnon	35	> . > >
Ilha das Cobras ou de S. José.....	33	> > >
Praia Vermelha.....	20	> > >
S. Clemente.....	8	> > >
Copacabana.....	9	> > >
Arpoador.....	4	> > >
Leme (a meio da Praia de Copacabana).....	11	> > >
Reducto ou Entricheiramento do Leme.....	6	> > >
Vigia.....	2	> > >
Annel.....	3	> > >
Gloria.....	3	> > >
Jacarépaguá.....	2	> > >
Itapuan (na Barra da Lagoa de Jacarépaguá).....	3	> > >
Ponta. (> . > > > >).....	3	> > >

Campinho.....	5 boccas de fogo
Nossa Senhora da Glória (no Campinho, dominando as Estradas de Irajá).....	9 > > >
Bella Vista (no Andarahy).....	4 > > >
Pedregulho.....	21 > > >
Engenho da Serra (Serra do Matheus).....	3 > > >
Guaratiba (Barra).....	4 > > >
Lameirão.....	10 > > >
S. Paulo (Sepetiba).....	26 > > >
Pihay (>).....	10 > > >
S. Pedro (>).....	10 > > >
S. Leopoldo (>).....	9 > > >
Irajá.....	5 > > >
Total.....	302 > > >

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

Santa Cruz.....	110 boccas de fogo
Lage.....	20 > > >
Praia de Fóra.....	?
Bôa Viagem.....	6 > > >
S. Matheus (Cabo Frio).....	8 > > >
Praia (Sururú).....	4 > > >
Santo Antonio do Monte Frio (Macahé).....	7 > > >
Nossa Senhora da Guia (Mangaratiba).....	5 > > >
Bateria Mascarada (>).....	2 > > >
Pouso Triste (>).....	2 > > >
Itaguahy.....	4 > > >
Corôa Grande (Entricheiramento).....	6 > > >
Gragoatá (Gravatá).....	6 > > >
S. Bento (Angra dos Reis).....	6 > > >
Carmo (> > >).....	12 > > >
Ilha Grande.....	?
Paraty (Defensor Perpetuo).....	10 > > >
Bexigas (Ilha das).....	6 > > >
Itacopé.....	2 > > >
Pico.....	39 > > >
Total.....	255 > > >

Por ahi se vê como nossos avós zelavam pela Costa...

Diferentes sistemas telemetricos — Suas vantagens e inconvenientes

Pelo Cap. JOAQUIM GUEDES DA SILVA

Instructor do C. I. A. C.

TELEMETROS BISTATICOS. — Os telemetros bistaticos offerecem a vantagem de determinar a distancia com grande precisão, superior á qualquer outro tipo, mesmo nas maiores distancias, e de um modo continuo; porém apresentam o inconveniente de exigir a duplicação de estações telemetricas, o que dificulta a designação e apprehensão dos objectivos e esta circunstancia, com frequencia, conduz á erros que se originam não só nesta causa como, ainda, na mobilidade do alvo, medidas angulares etc.

A incidencia em erros desta natureza é de tal sorte frequente e influe tão desastradamente no valor da distancia, nas condições normaes do combate, que tornam a sua precisão difficulte e problematica na maioria dos casos.

TELEMETROS DE BASE VERTICAL OU DE DEPRESSÃO.

— Estes telemetros offerecem a vantagem de ocupar espaço reduzido, possibilidade de determinação das posições do objectivo continuamente, custo relativamente pequeno e, alguns modelos, poderem ser utilisados em qualquer altitude, sem necessidade de modificações no tambor ou escala de distancias, rapidez e simplicidade no seu manejo, uma unica estação, grande horizonte visivel, devido á altitude, o que facilita, sobre-modo, a determinação dos pontos de queda dos projectis e, por fim, a protecção natural que offerecem aos tiros inimigos facultado pela altitude em que devem ser collocados.

A par destas vantagens apresentam, no entanto, inconvenientes dos quaes alguns são, de certa forma, irremediaveis.

Para que as indicações de distancias por elles fornecidas na maioria dos casos, sejam aceitaveis como sufficientemente precisas, segundo conclusões a que se chegaram na ITALIA e na HESPAÑHA, é preciso que nunca sejam utilisados em cotas inferiores á 70 metros.

Ora, é sabido que com facilidade não se encontram, na orla marítima, ou mesmo para dentro deste limite, porem á distancia efficaz das baterias a que devem servir, pontos que satisfaçam, além das outras condições exigidas para a localização de uma estação telemetrica, esta exigencia, isto é, cuja altitude seja de 70 metros ou superior.

Além disto, apresentam como causas de erro, na determinação de distancias, as consequentes da esphericidade da terra, refracção atmospherica e marés, analysando-se, sómente, as causas devidas ao meio em

que se opera sem se levar em linha de conta as que são intrinsecas, por construcção, ao proprio instrumento.

Conquanto quasi todos os instrumentos desta classe venham equipados com dispositivos que permitem corrigir, automaticamente, os erros devidos ás causas acima citadas, é preciso considerar que, se estes dispositivos permitem corrigir, com vantagem, os erros devidos á esfericidade da terra, o mesmo não se dá com os que tem por causa a refracção atmospherica e as marés, pois que, principalmente para nós no BRASIL, nunca o erro devido á refracção poderá ser convenientemente annullado uma vez que o instrumento apenas permite corrigir os efeitos da refracção atmospherica normal e é sabido que nos tropicos quasi nunca ella é normal ou varia pouco em relação á esta; muito pelo contrario, as variações são bastante accentuadas.

Por outro lado nas areas marítimas em que as marés sejam de grande amplitude ou sujeitas á irregulares elevações do nível do mar, devido ao que se chama "falsas marés", a altura da estação ou base telemetrica, nunca poderá ser exactamente determinada, máo grado o dispositivo que, para isto, o telemetro disponha, acarretando, em consequencia, erros de distancia.

Além disso, se as distancias a serem determinadas forem excessivamente grandes e as altitudes em que estiverem estacionados os instrumentos não forem, para estas distancias, apropriadas, o telemetro será falho quanto a precisão.

Por fim, como a mais ponderavel causa de erro a considerar é a consequente da dificuldade que tem o telemetrista em visar a linha de fluctuação do objectivo, sempre movel e imperfeitamente definida nas condições normaes de emprego do instrumento.

TELEMETROS QUE UTILISAM PROCESSOS STADIMETRICOS. — Ao estudarmos esta classe de telemetros discutimos sufficientemente a precisão e o limite de emprego das lunetas stadimetricas.

Dest'arte só caberá aqui recordar que, dentro dos limites de sua precisão, estes telemetros só poderão ser empregados com exito quando:

- a) — as dimensões do objectivo forem exactamente conhecidas ou pelo menos com a precisão de 1/100;
- b) — a distancia não for muito grande em relação á base;
- c) — forem perfeitamente visiveis as extremidades da base e se puder fixar bem o valor do diametro apparente do objectivo ou seja do angulo stadimetrico.

TELEMETROS MONOSTATICOS. — Um telemetro monostatico qualquer que seja o typo — de coincidencia, inversão ou stereoscopico — apresenta a vantagem de poder ser utilisado em qualquer posição ou altitude. Além disto é de funcionamento rapido, manejo simples

e de grande precisão, sempre que o comprimento da base seja apropriado para as distâncias que o mesmo tenha de determinar.

O telemetro de coincidencia apresenta, em relação aos outros tipos monostaticos, o inconveniente de não poder determinar a distância continuamente, pois que o telemetrista não pode obter e manter successivamente, sobre um alvo móvel, a coincidencia das imagens.

O telemetro de inversão permite maior precisão, na medida de distâncias, do que o telemetro de coincidencia de vez que a secção da imagem, perto da aresta de separação, é simétrica em relação à esta última.

Das tres fórmulas fundamentaes da telemetria monostatica é, sem dúvida, o telemetro stereoscopico o que apresenta maiores vantagens pelas razões que se seguem:

I — Com um telemetro stereoscopico é plenamente exercitada a visão binocular, que é a visão natural. Na medida de distâncias com qualquer dos outros dois tipos não se utiliza senão uma unica das vistas, permanecendo a outra absolutamente inactiva.

Além deste esforço acarretar, para o telemetrista, um rapido cansaço, por outro lado, causas exteriores, como o vento, deslocamentos do ar etc. perturbam consideravelmente a medida.

Por isto, com um telemetro stereoscopico é possível se operar durante um espaço de tempo muito maior do que com qualquer um dos outros tipos, isto é, com estes, em consequencia do cansaço o operador é obrigado, ás vezes, a interromper uma serie de medidas que deve ser continua.

II — Com um telemetro stereoscopico obtém-se a imagem do alvo em relevo bem como dos detalhes da paisagem que imediatamente o circundam; dest'arte, melhor serão apreciados a extensão e os movimentos do alvo.

Na medida de distâncias com um tal instrumento, sobre esta imagem do alvo, em relevo, é que se coloca o "índice telemétrico", também disposto em relevo no plano de imagens do instrumento.

Ora, esta operação corresponde ao uso normal da visão binocular, e como vemos, também, em relevo, os detalhes que circundam o alvo, estamos em condições de apreciar a situação e a posição dos objectos próximos delles podendo, por conseguinte, medir as distâncias que medeiam entre os mesmos.

Esta circunstancia permite que, na occasião do tiro, sejam observados, com precisão, não só o sentido como a grandeza dos desvios dos disparos feitos sobre o referido alvo.

Com telemetros monostaticos monoculares não é possível fazer-se tal apreciação uma vez que nelles é apenas exercida a visão monocular.

III — Todo o campo visual de um telemetro stereoscopico é inteiramente utilizado; nos outros tipos apenas metade do campo é aproveitado,

em consequencia, é claro que com um telemetro stereoscopico é muito mais facil encontrar e localizar um alvo qualquer.

IV — Uma das grandes difficultades na determinação de distancias com um telemetro de coincidencia consiste em manter a "aresta de separação" sobre o centro da imagem do alvo e esta difficultade aumenta quando o alvo se deslocar rapidamente e a estação telemetrica for, tambem, movel.

Com telemetros stereoscopicos não ha necessidade de se manter o alvo em um logar determinado do campo visual, pois que nesse não existe nenhuma aresta de separação.

V — Para se fazer medidas com telemetros stereoscopicos não é necessário que do alvo sobre o qual se o acciona, se destaquem arestas rectas e bem definidas; a medida pode ser feita sobre objectivos que apresentem quaesquer contornos, o que não acontece com os outros dois tipos que para fornecerem aceitaveis indicações de distancia é preciso que sejam accionados sobre alvos de contornos nitidos e bem definidos.

VI — Na medida de distancias, á noite, sobre um alvo luminoso ou illuminado, com um telemetro stereoscopico é sufficiente illuminar o micrometro e a escala de distancias; com o tipo de coincidencia é necessário a introducção de um sistema optico auxiliar — "o astigmatisador", — para transformar em linhas rectas a imagem de objectos luminosos, o que occasiona uma nova origem de erros.

VII — Os telemetros stereoscopicos dão, ao observador, uma sensação de maior luminosidade. Impressionado por esta sensação, experimentada com o emprego destes instrumentos, Mr. ARMAND DE GRAMONT determinou a luminosidade minima necessaria á obtenção de medidas precisas.

Para isto construiu elle um photometro especial, permittindo medir a luminosidade do céo após o inicio do crepusculo até a cabida da noite.

Utilisou dois telemetros identicos, um de coincidencia e outro stereoscopico, com 3 metros de base, com identicas objectivas com 50 m/m de diametro, identicas oculares dando um augmento de 25 vezes.

Ambos os telemetros visaram o mesmo objectivo — um mastro colocado á 3.000 metros mais ou menos — nitidamente destacado sobre o fundo — o céo.

As visadas tiveram inicio ao cahir da noite e se succederam de minuto emquanto as observações foram possiveis, alternadamente, ora com um, ora com outro instrumento, pelo mesmo telemetrista.

A partir da luminosidade 1×10^{-4} velas por cm^2 , o telemetro de coincidencia começou a fornecer indicações mediocreis emquanto o stereoscopico funcionava perfeitamente a $0,25 \times 10^{-4}$ chegando a dar indicações precisas até mais ou menos $0,1 \times 10^{-4}$ velas por cm^2 .

De resto, independentemente destas provas experimentaes, as lições da ultima guerra provam sobejamente a superioridade incontestavel do telemetro stereoscopico sobre o de coincidencia pois que, na batalha de Jutlandia, ao cahir da noite, a esquadra ingleza teve de suspender o fogo dos seus canhões uma vez que os telemetros de coincidencia, com que eram equipados os navios ingleses, não podiam fornecer indicações precisas de distancias, enquanto os telemetros stereoscopicos, perfeitamente á altura de sua finalidade, funcionavam com a maxima precisão.

DUAS REGRAS PRATICAS

1.^a — A velocidade de um objectivo em "metros por segundo" é approximadamente igual á metade de sua velocidade em nós.

Exemplo: 30 nós = 15 m/s. (das notas da M. M. A.).

2.^a — A base de um telemetro stereoscopico ou de coincidencia, deve ser approximadamente igual a do alcance maximo para o qual deverá ser empregado, dividido por 3000.

Exemplo: Alcance maximo 12000 metros. Telemetro a empregar: 12000

$$\frac{12000}{3000} = 4 \text{ metros.}$$

3000

O TROTIL

Caracteristicos e propriedades: substancia solida, de côr amarella e grande densidade. Fusão, de 80 a 82°. Resiste bem ao calor, e se a temperatura não passa de 80°, volatilisa-se sem inflamar-se. Inflama-se sem explodir até á temperatura de 220°. Em um envolucro fechado só explode á 225°. Dos explosivos conhecidos é o menos sensivel ao choque e compressão. E' tambem pouco sensivel ao attrito, podendo ser cortado, serrado ou perfurado, sem explodir. E' quasi insolvel na agua e pouco hygroscopico.

Para explodir exige capsula de fulminato de mercurio (detonador). Fundido, exige ainda uma escorva do proprio trotil em pó, possue acção acida, podendo ser posto em contacto com metaes. Não dá arrebentamentos prematuros.

Origem — Benzina ($C_6 H_6$) Tolueno ou metil bensil ($C_6 H_5 CH_3$) tri-nitro tolueno ou trotil. Força 9305 Km/cm².

Potencia 442850 Kgm.

Resumo — Estabilidade química — Indifferença á entrada em qualquer combinação — Inocuidade na manipulação fabril — Insensibilidade ao choque — Segurança ao fogo. Insensibilidade á humidade.

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.....</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l'Artillerie.....</i>	16\$800
<i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.....</i>	14\$000
<i>A Técnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira....</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo.....</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.....</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (tradução).....</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.....</i>	6\$000
<i>Signalização a braços e óptica, Cap. Lima Figueiredo</i>	\$600
<i>O principiante de rádio, Cap. Lima Figueiredo....</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'água para todas as armas,</i> Cap. Lima Figueiredo.....	3\$000
<i>Notas á margem dos exercícios táticos, Major Travassos.....</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.....</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval....</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

SEÇÃO DE ENGENHARIA

Redactor: LIMA FIGUEIRÉDO
Auxiliar: BETTAMIO GUIMARÃES

Quando se devem empregar as passadeiras?

1.º) — Nas passagens a viva força dos rios com menos de 50 metros e corrente inferior a 1m,50 por segundo, a passadeira substitue vantajosamente o pontão para passar os primeiros elementos de infantaria. Utilizam-se então, unicamente, PASSADEIRAS SOBRE SUPPORTES FLUCTUANTES, construidas e lançadas rapidamente.

No caso de larguras inferiores a 20 metros, podem-se mesmo construir, completa e antecipadamente, trechos de passadeiras que, no momento opportuno, serão lançados rapidamente n'água. Este methodo pôde tambem, ser empregado em larguras maiores de 20 metros.

No caso de vâos ainda mais fracos pode-se prever o lançamento de passadeiras typo ESCADA.

2.º) — Na multiplicação das communicações, seja á retaguarda, seja em sector, seja na frente junto á passagem dos elementos da vanguarda (passados sobre passadeiras do typo precedente) sobre todos os córtes que a permittam.

Nestes ultimos casos, podem-se empregar todos os typos de passadeiras: supportes fluctuantes ou supportes fixos; mas, todas as vezes que se possam, empregam-se de preferencia os SUPPORTES FIXOS, porque são mais resistentes, mais duraveis, mais estaveis e mais resistentes aos effeitos dos projectis. Os supportes fluctuantes serão sempre empregados em caso de urgencia, isto é quando é mistér agir com rapidez.

COLONEL BAILS.

Depois de examinados os escombros de uma ponte destruida pelo inimigo, facilmente sobre elles se controe uma passadeira.

A infantaria e a cavallaria devem estar em condições de fazer com seus proprios meios passadeiras simples.

Collocando-se as viaturas sobre o leito do rio, sobre ellas pode-se fazer uma excellente passadeira.

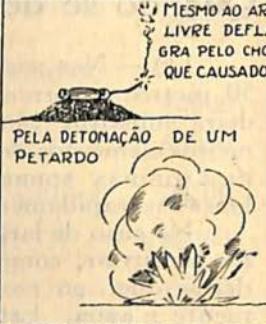
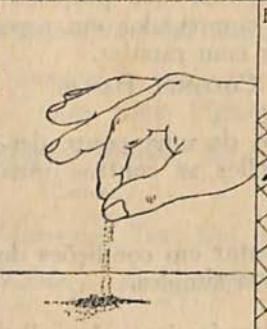
EXPLOSIVOS

Pelo Cap. Lima Figueiredo

Os explosivos comumente empregados na destruição em campanha são:

A POLVORA NEGRA A MELINITE
A CHEDDITE A DYNAMITE

A POLVORA NEGRA

<p>A POLVORA NEGRA É EMPREGADA COM ENCHIMENTO</p> 	<p>AO AR LIVRE QUEIMA LENTAMENTE, EM PEQUENA QUANTIDADE</p> 	<p>MESMO AO AR LIVRE DEFLAGRA PELO CHOQUE CAUSADO PELA DETONAÇÃO DE UM PETARDO</p> 
<p>JOGADA N'AGUA SE DISSOLVE</p> 	<p>UMA POLVORA COM HUMIDADE RISCA O PAPEL</p> 	<p>SINAIS DE DECOMPOSIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none">- DIMINUIÇÃO DO BRILHO- APARECIMENTO DE PONTOS BRANCOS;- AGGLOMERAÇÃO DOS URÃOS FORMANDO UMA ESPECIE DE GUMMA
<p>E' COMUMMENTE GUARDADA EM</p>  <p>PULVORA MÀ PULVERISA-SE SUB A ACCÃO DOS DEDOS</p>	<p>LUGARES SECOS E AREJADOS EM BARRIS DE 60 KILOS</p> 	<p>PARA INUTILIZAR-SE UMA POLVORA PELA QUEIMA, FAZ-SE UM RASTILHO DE UM PALMO DE LARGO E UM CENTIMETRO DE ALTURA.</p>  <p>CONVÉM NÃO DESTRUIR MAIS DE 10 KG DE CADA VEZ.</p>

A MELINITE



ALÉM DOS PETARDOS DE 135 GRAMMAS DE MELINITE E QUE TEM UM PESO BRUTO DE 200 GR., MA OS CARTUCHOS DE 100 GRAMMAS DE MELINITE

A CHEDDITE

E' UM EXPLOSIVO CLORATADO E PERCLORATADO.



DYNAMITE

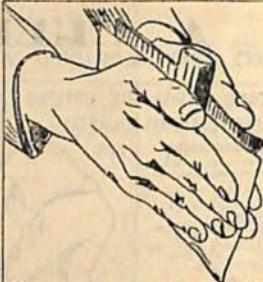
AS DYNAMITES SE COMPOEM DE NITROGLYCERINA E UM ABSORVENTE (CARVÃO, COKE, PAPEL, ETC.).



A DYNAMITE É ADQUIRIDA NO COMMERCIO EM CARTUCHOS DE PAPEL PARAFINADO CONTENDO 20, 50 E 100 GRAMMAS



DETONA
PELO
CHOQUE



COMPRIMINDO-A ENTRE DUAS FOLHAS DE MATTABORRÃO, VERIFICA-SE SE ELA ESTÁ EXUDANDO.

A DYNAMITE TEM O INCONVENIENTE DE EXUDAR, ISTO É, DESPREHENDER A NITROGLYCERINA QUE ENTRA EM SUA COMPOSIÇÃO, TORNANDO PERIGOSA AO SER MANIPULADA.

JOGANDO-A N'AGUA A NITROGLYCERINA FLUCTUA, DETONANDO PELO EFFEITO DOS RAIOS SOLARES.



DESENHOS DE H2

SEÇÃO DE INTENDÊNCIA

Redactor: JOSÉ SALLES
Auxiliar: BELMONTE VAZ

Gratificação de insubmissos

Pelo 1.º Ten. ARTHUR ALVIM CAMARA

Quer saber o cmt. da 1.ª Companhia se é lícito saccar gratificação para um sorteado insubmesso que está preso, á disposição da Justiça, e tendo o quartel por menagem, concorre no serviço e na instrucção.

Opino pela afirmativa, por se tratar de um caso perfeitamente enquadável na legislação vigente.

O primeiro aviso sobre o assumpto resolveu que as praças presas, correcionalmente, só perdiam a gratificação, quando não fizessem serviço. (Aviso n.º 366, de 6-III-1915 Bol. Ex. 414 — pags. 340-341).

Como complemento a essa resolução foi ainda declarado que as praças presas, por qualquer motivo, sem fazer serviço, perdem a gratificação. (Aviso n.º 638, de 28-IV-1915-Bol. Ex. 424, pags. 680-681).

A resalva "sem fazer serviço" tornou evidente que qualquer praça, seja qual for o motivo porque tenha ficado presa, perceberá a respectiva gratificação, desde que concorra ao serviço.

E esses avisos teem o amparo da legislação geral, segundo a qual o abono da gratificação é devido pelo exercício da função. (Art. 27, 1.ª parte, da lei 1.473, de 9-I-Ord. Ex. 469; art. 307 do Reg. Cod. Cont. Pub.; arts. 4.º e 7.º do decreto 23.053, de 8-VIII-1933- Bol. Ex. 57).

Assim, um sorteado insubmesso, embora preso, que presta serviço no quartel, exerce função; e o exercício da função lhe assegura o direito incontestável aos vencimentos integrais (soldo e gratificação).

O caso também pode ser discutido em face da lei 2.290, de 13-8-1910 (Bol. Ex. 94), e do decreto 17.231 A, de 26-II-1926 (Bol. Ex. 300).

Vejamos.

Pelos artigos 8.º, 1.ª parte, e 27.º da lei 2.290, os officiaes e praças submettidas a processo nô fôro militar, só percebem o soldo. E' claro. Os militares submettidos a processo, via de regra, não concorrem no serviço, em virtude de não serem considerados promptos para tal fim.

Se, por qualquer circunstância, — como se dá com o insubmesso — o militar respondendo a processo continuar no serviço, deve o mesmo perceber a respectiva gratificação, até á data da sentença.

E' sabido que um dos efeitos immediatos da sentença condemnatoria é privar o réu da gratificação a que tiver direito (art. 230, letra e, do decreto 17.231 A citado), ficando elle reduzido a simples meio soldo, se dita sentença passar em julgado. (Arts. 8.º, 2.ª parte, e 27.º da lei 2.290; art. 10.º, ultima parte, da lei 1.473, ambas já citadas; aviso de 5-6-1913 — Bol. Ex. 280).

Ora, se é depois da sentença condemnatoria que o réu deve ficar privado da gratificação, segue-se que antes della, isto é, durante a phase preliminar do processo, elle a perceberá, mas só quando fizer serviço.

Resultado do Concurso da "A Defesa Nacional"

A commissão julgadora depois de attento estudo resolveu que nenhum dos trabalhos concurrentes se enquadravam perfeitamente nas bases estipuladas. Attendendo, porém, a solicitude com que nossos companheiros se apresentaram para o concurso, resolveu conferir o primeiro premio a **Oling** original do Cap. Nilo Guerreiro e o segundo ao **Tenente Delta** pseudonymo do Ten. Danilo Paladini.

O trabalho de **Zimendal** — Cap. Aluizio M. Mendes — foi julgado excellente, escrito todavia de um modo assáz elevado para ser entendido pelo soldado. Levando em conta a excellencia do mesmo, a Directoria resolveu prestar uma homenagem ao Autor publicando-o na integra nas paginas da "Defesa Nacional".

Os originaes premiados serão, brevemente, impressos e distribuidos pelos corpos de tropa.

Caderneta para catalogar folhas de alterações de officiaes

A partir de 1.º de Novembro vindouro achar-se-á a venda na "Defesa Nacional" a caderneta para catalogar folhas de alterações acompanhada da instrucção para o uso da caserna

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

"O
Systema Nervoso
do Commando"

A SECÇÃO
DO
COMMANDO
NO
BATALHÃO

DO

Cap. DELMIRO
DE ANDRADE



CONTENDO : Importancia e necessidade da existencia dos orgãos de commando, Especies de observação terrestre, Grupo de telephone e radio-Grupo dos signaleiros, Quadro synthetico da instrucção de signalização a braços, etc.

P R E Ç O 8 \$ 0 0 0

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

"A guerra dos olhos"



O OFFICIAL =
DE
INFORMAÇÕES

PELO
1º Ten. D. PALADINI

- Importancia Tactica da Informação
- O Serviço de Informações
- Attribuições do Official de Informações
- Exploração das Informações
- Funcionamento do Serviço de Informações nos Corpos de Tropa.
- A Observação
- Organização material de um observatorio
- Instalação e Funcionamento de um observatorio
- Criptotechnica, etc.

P R E Ç O 8 \$ 0 0 0

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

SEÇÃO DE ESTUDOS SOCIAIS

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

Introdução Geral á Sociologia

Cap. S. SOMBRA

1.^a Parte

INTRODUÇÃO SCIENTIFICA

Divisão:

- Capítulo I — O Chaos Intellectual Moderno
- Capítulo II — Condições do Estudo Scientifico
- Capítulo III — O Conhecimento Scientifico
- Capítulo IV — A Classificação das Sciencias
- Capítulo V — Conclusão relativa ao pensamento humano e á Sociologia.

Bibliographia:

Para a organização das Notas referentes a esta 1.^a Parte, servimo-nos principalmente das obras seguintes:

- Bureau (Paul) — Introduction a la Méthode Sociologique.
- Valdour (Jacques) — Les Méthodes en Science Sociale.
- Maritain (Jacques) — Introduction Générale a la Philosophie.
 - Les secrés du Savoir
 - Antimoderne.
- Domet de Vorges — Essai de Metaphysique Positive.
- Sortais (Gaston) — Traité de Philosophie.
- Spencer (Herbert) — Science Sociale.
- Comte (Auguste) — La Méthode Positive en Seize Leçons condensée par J. E. Rigolage.
- Ampère (A. M.) — Essai sur la Philosophie des Sciences.
- Cournot (A. A.) — Fondements de nos Connaissances.
- Schwalm (R. P.) — Léçons de Philosophie Sociale.
- Rimaud (Jean) — Thomisme et Méthode.
- Antoine (Ch.) — Cours d'Economie Sociale.
- Garriguet (L.) — Manuel de Sociologie et d'Economie Sociale.

Vialatoux (J.) — Philosophie économique.

Athayde (Tristão) — Fragments de Sociologie Chrétienne.

Lalande (A.) — Vocabulaire technique et critique de la Philosophie. Société de Professeurs et de Savants — Dictionnaire des Sciences Philosophiques.

Capítulo I

O CHÁOS INTELLECTUAL MODERNO

Na grande crise do espirito moderno, é de verdadeiro chaos a situação do pensamento social. As doutrinas se erguem e se contradizem numa agitação frenética, creando luctas tempestuosas.

Nada melhor para dar á nossa consciencia a serenidade necessaria ao estudo que vamos emprehender do que uma visão desse agitado debate. Ella fará realçar não só o seu grande interesse como também o valor e a necessidade de um methodo scientifico no exame dos problemas da Sociedade.

Examinemos, atravez das questões mais debatidas actualmente, as soluções contraditorias que se chocam no concerto violento das afirmações sociaes. As observações colhidas nesta "revista de mostra" serão de um grande valor ao longo de todo o nosso curso.

SOLUÇÕES CONTRADITORIAS DOS PROBLEMAS SOCIAES; EXEMPLOS TÍPICOS

a) Organização dos trabalhadores e contrato de trabalhos.

Eis o nosso primeiro exemplo. Vejamos como se contradizem as soluções apresentadas.

Antes da Revolução Franceza (1789), os operarios viviam reunidos em sociedades proprias denominadas "CORPORAÇÕES DE OFFICIO". A cada profissão ou grupo de profissões connexas correspondia uma Corporação. Possuiam ellas Regimentos em que eram estabelecidas a fórmula de admissão, a hierarchia, as contribuições e a fiscalização do trabalho dos seus diversos membros.

Em nome dos principios revolucionarios vitoriosos, que proclamavam a autonomia individual, o direito á liberdade individual e faziam do individuo o centro de organização da nova sociedade, a Lei Chapelier (1.791) aboliu as Corporações. Dizia-se que os trabalhadores não tinham interesses communs a defender, constituindo attentado á sua liberdade e, aos proprios interesses sociaes, portanto, a existencia de qualquer forma associativa.

Contra esses principios individualistas defendidos pela Escola Liberal, levantaram-sz depois os partidarios do grupalismo — socialistas, catholicos sociaes, etc.

Após tremenda lucta que do campo do pensamento desceu aos conflitos de rua, pouco a pouco, nos diversos paizes, o direito de associação restabeleceu-se, contando-se, hoje em dia, por milhares o numero dos Syndicatos existentes no Mundo.

Permanecem, porém, os dois principios oppostos e entre os defensores do direito de organização syndical existe uma variedade enorme de opiniões. A divisão vae desde os que toleram os Syndicatos apenas como associações beneficientes até aos que pretendem fazer dos Syndicatos a base da propria estructura politica do Estado.

Intimamente ligada á questão da organização dos trabalhadores está a do contracto de trabalho.

Segundo, uns patrão e operario deverão discutir e regular individualmente as condições de trabalho; argumentam que o operario tem juizo sufficiente para defender seus interesses ao procurar trabalho n'uma fabrica ou officina, não precisando de tutelas que limitam sua liberdade. Outros batem-se pela adopção do contracto collectivo em que os operarios syndicalizados tratam collectivamente com o patrão sobre as condições de trabalho, atravez dos seus representantes legaes ou, então, na mesma industria, o syndicato operario e o syndicato patronal debatem, em pé de igualdade, os respectivos interesses. Dizem esses que o contracto individual redunda naturalmente em convenção injusta pois é irrisorio suppor que um trabalhador desempregado, com reduzida ou sem nenhuma economia, sem poder, portanto, dilatar o tempo de desemprego até encontrar salario satisfactorio, tenha elementos para discutir vantajosamente com um patrão cujos serviços tanto continuaria com elle como com outro dos numerosos que procuram trabalho.

De outra parte, enquanto uns consideram o Contracto de Trabalho um contracto qualquer a ser regulado, portanto, pelas normas communs, outros vêem nesse uma forma singular de contracto porque envolve a dignidade do trabalho humano, merecendo assim legislação especial.

Accesas luctas (greves, locks-out) têm sido, na pratica, o resultado de mais esta oposiçao de principios.

b) *Trabalho e Capital*

O conceito de Capital e o de Trabalho e a maneira de regular as relações entre os dois constituem uma das mais graves questões — senão a mais aguda — da vida social moderna.

Uns julgam o Capital eminentemente productivo e o trabalhador suficientemente pago com o salario que recebe. Outros reputam o Tra-

balho o verdadeiro elemento criador do valor dos bens, sendo o Capital em si mesmo estéril, infértil. Aquelles argumento que o Capital é o trabalho acumulado e que sem elle o Trabalho não disporia dos elementos que multiplicam o seu esforço e facilitam o progresso.

Os segundos afirmam pertencer ao trabalhador, como agente da producção, o producto obtido, cabendo apenas ao capitalista que entrou com o elemento passivo — o dinheiro — a retribuição pura e simples do capital empregado e, de fórmula alguma, o lucro realizado.

Em quanto uns reclamam inteira liberdade para o Capital de cada um, outros querem que o Capital seja todo pertencente á collectividade, nas mãos do Estado.

Aos que negam aos trabalhadores qualquer direito de ingerencia nos negócios da producção, oppõem-se os que pregam o direito das massas de se apoderarem dos instrumentos da producção, entre as duas correntes extremas existindo grande numero de outras que defendem ora o sistema do accionato (segundo o qual pelo seu trabalho, os operarios receberiam periodicamente acções da empreza), ora o da participação nos lucros, ora o da co-propriedade.

Ninguem ignora a peleja que, por toda a parte, agita os povos em torno das soluções para o conflito entre o Capital e o Trabalho.

c) — *Concorrencia e Cooperação.*

Defensores dos principios individualistas, os liberaes apresentam a concorrencia como a unica solução aos problemas das relações económicas. Para elles, não devem ser postas limitações á marcha do homem em busca da riqueza: "Laisser faire, laisser aller" — é a maxima que tudo deve regular.

As iniciativas individuaes, dizem, produzirão n'um rythmo natural, a harmonia dos interesses. Além disso, a concorrencia estimula a marcha do progresso acarretando, portanto, maior somma de bens para a collectividade. Tudo isso é falso, é utópico — garantem outros. A concorrencia permite que os mais fortes esmaguem os mais fracos e as consequencias desta injustiça são nocivas á paz social. A collectividade fica sujeita ás imposições arbitrárias do vencedor na luta dos mercados. A cooperação, sim, dizem elles, é a solução natural, humana, porque o verdadeiro progresso não consiste na existencia de grandes riquezas ao lado de miserias maiores, mas na convivencia de riquezas médias que permittam o bem estar do maior numero. Só a cooperação facilita a execução das grandes obras de interesse collectivo e o florescimento das pequenas propriedades que constituem a base da riqueza geral.

Os partidarios de uma e outra solução multiplicam seus argumentos e prosseguem no debate que já vem de longe.

d) — *Direito de Propriedade.*

A discussão sobre o direito de propriedade e de suas diversas fórmas foi e continua a ser do mais palpitante interesse. Elle tem sido motivo de luctas sangrentas e ainda é objecto de acalorado debate e de grandes movimentos sociaes.

Uns defendem a propriedade privada, outros a querem collectiva e outros ainda a não aceitam nem sob uma nem sob a outra fórmula. Ha os que apontam a propriedade privada como responsável por toda esta crise social em que vive a humanidade, enquanto outros sustentam ser ella a base necessaria á vida da Sociedade, o fundamento mesmo da Civilisação. Argumentam uns, constituir a propriedade privada uma fonte de injustiças por quanto entre os que possuem e os que não possuem estabelece-se desigualdade revoltante que divide o mundo em classes antagonicas. Dizem outros que o direito de possuir é corollario logico do direito primacial da creatura humana a viver. Assim a propriedade privada constitue a base material indispensavel á vida do homem, dá-lhe a estabilidade que permite as creações espirituais e confere-lhe um sentimento de dignidade que o enobrece. Além disso, pela transmissão aos filhos, a propriedade, evitando novo esforço inicial, faculta realizações uteis ao progresso e condições mais faceis de aperfeiçoamento intellectual. Dizem, porém, ainda outros que os abusos do direito de propriedade geraram males sem conta e que a Sociedade não pode continuar a viver tendo a correel-a este contraste tragicó entre um pequeno grupo que posse desmesuradamente e uma grande maioria que nada possue.

O abuso precisa pois ser remediado. Assim, a propriedade privada não deverá ser abolida, afirmam elles, porque, na verdade, sua posse corresponde aos impulsos profundos da natureza humana, mas deverá ser disseminada de forma a que o maior numero possível venha a ser tambem proprietario.

Além dessas attitudes principaes em face do problema da propriedade, numerosissimas outras existem dentro dos limites traçados pela extrema que pleiteia a abolição radical e a outra extrema que defende o principio romano do "uso e abuso". Cada partido, cada ideologia apresenta a sua solução e com isso o caos augmenta, a inquietação se agrava.

c) — *A Família.*

Eis outro importante thema em volta do qual se chocam as mais diversas opiniões. A elle se prende este acalorado debate que por toda a parte se ouve a respeito da autoridade paterna, da educação dos filhos, das relações conjugaes, do divorcio, do voto feminino, etc.

Aos que reclamam contra a indisciplina do Lar, contra a falta de autoridade dos paes, que dizem existir actualmente, retrucam os que julgam a situação actual muito diferente da antiga quando toda a economia domestica gravitava ao redor dos haveres paternos.

Hoje em dia, afirmam, os filhos muitas vezes concorrem para o sustento da casa e a esta responsabilidade deverá corresponder liberdade equivalente. Outros, em face disso, condemnam o systema capitalista actual que produzindo a instabilidade económica do Lar anarchisa-o moralmente e annulla o valor politico da "cellula vital" da Sociedade.

O problema da educação provoca nova disputa e das mais graves consequencias. Sabem os partidos e os ideologos que a victoria pertencerá amanhã aos que hoje conseguirem influir na educação da juventude. Vê-se, por exemplo, tanto na Russia Soviética como na Italia Fascista, o Estado educando os jovens, desde muito cedo, no sentido das respectivas doutrinas como penhor seguro da continuidade da situação dominante.

Contra essa intromissão do Estado reagem os que afirmam pertencer aos Paes o direito de educação dos filhos, só a elles competindo orientar na vida os fructos do seu amor. Mas ha tambem os partidarios de uma solução mais complexa segundo a qual o direito de educação cabe em principio, aos Paes, garantido, porém, á Religião o direito de assistencia moral e ao Estado o de assistencia technica.

N'outro sector dos problemas da familia, enquanto uns defendem o carácter sacramental do Matrimonio, a indissolubilidade dos laços conjugaes e a fidelidade perpetua entre os conjuges, outros veem no Casamento um simples contracto apto a ser rescindido como qualquer outro. Para uns, o Divorcio é uma chaga social, creando a multidão de filhos sem assistencia dos paes, prostituindo a Mulher, aniquilando a familia e, consequentemente, anarchisando a sociedade de quem ella é o grupo fundamental. Outros, ao contrario, encaram o Divorcio como a salvaguarda da felicidade dos conjuges e, portanto, da harmonia do Lar e da tranquilidade social.

Contra os que pretendem ver a Mulher envolvida nas questões politicas, exercendo o direito de voto, como os homens, levantam-se aquelles que sustentam dever ser a acção da Mulher limitada ao Lar, constituindo a intromissão feminina no terreno politico motivo certo de abandono dos deveres domesticos com prejuizo para a Familia e a Sociedade.

f) — *O Estado.*

O Estado deve existir ou convém que seja abolido?
Elle é um bem, um mau, uma necessidade apenas toleravel?
Como deverá ser organizado?

Quais os limites de suas atribuições?

Terá o direito de intervir na vida económica ou deixará completa liberdade aos individuos?

Eis problemas extremamente graves discutidos apaixonadamente e com soluções apresentadas por um sem numero de escolas, ideologias, partidos e systemas politicos.

E' mesmo difficult esquematizar, como temos feito, posições e argumentos principaes.

Uns pregam a abolição do Estado e de qualquer fórmula de autoridade, enquanto outros encarecem a necessidade de seu fortalecimento e outros ainda toleram-no como instrumento de passagem para uma sociedade futura em que elle será inutil.

Aos que reputam o Estado um regulador indispensável á vida das collectividades, sem a existencia de cuja autoridade seria impossivel a existencia de qualquer sociedade organizada, constituindo elle, portanto, um grande bem, retrucam outros dizendo ser o Estado um instrumento das classes ricas e poderosas para manter sob seu domínio as classes desfavorecidas, o que é uma injustiça, um mal que não deve persistir, e outros ainda acham que o ideal seria a completa liberdade do individuo sem a autoridade do Estado a embarçar-lhes as iniciativas mas que sendo isso impossivel, na realidade, suas aatribuições deverão ser restringidas ao minimo, a funções meramente policiaes. A solução, dogmatisam, porém, outros é, pelo contrario, a intervenção decisiva do Estado na vida economico-social da collectividade para evitar o choque brutal dos interesses, defender moral, intellectual e materialmente a comunidade, promovendo o seu progresso e aperfeiçoamento e estabelecer as regras de conducta que não permittam as injustiças sociaes.

Isso, no entanto, não consegue fazer calar os que sustentam ser sempre desastrosa a intervenção do Estado na vida económica e faltar-lhe autoridade social para garantir a justiça sendo, como dizem ser, presa constante de um partido, de uma oligarchia ou de uma classe.

Visto assim, através de alguns dos seus problemas mais tormentosos, o chaos em que se debate o pensamento social moderno, examinemos ligeiramente as principaes observações que saltam ao espirito após esse contacto com as opiniões contradictarias que focalisamos.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Estas observações têm por fim orientar-nos na apreciação methodica do caminho que acabamos de percorrer, numa visão retrospectiva das analogias que se destacam do conjunto.

a) — Liberdade de Opinião.

Os que agitam e discutem os problemas, apresentando soluções as mais contraditorias, numa causa, entretanto, estão de acordo: é quanto ao direito que todos elles dizem ter de dar sua opinião.

Se o objecto da discussão fosse uma questão de chimica, de zoologia, de astronomia, toda a gente concordaria que só deveriam ser chamados a fallar os iniciados na materia, os especialistas — chimicos, zoologos ou astronemos — a elles cabendo resolver as duvidas ou aprofundar o seu estudo.

Nenhum leigo teria a pretenção de fazer barulho contrariando as afirmações dos scientistas. Em *Sciencia Social* — estudo que por ser mais complexo exige, por isso mesmo, reflexão mais accurada, investigações maiores e grande prudencia — todo o mundo, porém, se julga com o direito de dar sua opinião, apresentar soluções e bater-se para que ellas sejam victoriosas. Qualquer phenomeno social é debatido indistintamente por litteratos e artistas, reporters e gymnasiae, patrões e operarios, semi-analphabetos e sabios, jovens e velhos, homens e mulheres.

Deante de tal licença, o espantoso seria que não reinasse a maior confusão.

b) — Justificativas.

Em face de tal facto ou de tal programma, raros tratam de observar, comparar, meditar seriamente. As adhesões dependem antes das impressões recebidas, das circumstancias de ordem sentimental.

Todos, porém, encontram justificativas para suas opiniões, suas atitudes, seus pontos de vista. Os "grandes principios", muitas vezes, servem de bandeira. Este affirma que tudo é uma questão de "Liberdade". Pelo contrario, exclama o outro, o problema actual é o da "Autoridade". "Deus, Patria e Familia" é o nosso lemma, dizem uns. "Pão, Terra e Igualdade" eis a nossa divisa, retrucam aquelles.

E assim as phrases se sucedem e, como consequencias, os programas, as opiniões firmadas sobre todos os problemas. Os preconceitos crescem e as intransigencias se accentuam.

O mais ligeiro raciocinio revelaria a insensatez de muitas "formulas salvadoras". Mas elles são commodas e traduzem, ás vezes, os interesses de classes ou o estado moral de certos ambientes, como veremos a seguir.

c) — Visão deformada e suas determinantes.

Difficilmente os homens conseguem escapar á influencia que sobre suas convicções exercem o ambiente e os proprios interesses. Isso leva-os a ter commumente uma visão deformada dos problemas sociaes.

Aqui, é o político derrotado a bradar pela liberdade de critica aos actos do governo, esquecido da censura que impoz quando estava no poder. Ali, é o proprietário a defender calorosamente o direito de propriedade como elemento fundamental da ordem e da civilização sem ver que com elle a desordem não deixou de precipitar-se sobre o mundo ao clamor dos miseráveis e esta civilisação resultou na mais tremenda crise da historia.

Adeante, é o trabalhador revoltado a pregar a fartura, a liberdade, a ordem, a fraternidade, a sociedade feliz que advirá com a victoria do comunismo, na crença utopica dos milagres sociaes e na sinceridade absoluta dos que lhe transmittem tales previsões. Mas o seu estado de miseria facilita a crença e a revolta.

E assim, determinantes particulares justificam um sem numero de illusões, de theses e de argumentações vasias.

Mas todos fallam sem cogitar dos factores que os impellem neste ou naquelle sentido e com um optimismo enternecedor julgam facilmente solucionavel, com os seus Programmas os males da Sociedade.

d) — *Conclusão.*

Das breves observações que vimos de fazer sobre a maneira porque são aceitas, expostas e defendidas as idéas em questão no pensamento social, poderemos concluir que, não raro, a ignorancia, a insinceridade e a imaginação constituem os elementos fundamentaes das opiniões emitidas.

Isso, porém, não constitue motivo de desanimo.

Não passaram por embarracos menores as demais sciencias.

Antes que a Physica, a Chimica, a Astronomia chegassem ao grau scientifico que desfructam actualmente, com leis estabelecidas e methodos seguros de investigação, estiveram sujeitas a toda a sorte de phantasias durante longos annos.

Não é de extranhar pois o que acontece com a Scienza Social, sobretudo se levarmos em conta a sua grande complexidade.

Spencer classificava em duas classes as dificuldades no estudo dos problemas sociaes: objectivas e subjectivas. As primeiras oriundas da propria natureza dos factos e estudar, da impossibilidade de examinalos completamente e com a precisão necessaria. As segundas, como fructo das disposições pessoaes do investigador, difficilmente dominadas.

Dahi afirmar Paul Bureau que "o problema a resolver não é o de um sistema a inventar, mas o de um metodo a applicar".

A procura desse metodo tem sido o grande objectivo dos sociologos, desde que Comte e Le Play concluiram pela necessidade e possibilidade da observação scientifica dos phenomenos sociaes atravez de processos semelhantes aos das outras sciencias.

(No proximo numero, o 2.º Capitulo).

Livros à venda na "A DEFESA NACIONAL"

Pelo correio mais 1\$000.
Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago,
10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000
pelo correio mais \$500.

Notas sobre o comm^an^do do batalhão no terreno — Cmt.
Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

Combate e Sérviço em Campanha, Cap. Aurelio Py, 5\$000.
Instrução de Transmissões, Cap. Lima Figueiredo, 6\$000.

Tiro de metralhadora contra aviões que voem baixo, Cap. Salvaterra. 28500.

Salvaterra, \$2500.

SEÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

Redactores: ORLANDO SILVA
I. ROLLIM

SESSÃO PREPARATORIA

Cap. ILIDIO ROMULO COLONIA

Trabalho Phsico	Natureza e composição da sessão preparatoria	Obs.
Sessão de estudo ou lição de educação physica	Sessão preparatoria normal	Evoluçãoes Flexionamento de braços » » pernas » » tronco » combinados » assymetricos » caixa toracica
Sessão de jogos	Pequena sessão preparatoria	Evoluçãoes Flexionamento de braços » » pernas » » tronco » » caixa toracica
Sessão de desportos individuaes.	Si ainda não houve trabalho physico no dia	Si se trata de sessão completa — seguida de educativo do desporto; Si se trata de sessão de estudo — sem os educativos.
	Si já houve trabalho physico no dia.	Sessão preparatoria reduzida aos flexionamentos que mais interessam as articulações e massas musculares postas em jogo pelo desporto
	Quer tenha havido trabalho physico, quer não.	Natação—Sessão preparatoria reduzida aos flexionamentos de braços, pernas, tronco e caixa toracica, ou ao estudo a seco dos nados.
	Casos especiales.	Remo—Sessão preparatoria de 10 minutos, comprendendo flexões e extensões dos membros e do tronco, bem como flexionamentos da caixa toracica. (Esgrima—Sessão preparatoria, comprendendo: corrida muito curta, saltos successivos, flexionamento de braços e pernas, exercícios preparatorios.
	Pesos e alteres	Pesos e alteres— Sessão preparatoria normal, sempre que possível, de modo a interessar a toda musculatura.
Sessão de desportos collectivos	Casos normaes—pequena sessão preparatoria, como na sessão de jogos	Si for sessão completa—seguida de educativos do desporto. (Si for sessão de estudo—sem os educativos.
	Basket-ball	Basket-ball— Sessão preparatoria rapida, seguida de lances à cesta.
	Foot-ball e Rugby	Sessão preparatoria bastante viva (rapida), compreendendo: flexionamento de braços, pernas e tronco; corridas rápidas de 20 a 30m. respirar amplamente; manejo rápido da bola.
	Water-polo	Water-polo — Sessão preparatoria com os caracteristicos da sessão de natação.

Nota — Conclusão do artigo: UNIDADE DE DOUTRINA.

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor: JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

"N'oubliions jamais q'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et éducateur"

Marechal PÉTAIN

A PEDAGOGIA E OS SEUS FACTORES

Pelo Cap.
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

Definição histórica — Do grego — pedagogia — a arte de ensinar e educar.

Arte e ciência.

Arte — quando estabelece certas regras oriundas da experiência para dirigir determinada educação.

Ciência — quando estuda as razões dessa educação.

Modernamente — entre os grandes nomes da pedagogia moderna, um ha que sobreleva os demais — John Dewey — cujas idéias são as mais condizentes com a civilização dos nossos dias. Diz elle, definindo a pedagogia moderna: "No plano humano o agir e o reagir ganham mais larga amplitude, chegando, não só á escolha, á preferencia, á selecção possíveis no plano puramente animal, como ainda á reflexão, ao conhecimento e á reconstrução da experiência. Experiência não é, portanto, alguma coisa que se opõe á natureza, — pela qual se experimente, se prove a natureza. Experiência é uma fase da natureza, é uma forma de interacção, pela qual os dois elementos que nela entram — situação e agente — são modificados".

Aprender na forma educativa moderna é ter experiência. Hart classificou a experiência em três tipos: 1.º, a que apenas temos sem conhecer seu objecto (a criança ao nascer tem fome sem saber a razão); 2.º, experiência por apresentação consciente (ganha pela inteligência e usada na indagação da própria realidade, que escolhe meios e selecciona factores); 3.º, a experiência que leva ao experimento de coisas incertas, que sente vagos anceios, que faz o homem inquieto e insatisfeito, empenhado constantemente na revisão da sua obra.

A experiência humana fornece o material para a nossa experiência actual; se nos privássemos dela o homem voltaria á vida selvagem. Deveremos, pois, aproveitá-la em tudo, pois nela se fundam os hábitos mentais, laboriosa e longamente adquiridos. Daí exigir a Escola Activa que se aprenda por experiência, realizando a sabedoria que vivia no empirismo popular.

Assim, synthetizando: Vida = Experiencia = Aprendizagem.
Simultaneamente, vivemos, experimentamos, aprendemos.

A experiencia educativa:

A experiencia educativa é experiencia intelligente, tendente ao enriquecimento do espirito. Educar é dar experiencia no sentido espiritual, no sentido humano. Ha que considerar que a vida de um ser humano não é mais do que um laboratorio da experiencia da longa cadeia da vida animal, que se repete syntheticamente, já no facto psychologico, já no facto physiologico em cada homem. Exemplifico: o embryão humano perde a cauda pouco tempo antes de nascer e aos tres mezes de vida uterina tem guelras como peixe. Desde o nascimento que o homem repete psychologicamente a sua evolução. Assim, na criança observamos tres phases distinctas: a) a phase animal; b) a phase selvagem; c) a phase infantil.

Aprendizagem:

Ha cinco typos de aprendizagem: 1.º, só se aprende o que se practica; 2.º, mas não basta praticar, é preciso fazer a reconstrução consciente de experiencia; 3.º, aprende-se por associação; 4.º, nunca se aprende uma coisa só (uma lição de physiologia explica um movimento gymnastico e, ao mesmo tempo, produz uma sensação de agrado ou desagrado — notamos tres actos distinctos); 5.º, toda aprendizagem deve ser integrada, isto é, adquirida em uma experiencia real da vida. (A idéa da velha escola, que a educação era uma "preparação para a vida" foi abolida, porque cada aprendizagem era adquirida isoladamente, sem connexão e sem nenhuma realidade presente. Obrigando depois ao alumno a combinar, recompor, constituir o todo real).

No ponto de vista physico estabeleceram-se os seguintes principios para a aprendizagem: a) sempre que a actividade physica tem que ser aprendida tem valor intellectual; b) os orgãos dos sentidos são simplesmente os caminhos dos estímulos para as reacções motrizes; c) os seus conhecimentos e desenvolvimentos ocorrem pela adaptação do estímulo sensorial e da reacção motriz. (As qualidades sensorias da cor, som, tacto, etc. não são importantes pela sua simples recepção e conservação, mas pelas suas connexões com as diversas formas de "comportamento", que nos asseguram o controle intelligente da existencia).

A doutrina do interesse:

A doutrina do interesse não é uma chave de processos pedagogicos; é apenas um conselho, uma directiva, que permite a formação do ambiente necessário para que se desenvolvam os impulsos naturaes e os hábitos já adquiridos, na medida que forem desejaveis, encontrando assim

a materia e fórmā pessoaes de habilidade, o elemento propulsor que os faz desenvolver effcientemente.

O esforço:

E' a continuidade, a persistencia em face das difficultades. Elle não tem significação em si mesmo, mas vive pela relação com uma actividade cujo progresso elle promove. E' uma combinação peculiar de tendencia e conflicto (desejo e aborrecimento). A necessidade delle leva á reflexão, porque exige meios de tornal-o menos penoso. Assim, o bom ensino deve captar as boas iniciativas oriundas do esforço.

O esforço contra o interesse:

Os professores devem combater as falsas vocações. A theoria do esforço contra o interesse natural de aprender uma coisa para ganhar apenas titulo ou as vantagens de um curso deve ser arrazada a todo transe. Porque ella torna o homem estreito e fanatico no seu egoísmo, obstinado e irresponsavel nos seus designios materiaes. Só deve haver um esforço, o esforço de "aprender" o curso, realmente, dentro da directiva do interesse mental de cada um. O resultado de um ensino controlador dessas tendencias leva a uma perfeita dissecação da energia interior. "Interesse" significa actividade unificada — integrada. Ha que distinguir e combater as duas phases perniciosas da pedagogia antiga, contrarias a elle: a) pedagogia sentimental; b) pedagogia disciplinar (que deveria se chamar penitenciaria).

A pedagogia moderna deveria se chamar a "pedagogia do interesse". Interesse no bom sentido, no alto, no bello, no grande sentido da collectividade humana.

Motivação:

O instructor nunca deve dar nenhuma aula sem expor succintamente a sua razão de ser. Mornente para homens de mentalidade formada dá sempre mau resultado o uso de uma autoridade intellectual sem logica e sem clareza.

Os tres elementos da pedagogia:

A pedagogia dispõe de tres elementos para a accão pratica e constructiva: 1.º, o seu agente; 2.º, a fórmā de transmissão; 3.º, o objecto. Synthetizando: aula — instructor — classe.

A aula:

O professor deve ter em conta de nunca prolongar uma aula além de 45 minutos. Nenhuma attenção voluntaria supportaria mais tempo. Si o assumpto fôr arido deve didivil-a em partes, illustrando-a com factos

concretos, diagrammas, anedoctas, etc. O professor, em geral, expõe varios meios pedagogicos geraes, que são em resumo: 1.º, o exemplo pessoal (repetição e imitação); 2.º, conhecimentos (diferenciação e concentração intellectual); 3.º, direcção (vigilancia); 4.º, trabalho; 5.º, habito.

O instructor:

Condições fundamentaes: 1.ª, personalidade idonea e aptidão natural; 2.ª, conhecimento do methodo e sua habil applicação practica. A primeira condição pedagogica inclue a personalidade do instructor, a sua perspicacia, alvitre e dedicação. Essas qualidades não podem ser ensinadas, sujeitas a definição ou regulamentação. Muitas vezes aquellas que fazem um instructor ter exito fazem outro fracassar. Em nenhuma profissão o factor vocacional tem maior importancia do que no ensino. A maior parte das occupações trata de relações entre distinctas pessoas, sobre coisas materiaes, mas no ensino a materia usada é a propriamente do individuo e a personalidade do instructor é o grande factor de victoria. Entre as qualidades pessoaes que contribuem para o exito de instructor nomearemos: paciencia, bom humor, tolerancia, dominio proprio, imparcialidade, leaderança, entusiasmo, energia, presteza, boa apresentação e boa voz. Essas qualidades, quando potencias, podem ser desenvolvidas com energico trabalho e uma orientada força de vontade.

Personalidade do instructor é o factor mais importante; sem ella nada valerá o preparo technico e fracassa muitas vezes uma grande habilidade de ensinar.

A classe — *Direcção e controle*

Seja qual for a materia a ensinar, é imprescindivel que o instructor tenha o controle de sua classe. É evidente que para conservar e obter o dominio de sua classe não se formaram ainda methodos pedagogicos, pois depende de muitos factores: habilidade e energia do instructor, o interesse da classe oriundos do comportamento moral do instructor e do seu preparo. Alguns instructores, erradamente, mantêm este dominio usando ou, melhor, abusando de uma autoridade arbitaria. Esse meio é indigno e demonstra no instructor falta de recursos pedagogicos. O interesse de saber conscientemente aquillo que encerra o curso em sua finalidade practica deve ser o norte, para o qual o instructor deve guiar o alumno, procurando contagiar-lher o seu proprio interesse, demonstrando uma boa vontade e um prazer pessoal continuos, já nas explicações, já no desenvolvimento normal das aulas. O instructor não deve ter a pretenção de ser infallivel. Quando commetter qualquer falta é necessario que a reconheça e a corrija lealmente em lugar de procurar encobrila. (Geralmente a turma descobre e despreza os professores que

erram com attitudes de basofia, ou aquelles que, não tendo a autoridade do seu prebaro, vivem num ambiente de falso prestigio, dado pela ameaça das notas de sabbatina). No principio do curso, o instructor deve dar uma explicação, ou, melhor, uma "motivação" geral do que pretende fazer, de acordo com o discernimento da classe. Nessa occasião o instructor deve franca e simplesmente pedir a cooperação de todos para o beneficio commum, ao invés de tomar attitudes dogmaticas e vaidosas. Daquella maneira estabelecerá um espirito de cooperação inicial, que será imitado pelos alumnos novos.

Disciplina e attenção:

Um dos elementos fundamentaes, no dominio pedagogico, é a boa ordem, a attenção conjuncta da classe, ou, no melhor sentido — a disciplina; todavia ella deve ser positiva e não negativa. O estado "positivo" é uma consequencia da constante preocupação do instructor, que deve com habilidade evitar os incidentes communs de disciplina. Às vezes uma palavra, um olhar não severo, evita uma critica de disciplina; e, às vezes, este olhar e esta palavra mostram pessoalmente que o instructor viu e que não quiz censurar, tendo geralmente uma attitude assim efficiencia maior que as attitudes theatraes com grandes gestos e com grandes gritos. Nunca deve o instructor perder a calma ou demonstrar qualquer animosidade pessoal; esforçar-se-á summamente para não praticar injustiças. As correcções em commum devem ser dirigidas em geral com chiste, com ironia; uma phrase ironica tem sempre mais efecto do que uma palavra aspera.

Como já disse, a attenção em aula deve ser positiva e não negativa; principalmente entrè homens a responsabilidade definida onde não se trata de portar-se mal ou bem, mas de aprender effcientemente e ser lesto. E' um problema tambem de real importancia na pedagogia conseguir captar as idéas dispersas de um grupo de individuos heterogeneos. E só a "doutrina do interesse", habilmente combinada com os elementos psychologicos de cada um, é que poderá dar um verdadeiro exito pedagogico ao instructor, que tem nisso a sua verdadeira prova de vitalidade, força de vontade, energia, paciencia e technica da arte de ensinar. E', aliás, a essencia da arte de ensinar...

Não é razoavel nem coerente esperar que isso se produza por milagre e subitamente. Nas aulas praticas, por exemplo, o simples silvo de um apito é um elemento disciplinador. O instructor ainda pôde usar das competições e outros meios para que se produza com rapidez a ordem.

Leaderança energica e relações amistosas. A condição mental e physica do instructor, exteriorizadas na sua attitude e apresentação perante á turma tem uma grande influencia sobre a mesma. Se o instructor se apresentar nervoso, irritado, cansado, ou distraido, invariavelmente

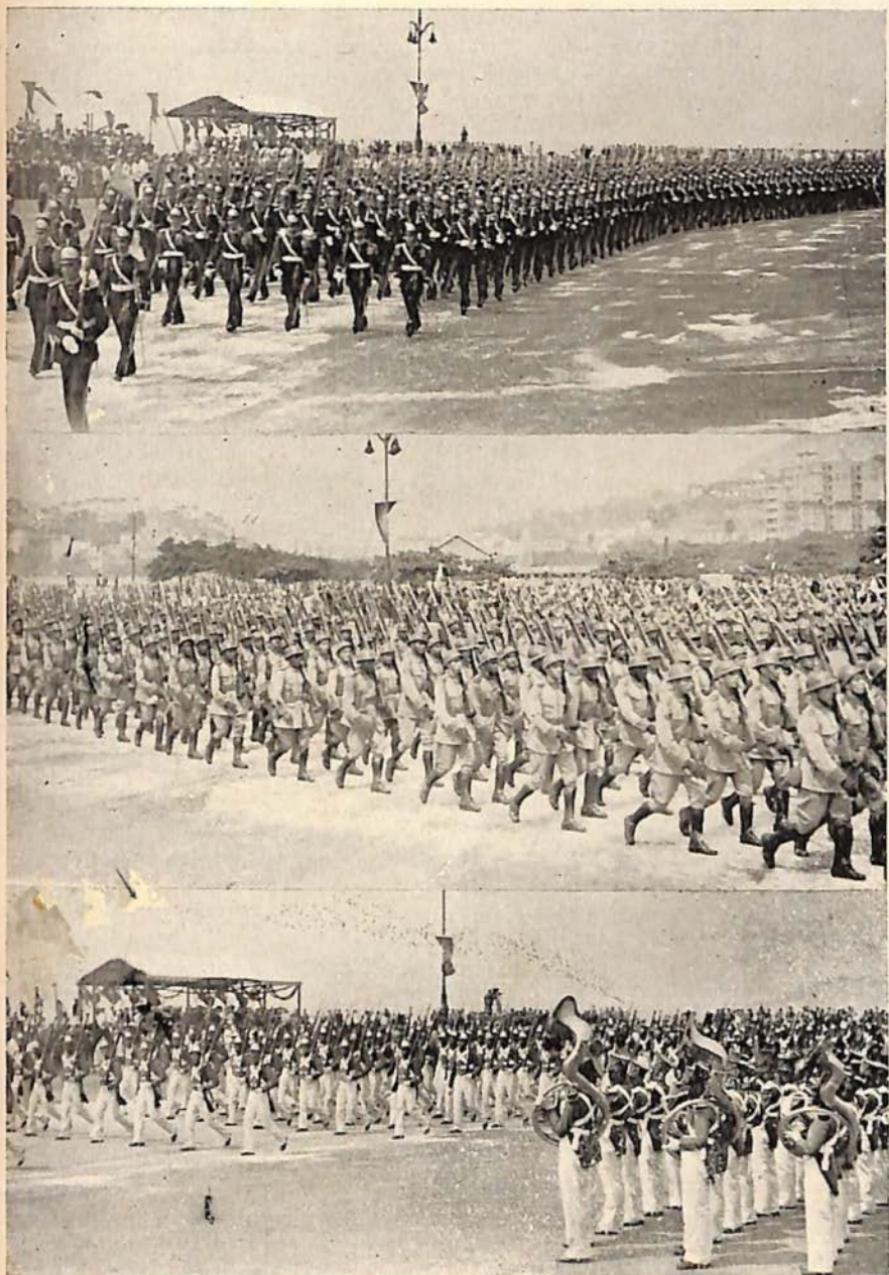
essa condição será reflectida na classe. Além das condições mentais descriptas anteriormente, o instructor deve aliar a ellas uma excellente apariencia physica. Dentes claros, cabello impeccavel, roupas perfeitas, barba bem feita, emfim, o asseio pessoal devem constituir um estímulo; quiçá um exemplo que evita o "plano inclinado" do ridiculo.

E' muito util uma participação vigorosa nos exercícios por parte do instructor, quando a classe é novata, devendo ter elle uma constante boa postura obrigando os alunos a viverem num ambiente de interesse e produzirem o consequente esforço paralelo. Nas aulas oraes theoricas, formará collegiadas, dando themes, ou theses, ora servindo de juiz, ora entrando com argumentos felizes ao lado da turma mais fraca. A suggestão de energia e vigor pode ser dada pelo profundo conhecimento da materia e pela boa entonação de voz. O instructor, geralmente, aspira ser popular entre seus homens. Esse desejo é recommendavel; todavia cumpre não confundir popularidade com intimidade; a popularidade do instructor deve basear-se no respeito pelas suas qualidades technicas, e ella de nada valerá, se não for usada em beneficio da efficacia da sua obra. Erra grosseiramente o instructor que pensa que a popularidade é sacrificada pelo facto de exigir ordem e estudo. Pelo contrario, uma classe de homens só pode admirar aquelle que realmente cumpre o seu dever de homem. O instructor deve conhecer o limite dos seus alunos quanto ao trabalho e tambem quanto ao comportamento. Deve alentar os atrazados no acto de corrigir, mas corrigir com espirito de auxiliar e não de punir. O pronome pessoal deve ser evitado a todo custo; nunca dizer: "eu quero que se faça isto".

Há na Europa um idioma que — talvez o unico no mundo — não possue maldições nem pragas. E' o idioma da ilha de Man, pequeno territorio que tem, igualmente, o privilegio de outra raridade sem par — a dos gatos sem cauda.

Os primitivos habitantes dessa ilha, situada no canal da Mancha e pertencente á Inglaterra, fallavam uma lingua não conhecida ao certo, mas provavelmente scandinava. Não ha nella um só vocabulo que sirva para manifestar colera ou mesmo impaciencia.

DIA DA PÁTRIA



A Escola Militar, o 3.º R. I. e o Batalhão de guardas desfilando perante às altas autoridades do paiz.

ESTADIO GUARARAPES



Graças à dedicação e ao patriotismo do General Manoel Rabello, a 7.^a Região Militar sofreu um impulso animador. As construções da Villa Militar e do estadio fornecerão ambiente agradável para o trabalho de preparar defensores da Pátria.

NOTICIARIO E VARIEDADES

As commemorações do Dia da Patria

As commemorações do "Dia da Patria" corresponderam plenamente ao desejo daquelles que se esforçaram, este anno, para dar-lhes um brilho novo e compativel com a grandeza do seu significado cívico.

Não sómente nesta capital, como nos Estados e, o que é muito mais, nas cidades do interior, o povo brasileiro, unido pela communhão dos mesmos sentimentos, externou, das mais variadas fórmas, o seu jubilo patriótico.

O desfile militar da manhã de sete culminou as celebrações da data. A marcialidade dos soldados provocou da população as mais intensas manifestações de entusiasmo. Os aviões, que encheram os céos, em formações esplendididas, igualmente despertaram entre todos grande admiração pela pericia e bravura dos pilotos brasileiros.

As ceremonias publicas tiveram extraordinaria concurrenceia e, durante todo o dia, as ruas estiveram cheias de uma multidão ruidosa e alacre, que não perdia occasião para testemunhar o seu contentamento cívico.

Honramos a lembrança dos nossos maiores que fizeram a Independencia e aproveitamos a epheméride para exaltar todos quantos têm concorrido para fazer o Brasil maior e mais poderoso pelos nobres sentimentos de justiça do seu povo.

E' de esperar que, nos annos vindouros, a "Semana da Patria" seja celebrada com iguaes demonstrações de alegria cívica, porque essas grandes festas traduzem, antes de mais nada, o legitimo orgulho da patria brasileira e a consciencia do immenso bem que o destino nos deu para engrandecer e transmittir aos vindouros como o nosso maior legado.

* * *

No ponto de vista militar a revista e o desfile muito agradaram. Pode-se dizer que toda a tropa, sem discrepancia, apresentou-se bem.

Na infantaria, sobretudo, a formação em massa, permitiu um aspecto de maior imponencia e fez desaparecer senões, inevitaveis nas formações que têm sido adoptadas anteriormente.

Em algumas unidades, como principalmente a Escola Militar e o Batalhão Escola, o Corpo de Alumnos Sargentos e o 3.º Regimento de Infantaria, nas quaes a optima impressão de conjunto se alliava perfeita correccão na execução individual, o efecto conseguido foi admiravel, pelo entusiasmo, energia e uniformidade dos movimentos.

Das armas montadas tambem foi optima a impressão, pelo garbo, meticulooso cuidado na apresentação dos homens, da cavalhada e do material. Pena é que não tenha sido possível fazel-as desfilar a trote, para aumentar o effeito dessa apresentação.

Merce especial relevo o 1.º G. A. P. que se apresentou motorizado inteiramente e sob forma brilhante.

O desfile revelou grande progresso na instrução da tropa e a preocupação dos seus quadros de dar ao povo a impressão do valor de seu trabalho. Por isso, devem todos estar de parabens, pelo entusiasmo e aclamações que souberam despertar na massa popular, que aliás, digamos de passagem, nem sempre tem sabido corresponder aos sacrifícios que semelhantes apresentações impõem.

Cabe-nos ainda assignalar a brilhante cooperação prestada pelo Corpo de Fuzileiros Navaes, a Escola Naval, o Corpo de Marinheiros Nacionaes, o Centro de Preparação de Officiaes de Reserva, o Corpo de Bombeiros e a Brigada Policial, todos impeccaveis nos movimentos e no aspecto verdadeiramente marcial dos seus conjunctos.

Finalmente, é justo que saliente a perfeita organização do desfile, pois, apesar do grande efectivo do Destacamento do Exercito, o escoamento se processou com perfeita regularidade, a relogio, o que não é commun e o que serviu para tornar mais segura a impressão de todos que assistiram a essa movimentada demonstração, que deve constituir motivo de justo orgulho para o Exercito, a Marinha e a Brigada Policial do Distrito Federal.

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

Situação das Polícias Militares

Certos forjadores impenitentes de intranquili-dades, visando manter sempre em ebuição, a opinião publica, estão agora agitando a questão da situação das Policias Militares Estaduaes em face da carta Magna, ora em vigor.

Entre conceitos deliberadamente inverídicos e refalsados e insidiosas perfidias, que já não podem esconder os intuitos da sordida e impatriotica politicagem que se engendra e vehicula, fazem crêr aos profissionaes das dignas corporações policiaes, forças auxiliares do Exercito Nacional, que, o governo federal, através do Estado Maior do Exercito, tem a intenção de diminuir-lhes a efficiencia bellica, ferindo direitos adquiridos, conveniencias materiaes e prerogativas sociaes.

Não se passa nada disso.

A Constituição Federal, em seus artigos 159 e 167, legisla a respeito da situação das Policias Militares, relativamente aos interesses nacionaes, entregando aos orgãos competentes, o estudo e a coordenação das questões attinentes á segurança nacional.

Os orgãos competentes são:

a) O Estado Maior do Exercito — orgão technico por excellencia, que funciona permanentemente, orientado pela doutrina civica da Maior Brasilidade e que não soffre solução de continuidade em seus trabalhos, nem está subordinado ás colleantes fluctuações dos interesses regionaes ou partidarios por isso que, norteia-se exclusivamente, pela divisa: "Tudo pelo Brasil Unido e Soberano".

b) O Conselho Superior de Segurança Nacional — orgão coordenador de todas as actividades que respondem pela Defesa Nacional.

c) outros órgãos com attribuições secundarias, n'esta importantissima finalidade nacional.

O Brasil não pode, absolutamente, desconhecer a actuação patriotica de suas forças estaduaes, nas diversas occasões em que tem recorrido ao seu valioso e efficiente concurso, tão abnegadamente prestado.

Elle não só confirma o bom conceito, em que tem as Forças Auxiliares do Exercito Nacional — As Policias Militares, como tambem o proclama, com toda a justiça sincera e orgulhosamente, e por todos os meios de divulgação, a seu alcance taes como: jornaes, revistas, órgãos de classe, leis federaes, etc. etc.

O Estado Maior do Exercito, chamado a dar parecer sobre um projecto em andamento no Congresso Federal, só emitiu opinião sobre o ponto de vista tecnico, isto é, sómente quanto á orientação mais conveniente ao preparo porfissional e apparelhamento bellico (instrucção, armamento, equipamento fardamento, etc.) das Forças Estaduaes, classificando-as como Forças Auxiliares — umas, e Forças de Reserva — outras, segundo o grão de efficiencia militar que elles apresentarem de acordo com a organisação que adoptarem, com o armamento de que dispuzerem e a instrucção militar que receberem.

O Governo Federal não pretende, nem de leve, tocar ou influir na actual organisação das milicias estaduaes, ferindo direitos adquiridos ou restringindo-lhes o grão de efficiencia militar.

E' do consenso nacional, tacitamente estabelecido e aceito pelas partes, (União e Estados) que as policias Militares, só sejam organisadas em unidades de Infantaria e Cavallaria e em unidades especialisadas, destinadas ás missões de carácter, verdadeiramente policial.

E, tanto isto é certo que a Força Publica de São Paulo, já possuiu artilharia e aviação e, sem prejuízo

material para seus quadros, não mais conta com estas duas armas; a Brigada Militar Gaúcha, tambem, já teve organisada, sua aviação militar que hoje não mais existe, sem que fossem feridos direitos, nem prejudicado o accesso de seus officiaes.

E' desnecessario, por obvio, demonstrar o grave inconveniente nacional de uma organisação de poderosos Exercitos Regionaes, compostos de tropas das cinco armas e serviços annexos. Sobre serem dispensiosissimos á cada unidade federativa, ainda representariam (não se pode negar, nem callar) constante ameaça á Integridade Nacional, não pela mentalidade brasileira e disciplinas de cada Corporação estadual em si, pois todas ellas têm demonstrado, sobejamente, seu exemplar civismo e sua nitida e leal comprehensão de deveres militares, mas, por isso mesmo, pela força de que realmente seriam depositarias e que ficaria ao sabor e disposição dos regionalismos, vespas e deformados, de uma politicagem partidaria, obscurecida pela acanhada paixão do interesse local e jogando com todos suas possibilidades materiaes, defendendo conveniencias proprias em detrimento dos sagrados e inviolaveis interesses nacionaes.

Dentro desta ordem de idéas deve ter disso redigido o projecto em curso no Congresso Federal.

Nelle as Policias Militares têm sua efficiencia profissional perfeitamente assegurada.

O proprio Exercito, tem o mais alto interesse em manter sempre elevado o grão de valor militar de suas Forças Auxiliares.

Para obter esse desideratum, diz o artigo 5.^o do projecto em apreço:

"As Forças Auxiliares do Exercito gosam de todas as vantagens concedidas ás outras policias militares (Força de Reserva) e mais as seguintes que se rão obrigatoriamente incorporadas aos contractos

que se effectuarem entre os respectivo Estados e a União:

a) *seus officiaes são incluidos na 2.^a classe do corpo de Officiaes de Reserva do Exercito Nacional mesmo em tempo de paz, conforme a letra a do art. 2.^o da lei do Serviço Militar (Dec. n.^o 23.125, de 21-VII-1935).*

b) *podem ter official do Exercito efectivo como commandante e se obrigam a ter como instructores, officiaes desse mesmo Exercito, designados pelo E. M. E. á requisição do respectivo Estado.*

c) *podem adquirir nos órgãos provedores do Exercito, tudo quanto necessitem para sua vida normal (viveres, forragens, fardamento, etc.) ou para sua maior efficiencia (armamento, equipamento, munições, etc.).*

d) *receberão gratuitamente, do Exercito, seus regulamentos administrativos e tacticos em vigor.*

e) *os incorporados nas Forças Auxiliares ficam isentos do Serviço Militar no Exercito, e quando licenciados, serão considerados reservistas de 2.^a categoria, do Exercito Nacional.”*

Querem maiores provas de sinceridade da parte das altas autoridades militares do Brasil, no tocante á efficiencia profissional das Forças Estaduaes?

Não é preciso, pois é o E. M. E. quem se manifesta, oficialmente, sobre o grão de preparo militar que deseja encontrar em suas forças auxiliares.

Unidade de doutrina tactica, o que corresponde a dizer, instrução militar á cargo do Exercito; unidade de armamento, que impõe a unidade de munições, o que vem facilitar o magno problema do remuniciamento, em tempo de guerra; unidade de deveres e direitos.

Eis ahi, o que deseja o Exercito para as Forças Publicas Estaduaes.

Isto corresponde a dizer: — equiparação total, dentro da conveniencia nacional, tanto economica como politica.

O ideal seria, tiral-as das mãos das politicas regionaes, integrando-as, definitivamente, nos quadros das forças federaes, em caracter permanente.

E' essa a opinião da maioria do Exercito que, sendo ainda o mais forte élo da Unidade Patria, quer ter a seu lado, imbuidas da mesma mentalidade nacionalista, as corporações militares estadoaes.

Policias de todo o Brasil !

Não deixeis que os māos brasileiros, os eternos descontentes e os innovadores exoticos, perturbem a clareza de vossa razão com invencionices estultas e criminosas, que já não escondem, por ocas e inconsistentes, os negros designios que têm em mira, ou seja, — a implantação da desordem e da anarchia, onde pensam e pretendem pescar alguma vantagem.

Sejamos bons brasileiros que, sómente com isto, annularemos e destruiremos as tenebrosas machinações dos inimigos da nossa grande Patria !

OS ENGAJAMENTOS E AS MODIFICAÇÕES DOS EFFECTIVOS

1.^o Ten GERARDO LEMOS DO AMARAL

Com a recente modificação do effectivo orçamentario do Exercito foi posto, novamente, em equação, um problema que está a exigir prompta solução — o do engajamento e do licenciamento antecipado.

O engajamento é um bem ou um mal? uma necessidade ou uma nocividade? Deixamos aos mais avisados a resposta.

A praça que se engaja faz um contracto com a Nação para servi-la durante um determinado tempo. Obriga-se, é o termo, a isto.

A Nação, consequentemente, se obriga a vestir, alimentar, instruir e pagar ao contractante durante o mesmo tempo. A' praça não é permitido rescindir o contracto. Sel-o-ha á Nação? Pensamos que não. O facto,

porém, é que nem todos pensam assim e já têm sido licenciadas varias praças, firmados os que o fizeram, em outra interpretação.

A praça engajada sabe que ao fim do prazo será licenciada e, assim, ao approximar-se o "fim do seu tempo" vai cuidando de seu futuro, isto é, reune suas economias, compra traje civil e empenha-se na obtenção de um emprego que passará a ser o seu ganha-pão, etc.

O que acontece á esmagadora maioria das que são antecipadamente licenciadas é bem diverso: são colhidas pelo imprevisto, passam a engrossar as fileiras dos desempregados, dos descontentes: vêem-se forçadas, muitas vezes, a implorar a caridade publica, enfim, criam um "caso".

Eis as autoridades ás voltas com o dilema — ou criam o "caso" que lhes caberá, igualmente, resolver ou se verão ante as dificuldades deficitarias... outro caso.

Creemos ser evidente a importancia do assumpto.

Uma outra face do problema — engajamento — merece ser abordada. E' vantajoso para o Exercito, o engajamento? Pensamos que sim, desde que a regulamentação do assumpto seja rigorosa.

A's praças simples, especialistas ou não, deveria ser vedado o reengajamento. Um anno de serviço e dois de engajamento e exclusão para a reserva.

Aos graduados (cabos), especialistas ou não, além do tempo concedido ás praças simples, conceda-se mais dois annos de reengajamento, tão sómente. Ficam desta maneira resguardadas as necessidades de formação das reservas e garantido, aos interessados, o goso dos direitos de um contracto bi-lateral, regular.

Se não podemos prescindir do concurso das praças engajadas, nada mais justo que assegurar-lhes, de maneira insophismavel, o direito de permanecerem empregadas, digamos, durante o tempo do contracto firmado com a concessão do engajamento ou reengajamento requerido.

As modificações de efectivos ficarão, naturalmente, subordinadas aos compromissos assim contrahidos pela Nação.

Fomos levados a estas considerações por factos recentemente ocorridos em que a injustiça, no nosso modo de ver, praticada com os que foram licenciados antecipadamente, encontrou apoio na necessidade de resguardar os interesses dos que permaneceram dentro dos efectivos reduzidos.

Entre as dificuldades que surgiriam para o pagamento dos excedentes do efectivo orçamentario e o licenciamento antecipado e irregular dos excedentes, optou-se pela segunda solução que feriria o menor numero de interesses. Não resta duvida que foi a melhor, mas cumpre impedir, no futuro, a repetição do caso.

E' o que pensamos.

7 DE SETEMBRO

• DIA DA PÁTRIA •



1822



1889

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

15 de Novembro de 1889

SEJA O BRASIL,

PELO PATRIOTISMO DE SEUS FILHOS,

A PÁTRIA DA FELICIDADE HUMANA

NA LEGENDA BÁSICA DA SUA BANDEIRA:

ORDEM E PROGRESSO

GABINETE PHOTOCARTOGRAPHICO DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

LOUREIRO 1935

Cartaz mandado executar pelo General Pantaleão Pessoa com o fito de intensificar o entusiasmo do povo pelas commemorações cívico-militares realizadas no magno dia da Independência.

Día do Soldado

**Allocuções produzidas pelo Radio Club em homenagem á data
O PATRONO DO EXERCITO**

Pelo Maj. THEODURETO BARBOSA

A figura singular do Marechal DUQUE DE CAXIAS, a quem se tributa a consagração cívica de 25 de Agosto, antes de ser a mais empolgante envergadura de soldado da América, constitue o complexo mais perfeito de virtudes prestantes, com que jamais se delineararam os contornos dos heróis, na legenda histórica de um povo.

"O General que honraria a qualquer Exército do mundo", fascinante e impavido conductor de Itororó, Lomas Valentinas e de Avahy, o soldado invencível que, com galhardia e honra, abria sulcos irremediables nas fileiras dos Exércitos estrangeiros, era, ao mesmo tempo, o vencedor generoso e conciliador de Icatú, Venda Grande, Santa Luzia e Porongos, cuja serenidade e brandura, em tempo algum se nimbaram do ódio que não perdão, ou da vingança que perseguia.

O Exército Brasileiro pode orgulhar-se de ter sido a escola em que se formou a personalidade, sem par, de Luiz Alves de Lima e Silva. E, acima de seus assomos de honra e de patriotismo, nenhum ideal deve animal-o de maior entusiasmo nem de mais expressivo testemunho de admiração, do que o culto consagrado ao seu illustre patrono, em cujo symbolismo se congregam, no mesmo rito e íntima harmonia, as manifestações do amor á Pátria, os sentimentos da honra militar e a dedicação ás lidas da profissão!

Venerar a memória do estrategista genial da marcha de flanco, reviver os feitos do magnanimo pacificador das províncias do Império, é remontar a um passado de glórias nacionaes, que uma existencia de meio século de abnegados serviços á Pátria, encheu de benemerencias publicas, jamais recompensadas.

Apresentam os primeiros dias de nossa alvorada política, quando começou de projectar-se sobre a nacionalidade incerta, o vulto tutelar do grande epígonos, impressionante semelhança, com o momento político do decénio histórico contemporaneo.

Hontem, como hoje, sentimos vacilar os laços da cohesão nacional, e, mal disfarçado, o apostolado sacrílego e impatriótico de idéas perniciosas, nutre a violência, gera a indisciplina social, para semear a desordem, pregar o separatismo, provocar o afrouxamento da comunhão brasileira.

No passado, a espada prestigiosa do nosso insigne chefe abroquelou a nacionalidade, sustentando com os laureis de cinco decennios de glo-

rias, a unidade do imperio; no presente, são ainda, seu exemplo, suas tradições de lealdade e disciplina, sua dedicação ao cumprimento do dever militar, que nos hão de congregar, para num esforço supremo, quando a inconsciencia partidaria pretender subrepôr-se ás aspirações da nação, o Exercito, alheiado aos dissídios políticos, constituir, na hora extrema, o baluarte da integridade nacional.

Adormecendo na tarde de 7 de Maio de 1880 o Campeador infatigável no Pantheon das Glórias nacionaes, passa á Immortalidade o soldado invicto, cingida a fronte com a palma da gratidão publica !

O Brasil perde nessa hora crepuscular o mais fulgurante de seus filhos; mas, seu patrimonio se enriquece do surprehendente tesouro que é sua notavel vida publica. E esse legado de virtudes inestimaveis, é, então, confiado ao Exercito para que o preserve do contagio malsão, como guarda e depositario que é das tradições de honra e das glórias nacionaes.

SAUDAÇÃO AO SOLDADO

Pelo Dr. RAUL MACHADO

"Soldado da Patria ! Eu te saúdo, nesta hora em que se relembrá, numa tela illuminada da Historia, a figura inconfundivel de Caxias; e em que Governo e Povo celebram, associados, numa communhão de cívismo, as tuas glórias e as tuas virtudes !

As tuas glórias de hontem, nos campos vermelhos de fogo e sangue, em que luctavas pelo teu Povo, e defendias, — avarento sublime ! —, o oiro da tua bandeira ! As tuas virtudes de sempre, que te realçam a nobreza de conducta e têm força de mandamentos, na biblia dos teus princípios de honra !

Tu és um expoente á parte, na taboa de valores da comunidade da Patria !

Teu espirito de disciplina é capaz de atear-se, na sublimidade de comprehensão do dever, ao daquelle sentinella romana que, não tendo recebido ordem para se afastar do seu posto, ficou, de pé, guardando a porta de Pompeia, que o Vésuvio, convulsionado, ia lentamente afundando em uma sepultura de cinzas !

E tão alta e tão nobre é a tua noção de dignidade e de brio, que a covardia que aos outros infunde, apenas, um sentimento mixto de piedade e desprezo, á erigida á condição de um crime, nos teus codigos de punição e de honra !

Em verdade, o receio da propria morte é menos pungente para o soldado, que a vergonha de não cumprir o dever e a ignominia de ser vencido pela ausencia de impavidez no perigo . . .

Quando a Patria estremece, ao golpe de uma offensa, teu coração é o primeiro a bater, acelerado de um odio santo, num vibrante anceio de desagravo; e toda a tua vida palpita, numa flamma votiva de holocausto...

Soldado da Patria !

Eu te saúdo, em nome dos brasileiros, com os olhos da alma voltados, em extase, para o ceu, pleno de astros, das noites da tua terra, e o ceu, pleno de estrellas, do pavilhão do teu Povo: — esse pavilhão auriverde, cujo poder suggestivo de symbolo, rememora, num milagre de synthese, os gloriosos episodios da epopeia da nossa Historia! . . .”

EVOCAÇÃO

Pelo Ten. Cel. LESSA BASTOS

Soldados do Brasil de hoje, na successão dos seculos, o presente não é mais do que um elo entre o passado e o futuro.

Em tudo que vemos, em tudo que sentimos, na propria lingua que fallamos — nas minimas particulas do immenso patriomnio nacional — remanescem a fé, o fructo do labor, o civismo, daquelles que crearam, accresceram, defenderam e nos legaram os thesouros materiaes, moraes, artisticos e espirituaes que disfrutamos.

Incontestavelmente todos os factores da grandeza nacional são dignos da nossa admiracão agradecida, mas nas remembranças deste dia especialmente avulta a recordação daquelles que além de concorrerem com seu esforço physico, moral ou intellectual, perderam a vida defendendo a collectividade.

Soldados do Brasil de hoje, no culto cívico que estamos celebrando não pode ser olvidada uma evocação aos soldados do Brasil de hontem, nossos predecessores na missão de salvaguardar a integridade e garantir o engrandecimento da nação.

Soldados mortos do Brasil, não sereis esquecidos enquanto a pátria subsistir!

Na tradição que deixastes, vive a vossa memoria, perpetuada pelos chronistas, recordada pelos mestres e celebrada pelos poetas.

Nós, soldados do Brasil de hoje, vos relembramos a cada instante, nas armas que manejamos — e que foram os instrumentos de vossa gloria — no som dos clarins que vos dirigiram nos combates e cujas notas ainda rememoram, no toque de alvorada — as victorias que alcançastes — e mais do que em tudo, no pavilhão nacional, porque foi elle o pallium sagrado á cuja sombra vos immolastes nas aras do altar da patria.

ASPECTOS PITORESCOS DA VIDA E COSTUMES DA POPULAÇÃO DA ABYSSINIA

Tradução do Cap. OSCAR NEPOMUCENO DA SILVA ROSA

O Imperio de Ethiopia está em fóco. Situado em uma região a Nordeste da Africa, se encontra encerrado entre as possessões italianas da Eritréa e Somalia, com as possessões britannicas do Sudan Egypcio e Kenia e ainda com uma pequena fracção de território francez, através do qual e por estrada de ferro, tem saída no golfo de Aden.

Com uma superfície de 906.400 Km. quadrados e uma população superior a dez milhões de habitantes, é o único estado negro do mundo que desfruta de autonomia e independência política.

Baseados em páginas de livros que numerosos europeus dedicaram a este paiz, anotamos alguns de seus aspectos mais curiosos.

Os franceses que possuem alguma experiência em matéria colonial, construiram uma estrada de ferro unindo Addis-Abeba a um porto de Djibouti, sobre o mar vermelho. O trajecto efectua-se em três etapas, viajando unicamente de dia. A razão é poderosa. Não se arriscam a fazer nocturnos por temor aos descarrilamentos, pois os naturaes do paiz se divertem em arrancar os trilhos e todo ferro que se emprega nestas obras, para utilizá-lo na confecção de armas e utensílios.

"ADDIS-ABEBA", em abyssinio, quer dizer "Nova Flor" e foi fundada em 1896, após a batalha de Adua, ganha aos italianos pelo raz Maconen, pae do actual imperador.

"O sub-solo da Abyssinia é riquíssimo em minas, entre as quais figuram as de ouro com uma densidade de 23 quilates, cuja exportação em sua quasi totalidade é feita para a França.

"Sómente existem uns 250 kilómetros de vias ferreas. As comunicações se fazem por caminhos rudimentares, em caravanas, que atravessam selvas, bosques e rios. As pontes são considerados como invenções diabólicas.

"Raz, equivale a graduação de generalíssimo e é o título que cabe aos governadores das diversas províncias. Existem algumas exclusivamente mussulmanas e que são administradas por um sultão hereditário, mas que se reconhece como subdito do Imperador.

"O abyssinio considera o trabalho como cousa degradante. A profissão de soldado é a que mais o convém. Na Abyssinia não há injúria maior do que dizer a um outro: "Teu pae trabalhava".

"O alfabeto abyssinio consta de duzentas letras".

"Ha entre os nativos, uma tribo, a dos ambingares que vivem completamente nus. Quando pela primeira vez, vêem um branco, fogem es-

pavoridos e para que se tranquilizem necessario se torna que fique nú, para que elles apalpando seu corpo se convençam que não é uma visão.

"O commandante da escolta imperial que tambem é o chefe do ceremonial, tem a obrigaçao de levar os trajes do imperador, em epoca de guerra, com o fim de não permittir ao inimigo identifical-o.

"A temporada das chuvas, que corresponde ao inverno, começa em maio e só termina em principios de setembro. Chove dia e noite, durante tres meses seguidos e se ás vezes cessa por um momento, é para recomeçar com maior impetuositade. Esta é a época chamada do "KREMPKT". Não se trabalha, tão pouco se sae de casa e o barro que cobre as ruas da capital é de tal natureza que só o sahir constitue um perigo.

"Os abyssinios são christãos e foram convertidos no seculo IV por um missionario grego chamado FRUMENCIO. Pertencem ao rito copto e na capital ha cerca de 5000 sacerdotes e 10.000 monges. O Imperador tem constantemente a seu lado um confessor e o "abuna" que corresponde ao arcebispo não se afasta do palacio imperial.

"O palacio imperial onde reside o rei dos reis, está rodeado por construções destinadas á moradia dos dignatarios da corte. As estanças imperiaes estão proximas da sala do throno, o mesmo acontecendo ás jaulas onde se encerram os leões, tigres e pantheras que constituem o adorno e o justificativo de "vencedor do leão" que, entre muitos outros titulos, tem o monarcha.

"O arquivo imperial, é uma grande sala onde se amontoam centenas de cestas de vimes cheias de papeis. O visitante pode ver, de vez em quando, a um burocrata, que sem grande ceremonia despeja o conteúdo de um cesto no solo e depois de muito revolver, tira um pedaço de papel com a mesma scriedad como se o fizesse de um modernissimo arquivo.

A caixa do Estado, o Thesouro, está em uma ampla habitação. Quando se entra nella, causa surpreza vel-a completamente vazia. Só se encontra um soldado de guarda sobre uma chapa de ferro que existe sobre o solo. E' a tampa do thesouro, onde ninguem desce, porém que todos dizem haver ouro sufficiente para comprar a Europa inteira. Só o abrem no caso de guerra.

"Outra curiosidade do palacio imperial, é o Museu, onde são guardados todos os presentes recebidos pelo monarcha. Nelle pode-se ver um quadro famoso ao lado de uma machina de escrever e uma motocycleta ao lado de um jarrão de Sévres. Abundam as machinas de costura de toda sorte de amostras que os fabricantes europeus enviam ao Rei dos Reis e que elle considera e venera como obsequios.

"Em determinadas circumstancias e com mais frequencia de que é de suppor, o Imperador offerece aos subditos grandes banquetes. Abrem-se os salões mais espaçosos do palacio e durante todo o dia desfilam os

convidados. O Imperador faz acto de presença deante de uma mesa e para não perder tempo, despacha os assumptos de governo as consultas dos ministros.

Os que terminam de comer, cedem logar a outros e assim até ficarem, como dizemos nós "empanturrados". Os leprosos são recebidos de maneira especial, pois se os consideram bemaventurados, destinados a ingressarem immediatamente no Céo logo apôs a morte.

O abyssinio vive sómente para o jogo, mulheres e para o alcool. Para isto e para a guerra, pode-se dizer que, toda a população masculina está permanentemente em armas.

A' margem do desfile do Dia da Patria

De um dos nossos mais entusiastas e competentes commandantes de infantaria recebemos as observações que se seguem e feitas a propósito da formatura de 7 de Setembro ultimo. Ellas focalizam aspectos interessantes da solemnidade e uteis para o futuro.

1 — *Hora* — Incontestavelmente a hora foi bem escolhida e convém conserval-a para outras revistas e desfiles.

2 — *Local* — Continúa sendo o que melhor se presta: — facil acesso; todo mundo pode apreciar o desfile sem grandes sacrificios. Isso é muito importante porque em toda a parte o povo é sempre commodista. Para se ter grande assistencia nas festas militares, para que estas realizem o fim educativo que se tem em vista, torna-se necessario que os seus organizadores encarem discretamente uma serie de pormenores, que lhe assegurem o realce indispensavel. E entre estes, os mais importantes dizem respeito ás facilidades de acesso e commodidade para o publico. Nota-se, nesse particular, que, como no passado, a collaboração da Inspectoria de Trafego e, muitas vezes, deficiente, constitue mesmo, pelo desencontro das medidas adoptadas, motivo de cansaço, de enervamento e desanimo para a multidão, e, desse modo, contribue indirecta mas puderamente para o descredito, como contra-propaganda dessas festas.

Nota-se ainda o desinteresse, ou pelo menos a falta de collaboração da Prefeitura do Districto Federal nessas festas. Poderia ella estabelecer archibancadas desmontaveis, no trajecto do desfile, ao longo das calçadas para o povo, e um pavilhão condigno para as autoridades. Digamos de passagem que os dois palanques armados para estas, estão abaixos da critica, pela falta de commodidade e de estheticá.

Ainda nos lembramos da assistencia selecta e numerosa que accorria, ha bem pouco tempo, ás archibancadas do Campo de S. Christovão.

3 — *Alegria popular — Applausos* — E' preciso que nesse dia o povo manifeste o seu contentamento e sobretudo, recompense o sacrificio dos soldados não lhes regateando aplausos. A imprensa e uma propaganda educativa pelo radio e por cartazes, devem despertar o sentimento dessa necessidade. Afinal, as forças armadas, com a sua commemoração, proporcionam ao povo uma festa, civica é verdade, e não é crivel que se tome parte em uma festa casmuro, triste e sem vibrações. E' preciso que o povo se expanda não regateando aplausos aos humildes e valorosos defensores da Patria.

4 — *Aviação* — Foi de grande effeito, apezar do tempo nublado, o desfile da aviação de terra e mar. As formações correctas, a pontualidade e a regularidade do vôo deram impressão de imponencia e de segurança indispensavel á solemnidade.

Felizmente foram proscriptas as demonstrações espectaculosas e as acrobacias perigosas que davam idéa de desordem e anarchia.

Por outro lado, não se concebe a permissão de vôo aos aviões de anuncios na mesma occasião em que se desenrolam os diferentes actos da solemnidade. Pensamos que as autoridades não deviam permittir os.

5 — *Tropas do Exercito*

Parece-nos que o povo mais gostou da Escola Militar e do Batalhão de Guardas. Em parte, deve-se isso aos seus destacados e brilhantes uniformes; mas é tambem de direito salientar que para isso muito concorrem a correcção e o garbo com que se apresentavam, e em particular, á Escola Militar que esteve impeccável.

Corpos houve, entretanto, que, embora se tenham apresentado de maneira admirável, não conseguiram os mesmos aplausos, por falta do uniforme. Está nesse caso, o 3.^º Regimento que continua a manter a tradição, já consagrada pelo regulamento, que reza: — "nas circunstâncias criticas, as tropas que mais capricharem na ordem unida é que se mostrarião mais inabaláveis e arrojadas".

6 — *A formação em massa* da infantaria satisfez completamente. Com um maior treinamento, conseguirão maior desembarço nos movimentos, melhor cobertura e alinhamento e correcção no porte do fuzil.

7 — *Início do desfile*. Foi boa a actuação do official que regulou o inicio do desfile, na area fronteira ao pavilhão official. Esse official devia ter mesmo um ou dois auxiliares que lhe facilitassem a tarefa. E' de importância capital que as unidades não percam tempo no desfile. Convém, mesmo, evitar o *marcar-passo* ou pelo menos evitar que este se mantenha por muito tempo, porque concorre para a perda do "elan" e da cadencia, principalmente devido ao afastamento da banda de musica.

Nessa occasião em que as unidades perdem 50 % de suas possibilidades, é preciso evitar-lhes dificuldades embaralhosas.

8 — *Collegio Militar* — Apresentou-se bem, com o entusiasmo natural do juventude, mas numa só companhia. Pensamos que, aproveitando os alumnos maiores de 15 annos, era possivel formar um batalhão, o que impressionaria melhor e concorreria para restabelecer nesse viveiro de futuros officiaes da activa e da reserva a animação pelas exterioridades militares que constituem um incentivo e motivo de orgulho para a mocidade.

9) — *Cadencia e dobrados* — Notava-se que a cadencia não era uniforme em todos os corpos, devido ás bandas de musica. Em muitos ella era apressada e de passo miudo. Muito perde com isso o desembaraço da marcha. A cadencia regulamentar de 120 passos por minuto proporciona justamente esse desembaraço com o passo largo e elegante.

Outra falha que deve ser corrigida é a dos dobrados escolhidos para o desfile. Com algumas excepções, elles foram fracos, de harmonia, quando deviam ser escolhidos os mais fortes e marciaes.

10 — *Uniforme* — A impressão do desfile permitte-nos sugerir ás altas autoridades um meio facil e barato para melhorar o aspecto da tropa nas apresentações externas.

Esse meio é a distribuição, por todas as unidades, de um *uniforme de flanella verde oliva* (com calção e não calça), confeccionado rigorosamente de acordo com a cõr e o modelo do uniforme de brim. Variará sómente o panno, que em vez de brim, será de flanella (mas flanella bôa e encorpada).

Esse uniforme ficará como carga da unidade com duração de 3 a 4 annos, para ser usado apenas em formaturas especiaes. Futuramente, de acordo com a observação, se poderá pensar em distribuir annualmente ao soldado um uniforme de flanella e dois de brim.

Aliás, essa distribuição do uniforme de flanella representa uma necessidade. Ella se impõe para as guarnições de clima frio, que são as de maiores effectivos. Além disso, é preciso prever a possibilidade de levar os soldados das regiões quentes para as mais frias, em época de rigoroso inverno, como aconteceu, por exemplo, nas operações de 1932. O uniforme de flanella e o capote teriam attenuado os sofrimentos impostos pelo frio ao valoroso soldado nortista que accorreu ao chamado.

Acreditamos que o uniforme flanella ainda não foi distribuido por ser caro. Indicamos aqui uma solução inicial para o problema. Como a confecção desse uniforme tem que ser demorada, convém fazer a distribuição paulatinamente. Primeiro os corpos que com mais frequencia tomam parte em formaturas externas — o 3.^º R. I., o 1.^º B. C., etc. Dentro de pouco tempo todas as unidades teriam um uniforme melhor cuidado e reservado para as apresentações. A mesma preocupação devia haver com o equipamento.

11 — Finalmente, para nós e dentro do ponto de vista profissional, podemos dizer que essa formatura foi a melhor que temos tido nestes últimos annos. Verdade é que, no conjunto da tropa, ainda não conseguimos restabelecer o brilho e a correção dos que se realizaram em 1919, 1920 e 1921.

Mas é fóra de dúvida que o progresso deste anno sobre os anteriores foi notável, o que indica o esforço e o trabalho profíquo a que se têm entregue os quadros na sua ardua tarefa.

Discurso pronunciado pelo delegado plenipotenciário do Brasil á Conferencia da Paz em Buenos Aires, dr. Dormundo da Luz Pinto, por occasião das festas commemorativas da Semana do Brasil

Senhores:

O Encarregado de Negocios do Brasil, Dr. Protasio Baptista Gonçalves, pediu-me para, em nome dos brasileiros que aqui se acham enamorados desta admirável Buenos Aires, e dos que aqui vivem no vosso glorioso paiz, agradecer-vos todas as excepcionaes homenagens com que, desde 2 do corrente, estaes celebrando a Semana do Brasil. O representante diplomático brasileiro que, nesta grata oportunidade, me cede o seu lugar quiz, com sua requintada gentileza, proporcionar-me a emoção de constatar e proclamar, neste scenario de cordialidade magnifica, o triunfo definitivo da amizade brasileiro-argentina da qual, desde 1917 e 1918, quando ainda estudante saudava as Missões Canton, Alfaro e Leon Suarez, eu sou um propugnador devotado e entusiasta. Fallo-vos, portanto, com o titulo e com a convicção de quem assiste, na idade madura, a confirmação dos bons pensamentos e propositos da sua juventude, que lhe não enganaram, senão lhe deram antecipadamente, através as sombras que naquelle tempo porventura existissem, a visão clara desses dias de união das nossas duas Patrias, de mãos apertadas no presente e olhares encontrados nos mesmos rumos gloriosos do futuro. Já não são apenas os Governos dos nossos dois paizes que, inspirados na sabia política de Mitre, Roca, Avellaneda, Saenz Pena, Campos Salles, Rodrigues Alves, Rio-Branco, Lauro Muller, Ruy Barbosa e tantos outros dos nossos pro-homens, procuram apertar as cadeias dessa identificação e dessa solidariedade. São os intellectuaes; são os estudantes que se buscam, se conhecem e se admiram; são os proprios povos; é o Brasil; é a Argentina, que, como aconteceu recentemente, por occasião das visitas dos Pre-

sidentes Justo e Vargas, se abraçam nas avenidas e praças do Rio e de Buenos Aires para exprimir aos seus eminentes mandatários o aplauso inequívoco e caloroso por terem comprehendido e interpretado as tendências irrecorribelis dos seus espíritos e os sentimentos profundos dos seus corações. (APPLAUSOS)

A America, Senhores, nasceu de sonhos... Sonho visionário do infante d. Henrique, o Navegador; illuminado e resplandecente sonho do genio de Leonardo da Vince; obstinado sonho de Christovão Colombo, o vitorioso confidente dos mares. A America é filha de sonhos... Vem talvez dahi esta predestinação do seu destino: convertê-los em factos e apotheoses, dando um cunho de ideal aos diversos aspectos da sua realidade. Reparae bem: enquanto, no velho mundo, o conceito de patriotismo revela, quasi sempre, pela luta de nacionalismos ardentes e implacáveis, emulação, concorrência, egoísmo, prevenções, rivalidades, — no nosso Continente, ao contrario, o patriotismo se integra e se concilia no conceito da fraternidade. Os nossos povos, sem contas a ajustar, soffrem as dores uns dos outros e vivem reciprocamente os seus dias de triumpho e de glória. Dir-se-ia que o mesmo clima moral, soprando acima das fronteiras, liga as nações, transformando-a numa só familia. Tal, é para nós brasileiros, a significação extraordinaria, carinhosa, continental, dessas conferencias sobre a nossa formação histórica, sobre o nosso direito, sobre a nossa medicina, sobre a nossa literatura, com as quaes, ha uma semana, vindes celebrando o natal político da nossa Patria. E, com uma fidalguia toda argentina, quizestes culminar tantas e tão inesquecíveis demonstrações de fraternidade com esta esplendida festa que, como nas antigas mansões solarengas, nos reune, argentinos e brasileiros, em torno da mesa commun para escutar os louvores da estirpe, as recordações do passado, os protestos de união e estima, os votos de feliz destino! (APPLAUSOS)

Envolvido pela vossa ternura e pela vossa bondade, neste dia immortal para a nossas Patrias, e percorrendo, num vôo de imaginação os 113 annos de vida soberana que ella symbolisa, permitti que vos diga, sem jactância de estrangeiro, porque estrangeiro não me sinto entre vós, mas com a expansão leal de irmão e amigo, — permitti que vos diga: nós brasileiros nos orgulhamos da nossa Historia! Ella representa, nos seus grandes contornos, que embevecido evoco, sem fixar-me em episódios, um nobre, constante e alto esforço para tornar o Brasil ainda maior pelo seu progresso, aperfeiçoamento, civilização e cultura do que o é pela extensão do seu immenso territorio. "Independencia ou morte!" exclamava, ha cento e tantos annos, nas margens do Ypiranga, D. Pedro de Bragança, o heroico príncipe paladino, donjuanesco e napoleónico, absorvido, exaltado, e seduzido pelo sortilegio da nossa terra tropical. *Independencia e vida!* respondemos nós hoje, com a legitima ufania de haver criado, dentro de um vastíssimo territorio, através das lutas e das dificuldades,

decorentes das distancias e dos climas, a unidade moral indestrutivel de uma só Patria, que vive, trabalha e prospera na communhão da lingua, da religião e da liberdade. (PROLONGADOS APPLAUSOS)

Senhores, vou terminar. Torno a vos agradecer estas horas effusivas de identificação com o sentimento da minha Patria. Contemplando, commovido, a multidão de amigos argentinos do Brasil, consenti que eu a todos personifique, para apresentar o imperecivel testemunho da nossa gratidão, na veneranda figura do vosso grande Rodolfo Rivarola, precursor e veterano da amizade argentino-brasileira. A ceremonia a que estamos assistindo transborda deste recinto. As nossas Patrias estão unidas e omnipresentes. Se eu tentasse recordar os nossos proceres não os poderia distinguir dos vossos immortaes. Que arrebatação maravilhosa ! Vejo José Bonifacio, o Patriarcha, o sabio fundador do nosso Imperio, ao lado do vosso San Martin, creador de patrias como Bolivar, heroe da vossa Independencia, general e estadista, de que se pôde dizer que era um triplice vencedor, porque venceu o inimigo no campo de batalha, venceu a natureza nos Andes e venceu-se a si proprio renunciando ao poder com indescriptivel abnegação ! E' nesta conturbação de impressões e de sentimentos, que me accelera a marcha do coração em palpitacões commovidas, que ergo, senhores, a minha taça pela gloria cada vez maior das nossas duas grandes Patrias. (PROLONGADOS APPLAUSOS)

TEN. CEL. NILO RIBEIRO VAL

Em dias do mez passado falleceu nesta capital Nilo Val.

A Direcção de A Defesa Nacional regista o infasto passamento para render á memoria do companheiro o preito de saudade e de recordação.

Foi um dos mais esforçados e abnegados batalhadores do nucleo mantenedor, ha dez annos atraz e arcou com as responsabilidades da presidencia, durante a mais seria crise por que passou a revista, de 1921 a 1924. A elle, aliado a dois ou tres camaradas mais, deve A Defesa a sua existencia, sem solução de continuidade, a manutenção de seu brilho e utilidade.

O trabalho modesto, silencioso e profissiente de Nilo Val, que deixou traços indeleveis no magisterio militar, ficou registrado nesta revista por uma consideravel somma de materia, de que avulta essa obra de folego que é o *Resumo da Guerra do Paraguay*.

Aqui ficará sempre, na nossa collecção, como monumento a lembrar a todos nós a lição do seu desprendimento, da sua serenidade, do seu interesse de dedicação, do seu saber e cultura.

Indicador da A Defesa Nacional

Mez de Agosto de 1935

Pelo Sub-Tenente ODON A. SOUZA

ASSUMPTO	LEI	DEC.	AV. ^o	DATA	D. O.
Concedendo á Liga Contra a Tuberculose o domínio de um terreno.....	81	.	.	23-7	1-8
Regulamento das Capitanias dos Portos.....	.	220A	.	3-7	
Preparação dos Tiros de Guerras nos corpos de tropa.....	.	.	107	29-7	
Sobre alteração ou modificações nos quartéis e nos casos de mudanças de unidades.	—	.	484	29-7	
Sobre altas dos hospitais de doentes melhorados.....	.	.	16	29-7	
Programma do curso de especialização de medicina de Aviação.....	.	—	.	.	8-2
Comissão para revisão dos actos de afastamentos dos funcionários públicos.....	.	254	.	1-8	5-8
Parecer do Consultor Geral da Republica, sobre ajuda de custo, em face da Lei n.º 51.....	6-8
Estatutos da Caixa do Funcionario Público.....	.	258	.	1-8	7-8
Sobre etapa de Sargento no C. I. T.....	.	.	489	2-8	
Suspendendo requisições no Lloyd Brasileiro.....	.	.	490	2-8	
Sobre transferencia de pessoal, material e arquivo das extintas D. C., D. T. G. e 6.ª D. C.....	2-8
Sobre caderetas de reservistas de menores que fizeram a campanha de 1932, tendo em vista o Av. 572 de 14-8-1934.....	.	.	14	3-8	
Sobre pagamento de gratificações á cabos e soldados.....	.	.	493	5-8	8-8
Nova publicação do.....	.	254	.	1-8	8-8
Suspensão de matrícula nos cursos de Adm. e medicos veterinarios em 1936.....	.	.	496	12-8	

ASSUMPTO	LEI	DEC.	AV.º	DATA	D. O.
Sobre curso de sargentos de F. I. matricula nos cursos de formação de sargentos de unidades de inf.....			110	7-8	
Sobre matricula de medicos das forças policiaes na Escola de Saúde do Exercito....			494	7-8	
Sobre contagem de tempo arregimentado dos instructores e monitores, para promoção á sub-tenente.....			494	7-8	
Nova publicação do.....	254			1-8	
Estatutos da Associação dos Agentes Fiscaes do Imposto de Consumo.....	257			1-8	13-8
Alteração do artigo 12 do Regulamento da E. E. M.....	281			9-8	
Transferencia de séde da 1. ^a Aud. da 1. ^a R.M.	283			9-8	
Cathegoria da Guarnição de Tres Lagoas — M. Grosso.....	282	503			
Serviço arregimentado — Officiaes em estrada de ferro. Funcção de official do estado maior.....				10-8	
Revogando todas as disposições que contrariem o Regulamento do Serviço de Fundos.....				10-8	14-8
Sobre promoções de sargentos feitas sem os requisitos regulamentares.....	501			10-8	
Sobre funções de officiaes nas Form. de Intendencia.....	502			10-8	
Regulamento para exploração dos meios de Transm.....	282			9-8	
Inst. para organisação de conferencias sobre a Constituição.....				12-8	15-8
Contagem de tempo pelo dobro — Contestado 1915-1916.....					
Precedencia entre 1. Ten. — em virtude da amnistia.....	506			12-8	
Sub-unidade do official de educação physica.....	507			12-8	
Sobre licença de operario ou contractado.....	508			12-8	
Veto ao projecto de preenchimento de vagas de 2. tenentes dentistas, sem concurso	23			12-8	
				10-8	16-8

ASSUMPTO	LEI	DEC.	AV.º	DATA	D. O.
Sobre sargento com mais de 25 annos de serviço.....	.	.	512	14-8	
Sobre archivamento de inqueritos.....	.	.	513	14-8	17-8
Regulamento para a Reserva Naval Aerea..	.	263		3-8	2-8
Tratado de Conciliação e Arbitragem Brasil-Uruguay.....	1	.		20-8	
Etapa de alimentação de sargento da E. Av. M.....	.	.	526	19-8	22-8
Faltas não justificadas para a licença premio.....	.	.	518	19-8	
Incapacidade physica. Insufficiencia dentaria.....	.	.	519	19-8	
Sobre contagem de tempo de serviço arregimentado e modo de concorrer á promoção á sub-tenente de sargentos instrutores.....	.		516	19-8	
Sob-Commandante e fiscal de Btl. destacado.....	.	.	523	19-8	
Desligamento de official juiz de conselho.....	.	.	524	19-8	
Licenciamento de insubmissos julgados e absolvidos, funcionários publicos. Não estão amparados.....	.		525	19-8	
Sobre o desprezo ou majoração de fracções de \$100 do Decreto n.º 135 de 9-3-1932.....			13	6-8	10-8 20-8
Regulamento para a E. Naval (Aviação).....					
Regulamento para a Escola de Av. Naval Reprodução.....					24-8
O Alistado para o serviço militar não está dispensado do mesmo serviço.....			42	20-8	24-8
Regulamento da Directoria de Aeronautica de Marinha.....	298	.		15-8	26-8
Matricula no curso previo da E. I. E.....			123	22-8	26-8
Matricula no curso previo da E. I. E., Republicação.....			123	22-8	28-8
Pagamentos na 1.ª R. M.....			541	24-8	
Soldado ferrador. Artifice.....			543	24-8	29-8
Permanencia de officiaes á paisana nas reuniões nos Casinos dos quartéis.....			544	24-8	

BIBLIOGRAPHIA

A ODYSSE'A DO 12.^º REGIMENTO

Pelo Major JOSUE' FREIRE.

Acabamos de receber um exemplar da 2.^a edição do livro "A Odysséa do 12.^º Regimento", de autoria do Major Josué Justiniano Freire, pertencente ao grupo de officiaes do 12.^º R. I., estacionado em Belo Horizonte, quando estourou o movimento revolucionario de 1930. Narra o autor, nesse volume de mais de 300 paginas, todos os lances emocionantes porque passaram, naquelles agitados dias, cheios de incertezas e inquietudes, os bravos defensores daquella brilhante unidade do Exercito Brasileiro que, sem medir sacrificios, tendo em mira unicamente o cabal cumprimento do seu dever de militares num edificante exemplo de obediencia ás regras da disciplina e ás ordens superiores, souberam traçar, com aquella mesma tradicional galhardia que distinguiu sempre os Soldados do Brasil, uma pagina em que o heroismo consciente apparece descripto de um modo claro e vibrante.

A melhor recompensa que pode ser conferida a um militar, qual quer que seja o seu grau hierachico, é o publico reconhecimento de ter bem cumprido os seus arduos e gloriosos deveres. E' sempre com justo entusiasmo que devemos lembrar os feitos valentes que tiveram como autores soldados brasileiros, porque nelles vemos a explendida realidade da pujança de uma raça que, manifestando se mesmo na lucta fraticida desencadeada pelo condemnavel odio filho do facciosismo do momento, causa de tanto mal á nossa Patria, nos mostra de quanto pode ser capaz nas occasões mais graves em que a nacionalidade tiver de manifestar-se.

Corpo de tropa de élite, cuidadosa e proficientemente instruido por operosa officialidade superiormente orientada e dirigida pelo seu devoto Commandante, e então Ten. Cel. José Joaquim de Andrade, outro não poderia ser o papel do 12.^º R. I., fadado a ocupar um posto de maior sacrificio na possivel lucta que, desde mezes antes, já se esboçava, circumstancia de que eram sabedores todos os seus componentes. Historiando este seu proceder, o Major Josué Freire além de ter prestado, a nosso ver, um valioso serviço ao Exercito, trouxe a publico um trabalho que bem merece ser lido por todos os verdadeiros patriotas.

Agradecendo a offerta. "A Defesa Nacional" envia-lhe os parabens.

JUSTIÇA MILITAR EM TEMPO DE GUERRA

O Dr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, auditor de guerra, que serviu junto ás forças legaes por occasião da revolução de São Paulo,

acaba de dar á publicidade um livro interessante, intitulado "Justiça Militar em tempo de Guerra". Por esse motivo tem o seu autor recebido muitos elogios, aos quais pode-se juntar, mais o que lhe acaba de ser enviado pelo ministro da Guerra da Italia e que lhe foi comunicado por intermédio do consul daquela Nação, Sr. Lorenzo Nicolai.

O officio do ministro da Guerra, está assim redigido: "Ministerio della Guerra — Il Sotto Segretario di Stato — Roma, 7/7/35.

Signor Console — Ho assai gradito la publicazione del colonnello Silvestre Pericles de Góes Monteiro sulla "Giustizia Militare in tempo di guerra" e prego V. S. di voler manifestare all'autore l'espressione del mio vivo complacimento per l'opera sua nella quale si dimostra profondo cultore del diritto penale militare. Con alta stima e considerazione, (a) Figo Generale Baistrocchi".

Gratos pelo exemplar enviado.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Com o objectivo de auxiliar os camaradas na procura das obras necessárias à formação da cultura geral indispensável a todo o militar de valor e ao conhecimento dos problemas estudados pelo pensamento contemporâneo, é criado, em "A Defesa Nacional", o "Boletim Bibliográfico":

A presente iniciativa vem preencher uma grande lacuna em nosso meio. Até hoje, para sua formação cultural, nossos officiaes luctavam com immensa dificuldade e serio perigo. A bôa escolha constitue arduo esforço em meio á chusma de livros mediocres e ante a relativa deficiencia da producção nacional. Guiado pela propaganda de fim puramente comercial ou de carácter sectário, o official, não raro, adquire obras que irão viciar sua mentalidade. Nos estudos pessoaes que empreende ou para os concursos em que se apresenta, sae elle a cata de bons livros, sem uma ajuda, tomando, ás vezes, por bôa causa obras pseudo-scientificas ou defensoras de concepções unilateraes.

No debate das idéias modernas — que a todos interessa actualmente — maior ainda é a dificuldade. Por um lado, a exposição serena, imparcial, e bem informada é rara, sobretudo no meio nacional. Por outro lado, falta a grande maioria, por culpa dos nossos programmes de ensino, a base scientifica e philosophica fundamental capaz de permitir um discernimento claro no entrechoque das idéias pregadas e atacadas.

O Boletim indicará espontaneamente, em cada numero, obras de leitura necessaria e aconselhavel, dando sobre cada uma ligeira noticia.

Além disso, responderá elle, com a maior promptidão possível, a todas as consultas bibliographicas que lhe forem feitas: Assim, ao camarada que desejar informações sobre livros a adquirir para estudar determinado assunto — economico, politico, social, literario, philosophico, etc. — ou sobre o valor de tal ou qual trabalho ou escriptor, bastará enviar uma carta ao "B. B.", contendo, após a consulta, uma indicação qualquer — nome, pseudonimo ou iniciais — suficiente para a identificação da resposta nas columnas da revista.

Julgamos, com isso, prestar valioso auxilio aos camaradas, attender ás necessidades do momento e attingir mais um objectivo do nosso programma.

INDICAÇÃO

1. — André Siegfried — *Amérique Latine* — (Librairie Armand Colin — Paris — 1934).

O admiravel autor de "Les E'tats-Unis d'aujourd'hui" dá, p'm Amérique Latine", na impressão do continente sul-americano em paginas que "exprimem um leal esforço de comprehensão e uma instinctiva sympathia".

Rarissima, obra como esta que revele com tanta clareza uma observação tão profunda da nossa vida: ella nos exclare a nós proprios que não nos podemos collocar na attitude de mero observador imparcial.

Nosso Boletim infelizmente não faz critica — apenas indica e, por isso, não nos é possível examinar o bello e profundo trabalho de Siegfried. Serve elle a todos os que desejem possuir uma visão geral mas correcta da situação cultural, geographica, economica e politica do mundo latino-americano.

E' uma synthese escripta por mão de mestre e á qual nem falta, no que se refere ao Brasil, a figura dos nossos "interventores". Interessantíssimas, as paginas dedicadas á intervenção dos militares na política e as que estudam a questão racial das nações do Pacifico. Entre as primeiras, ha advertencias gravíssimas que deveriam ser bem meditadas por todos nós, officiaes.

A venda na "A Defesa Nacional"

<i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i>	87\$400
<i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i>	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira.....</i>	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise- Ten. Cel. Lenglet</i>	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

REPRESENTANTES ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

- | | |
|--|--|
| <p>Gab. M. G. — Maj. Floriano Brayer.
 C. S. N. — Cap. Alexandrino Motta
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
 M. M. F. — 1.º Ten. Reginaldo de
 M. Hunter
 D. P. E. — Cap. Waldemar Souza
 D. C. — Cap. Janduy Toscano de
 Britto.
 Dir. Av. — Major Godofredo Vidal
 Dir. Eng. — Cap. Amanajás de
 Carvalho
 Dist. Art. C. — 1.º Ten. Roberto
 Pessôa
 Dir. M. B. — 1.º Ten. J. Duque
 Estrada
 Dir. Res. — Cap. Danton P. Benites
 Dir. Int. G. — 1.º Ten. Ruy Bel-
 monte
 Dir. S. S. —
 Dir. S. Vet. —
 S. Geo. P. A. — Cap. Octavio A.
 da Silva
 S. Subsistência — Cap. Severo C.
 de Souza
 1.º Gr. Regiões — Ten. Geraldo L.
 do Amaral
 2.º Gr. Regiões — Cap. Gentil
 Barbato
 Q. G. da 1.ª R. M. — Cap. João
 Ribeiro
 Q. G. da 2.ª R. M. — 1.º Ten.
 Luiz B. Condado
 Q. G. da 3.ª R. M. — Major Oscar
 B. Falcão
 Q. G. da 4.ª R. M. — Ten. Jehovah
 Moraes
 Q. G. da 5.ª R. M. — Cap. J. B.
 Rangel
 Q. G. da 6.ª R. M. — Ten. Mu-
 rillo B. Moreira.</p> | <p>Q. G. da 7.ª R. M. — Cap. M.
 O'Reilly de Souza
 Q. G. da 8.ª R. M. — Cap. M.
 Mendes de Moraes
 Q. G. da 9.ª R. M. — Cap. Nilo
 Guerreiro
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo
 Dir. E. armas — Cap. J. B. Mattos
 E. Inf. — Cap. José Adolpho Pavel
 E. Cav. — Cap. Luiz N. Andrade
 E. Art. — Ten. C. Rocha Santos
 E. Eng. — Cap. Luiz Bettamio
 C. I. T. — 2.º Ten. Milton R. Vieira
 E. Technica — Cap. Pompeu Monte
 E. Av. M. — 1.º Ten. Danilo Pa-
 ladini
 C. I. Art. Costa — Maj. J. Bina
 Machado
 E. Int. — Cap. Aquino Granja
 E. E. Ph. E. — Major Raul Vas-
 concellos
 E. M. — 1.º Ten. Geraldo Côrtes
 E. Vet. E. — 1.º Ten. Waldemar
 C. Fretz
 C. A. Sgt. Inf. — 1.º Ten. Taltibio
 de Araujo
 C. M. R. J. — 1.º Ten. Celesio
 Braga
 C. M. P. A. — 1.º Ten. Saul F. Pons
 C. M. Ceará — 1.º Ten. Benedito
 F. Diniz
 Fab. P. S. F. — Cap. Osmar Pons
 Fab. P. Inf. — Cap. Antonio de
 Britto Junior
 Fab. P. Art. — 1.º Ten. José Car-
 los Ribeiro
 Fab. M. C. G. — 1.º Ten. Haroldo
 Pradel de Azambuja.
 Art. G. R. Grande — 1.º Ten. Da-
 niel Balbão
 Corpo Fz. Navaes — Ten. Candi-
 do da Costa Aragão.</p> |
|--|--|

TROPA Infantaria

- | | |
|--|---|
| <p>1.ª Bda. I. — 1.º Ten. Antonio B.
 Moreira
 2.ª Bda. I. —
 7.ª Bda. I. — Cap. Armando C. Lima</p> | <p>Btl. Guardas — 1.º Ten. Aymar
 de Lima
 Btl. Escola — 2.º Ten. Durval
 Sayão</p> |
|--|---|

- 1.^º R. I. — Cap. Souza Aguiar
 2.^º R. I. — 2.^º Ten. Dilermando G. Monteiro
 3.^º R. I. — 1.^º Ten. Anthero de Almeida
 4.^º R. I. — 1.^º Ten. Paulo A. de Miranda
 5.^º R. I. — 2.^º Ten. Francisco A. Galvão
 II/5.^º R. I. — 1.^º Ten. Luiz M. Chaves
 III/5.^º R. I. — 1.^º Ten. Alcides Coelho
 6.^º R. I. — Cap. Ary Ruch.
 7.^º R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho
 8.^º R. I. — 1.^º Ten. Cândido L. Villas Bôas
 I/8.^º R. I. — Cap. Felicíssimo A. de Aveline
 9.^º R. I. — 1.^º Ten. Almir L. Furtado
 I/9.^º R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.^º R. I. — 1.^º Ten. A. J. Corrêa da Costa
 11.^º R. I. — 1.^º Ten. Luiz de Faria
 12.^º R. I. — 1.^º Ten. Atila Barroso
 13.^º R. I. — 1.^º Ten. Iracílio Pessôa
 1.^º B. C. — Ten. Araken Araré Torres
 2.^º B. C. — Ten. Marcio de Menezes
 3.^º B. C. — Ten. Moacyr L. de Rezende
 4.^º B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra
 5.^º B. C. — Cap. Dr. Oscar Vouzella
 6.^º B. C. —
- 7.^º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.^º B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto
 9.^º B. C. — 1.^º Ten. Domingos Jorge Filho
 10.^º B. C. — Cap. Ernesto L. Machado
 13.^º B. C. — Asp. Heitor Vasconcelos
 14.^º B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo
 15.^º B. C. — Cap. H. A. Castello Branco
 16.^º B. C. —
 17.^º B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso
 18.^º B. C. — Cap. J. R. de Araujo Sobrinho
 19.^º B. C. — 1.^º Ten. Murillo Borges Moreira
 20.^º B. C. — Cap. Italo de Almeida
 21.^º B. C. —
 22.^º B. C. — Cap. Leandro J. da Costa
 23.^º B. C. —
 24.^º B. C. — 1.^º Ten. A. Collares Moreira
 25.^º B. C. — 1.^º Ten. André Monteiro
 26.^º B. C. — Cap. Eurides C. Robim
 27.^º B. C. — Cap. Mario S. Machado
 28.^º B. C. — Ten. J. B. Carmello
 29.^º B. C. — Cap. Frederico M. C. Monteiro
 Cont. de Porto Velho — Cap. Aluizio

Cavalaria

- Q. G. da 2.^a D. C. — Cap. Hoche Pulcherio
 Q. G. da 6.^a Bda. C. — 1.^º Ten. Edson Condensa.
 R. Andrade Neves — Ten. Lady T. Cirne
 1.^º R. C. D. — Cap. Cyro R. Rezende
 2.^º R. C. D. — 2.^º Ten. José P. de Oliveira
 IV/2.^º R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz
 3.^º R. C. D. — Ten. Alvaro Vieira
- 4.^º R. C. D. — Ten. Humberto Pelegriño
 5.^º R. C. D. — 2.^º Ten. Bellarmino J. de Mendonça
 1.^º R. C. I. — Ten. Mario Pantoja
 2.^º R. C. I. —
 3.^º R. C. I. — Ten. João C. Guimarães
 4.^º R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins
 5.^º R. C. I. —
 6.^º R. C. I. — Cap. Francisco A. Rosas

- 7.^o R. C. I. — Cap. Armando Ro-
lim
8.^o R. C. I. — Cap. José T. Arruda
9.^o R. C. I. — Cap. Marcos M. de
Azambuja
10.^o R. C. I. — Ten. A. de Lima
Mendes

- 11.^o R. C. I. — Ten. Celso Mon-
teiro
12.^o R. C. I. — Ten. Carlos Braga
Chagas
13.^o R. C. I. —
14.^o R. C. I. —

Artilharia

- Grupo Escola — Ten. Ernesto Geisel
1.^a R. A. M. — Cap. Edgard M.
Portugal
2.^o R. A. M. — Ten. Ilton da Fon-
seca
4.^o R. A. M. — 2.^o Ten. Jonathas
P. Lisboa
5.^o R. A. M. — 2.^o Ten. Zair de
Figueiredo
6.^o R. A. M. — Ten. Lourival
Doederlein
8.^o R. A. M. — Ten. José O. Alves
de Souza
9.^o R. A. M. — Cap. Arthur da
C. Seixas
1.^o G. A. Do. — Ten. Celso Ara-
ripe
2.^o G. A. Do. — 2.^o Ten. Leandro
Monte Alegre
3.^o G. A. Do. — Ten. Maury P.
Lima
4.^o G. A. Do. — Ten. Waldemar
Turolla
5.^o G. A. Do. — Ten. Henrique
M. R. de Mello
1.^o G. O. — Ten. Francisco A.
Gonçalves
2.^o G. O. — Cap. João D. da Fon-
seca
3.^o G. O. — Ten. Eduardo Barros
R. Mix. A. — Cap. Ascendino J.
Pinheiro

- 1.^o G. A. Cav. — Cap. Celio M.
Ferreira
2.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Alberico
Cordeiro
3.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Jorge
Cezar Texeira
4.^o G. A. Cav. — Ten. José de M.
Mourão
5.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Edson
Figueiredo
Font. Sta. Cruz — Ten. Antonio
Sá B. Lemos Filho
Fort. S. João — Ten. Micaldas
Corrêa
Fort. Itaipú — Ten. Henrique Man-
gini Junior
Fort. Obidos — Ten. Raul A. dos
Santos
Fort. Coimbra —
Fort. Copacabana — Ten. Flam-
marion Pinto de Campos
Fort. do Vigia —
Fort. de São Luiz —
Fort. Imbuhy —
Fort. Marechal Hermes — 1.^o Ten.
Francisco X. M. Cordovil
Fort. Marechal Luz —
Fort. Marechal Moura —
Fort. Lage — Ten. Americo F. da
Silva
Bia. I. Art. Do. — Cap. Leandro
J. da Costa

Engenharia

- Unidade Escola
1.^o B. Trans. — 2.^o Ten. Eduardo
D. de Oliveira
1.^o B. Sap. —
2.^o B. Sap. — 1.^o Ten. Sebastião
V. Moraes
3.^o B. Sap. — Ten. Luiz P. Pessoa
4.^o B. Sap. — Maj. Abacilio F. dos
Reis

- 1.^o B. Pnt. — 2.^o Ten. Edgard So-
tér da Silveira
2.^o B. Pnt. — Cap. Aurelio de
Lyra Tavares
1.^o Bt. F. V. — Cap. Francisco R.
Castro
1.^o Cia. P. Terr. — Cap. Ladislau
N. de Azevedo
6.^o Cia. P. Terr. — Ten. José C.
Morganti

Aviação

- | | |
|--|----------------------------------|
| 1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. Lima | 4.º R. Av. — |
| 2.º R. Av. — | 5.º R. Av. — 1.º Ten. Jocelin B. |
| 3.º R. Av. — Te. Herminio V. de Carvalho | Brasil |

Reserva

- | | |
|--|---|
| C. P. O. R. 1.ª R. M. — 1.º Ten. Nelson R. de Carvalho | F. P. São Paulo — Major José Maria dos Santos |
| C. P. O. R. 2.ª R. M. — 2.º Ten. Nestor Torres | P. M. da Bahia — Ten. Cel. Philadelpho Neves |
| C. P. O. R. 5.º R. M. — 1.º Ten. Raymundo Dalcol | Cont. P. M. Bahia (Uauá) — Ten. José Fernandes Vieira |
| P. M. Dist. Federal — Major Joaquim Miranda Amorim | F. P. do Espírito Santo — Major Manoel Henrique Vilú. |

UM BOM LIVRO

Pandiá Calogeras — *Formação Histórica do Brasil* — 2.º Edição — (Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1935).

Esta notável obra de Calogeras constitui mais um volume — o XLII — da Serie Brasiliiana da Biblioteca Pedagógica Brasileira.

E' inestimável o serviço intelectual prestado pelos livros da Brasiliiana: quasi todos elles deveriam figurar em nossas estantes.

Infelizmente, a cultura histórica, regra geral, tem descido em nosso meio. Na história que se aprende nos gymnasios não se estuda o nexo profundo que liga os acontecimentos nem as raízes ocultas das grandes modificações. E essa mera narrativa gymnasial é muitíssimas vezes o único conhecimento histórico que a grande maioria possue.

Isto é profundamente deplorável e origem de desapegos inexplicáveis.

O trabalho de Calogeras é o do verdadeiro historiador, apreciação de conjunto, situando causas e efeitos e permitindo um juizo sobre os principaes factos económicos, políticos e sociais da nossa evolução histórica. Seu estudo vai desde o nosso descobrimento até à presidência do Sr. Washington Luiz.

"*Formação Histórica do Brasil*" não dispensa, é claro, o estudo das nossas grandes obras históricas — de Porto-Seguro, João Ribeiro, etc. — nem é um trabalho definitivo, mas certamente constitue synthese admirável que facilita o esforço dos que não disponham de muito tempo para estudos parciais aprofundados e merece ser lido attentamente por todos.